

**Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História  
Dissertação de Mestrado  
Orientador: Artur C. Isaia**

“Cultura Racional: As leituras do ‘Maior Homem do Mundo’”

**Ricardo Neumann**

**Florianópolis, 2008**

## Resumo

Esta dissertação tem como assunto a Cultura Racional. Trata-se de um movimento criado na década de trinta, no Rio de Janeiro, por um egresso da Umbanda chamado Manoel Jacintho Coelho. A Cultura Racional, apesar de apresentar características do discurso religioso, não se assume como religião. Assim, para compreendermos a sua peculiar ligação com o campo religioso brasileiro iremos, através de conceitos de fundação e formação, circularidade cultural e apropriação, observar o contexto, o papel de Manoel e suas leituras, capazes de plasmar a Cultura Racional.

**Palavras Chave:** Cultura Racional, Campo Religioso, Discurso Religioso.

## **Abstract**

The subject of this dissertation is Rational Culture. Rational Culture is a movement created in the 1930's in Rio de Janeiro by a former member of Umbanda called Manoel Jacintho Coelho. Although Rational Culture presents characteristics of religious discourse, it does not affirm itself as a religion. Therefore, in order to understand its peculiar connection with the Brazilian religious field, we will, through the concepts of foundation and formation, cultural circularity, and appropriation, observe the context, Manoel's role and his readings, which manage to enlighten the Rational Culture.

**Key words:** Rational Culture, Religious Field, Religious Discourse

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>5</b>
<b>Capítulo 1 .....</b>	<b>18</b>
<b>A Criação da Cultura Racional</b>	
<b>Capítulo 2 .....</b>	<b>40</b>
<b>“O ‘Homem de Outro Mundo’”</b>	
<b>Capítulo 3 .....</b>	<b>56</b>
<b>Cultura Racional: letramento e apropriações</b>	
<b>Conclusão .....</b>	<b>86</b>
<b>Fontes .....</b>	<b>93</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>94</b>
<b>Web grafia .....</b>	<b>96</b>

## *Introdução*

Há quatro anos que venho, sob a orientação do professor Artur Cesar Isaia, trabalhando em minha pesquisa sobre a Cultura Racional. No decorrer desse período, pudemos perceber o quanto dinâmico pode ser um processo de criação. Assim, num primeiro momento, iniciei minha pesquisa no Laboratório de Religiosidade e Cultura, impulsionado pela admiração dos dois belíssimos álbuns gravados por Tim Maia<sup>1</sup>. Tim Maia deixou esses registros quando, na década de setenta (1974/1976), ingressou na Cultura Racional. Após esses anos, esse processo de criação (a pesquisa) e suas motivações, com as inúmeras aprendizagens estabelecidas por leituras, aulas e muitas outras coisas, foram redimensionando-se. Hoje, em nossa dissertação de mestrado, pretendemos, através de conceitos como fundação e formação, circularidade cultural e apropriação, compreender as nuances que permitiram o aparecimento de um movimento tão peculiar como a Cultura Racional na década de trinta, bem como qual era a importância do contexto, qual foi o papel de Manoel e quais foram as diferenças entre suas obras e as conjecturas de suas leituras, na criação da Cultura Racional.

A Cultura Racional foi criada em 04 de outubro de 1935, no Rio de Janeiro, capital, pelo, até aquele dia, médium de Umbanda, Manoel Jacintho Coelho<sup>2</sup>. Segundo a obra que relata a vida de Manoel, “O Cavaleiro da Concórdia”<sup>3</sup>, nessa data o médium “teria recebido” da entidade suprema da Cultura Racional, seu “Deus”, o Racional Superior<sup>4</sup>, os primeiros ensinamentos que ele “teria de repassar à humanidade”. Esses ensinamentos, que

---

<sup>1</sup> A música é um dos principais meios de divulgação da Cultura Racional. Tim Maia, quando participou da mesma, 1974/ 1976, gravou dois discos. Esses têm músicas que apresentam como tema a doutrina da Cultura Racional. Esses discos se chamam “Tim Maia Racional Vol. 1 e Tim Maia Racional Vol. 2”.

<sup>2</sup> Manoel foi o criador da Cultura Racional. Nascido no Rio de Janeiro o mesmo foi até 1935 um médium de Umbanda e funcionário público. No entanto aos 32 anos, em 1935, o mesmo criou a Cultura Racional, movimento que liderou até a sua morte em 1991.

<sup>3</sup> Essa biografia é de autoria de um participante do movimento e contou com a contribuição do próprio Manoel em sua confecção. Assim, pelo caráter orgânico da mesma, devemos sempre relativizá-la. À frente veremos mais sobre essa fonte.

<sup>4</sup> Entidade suprema da Cultura Racional (equivalente a Deus para os cristãos), que teria ditado seus ensinamentos sobre de onde vem, o que são e para onde vão os seres humanos, a Manoel Jacintho Coelho.

seriam “ditados” a Manoel pelo Racional Superior, originaram a obra “Universo em Desencanto”<sup>5</sup>, base da Cultura Racional.

A primeira sede da Cultura Racional foi no próprio Centro Espírita São Francisco de Assis<sup>6</sup>, no Méier, Rio de Janeiro, onde, anteriormente, Manoel era médium de Umbanda. Alguns anos depois, o movimento mudou-se para Jacarepaguá, ainda na capital fluminense. Posteriormente a sede da Cultura Racional deslocou-se para Belford Roxo, rua Áurea, número vinte, baixada fluminense. Lá, segundo a biografia de Manoel, foi construído o “Palácio da Cultura Racional”. Atualmente a sede nacional do movimento está em Nova Iguaçu, na localidade de Vila Cava, também na Baixada Fluminense, e chama-se “Retiro Racional”.

Os adeptos do movimento se alto denominam “estudantes”. Esses vestem-se de branco, influência da Umbanda (antiga filiação de Manoel), e se cumprimentam com a expressão: Salve! Existem na Cultura Racional quatro datas comemorativas “oficiais”. Essas datas são: 13 de maio, “Dia da Libertação da Matéria”<sup>7</sup>, 02 de setembro, “Dia da Divina Providência”, 04 de outubro, “Dia da Cultura Racional”, e 30 de dezembro, “Dia do Sábio”.

Fazem parte da estrutura física do movimento, além do Retiro Racional, a Racional Gráfica Editora LTDA, responsável pela impressão de materiais como: o Jornal Racional, a obra “Universo em Desencanto” e os panfletos de divulgação dela; e as Livrarias Racionais. As “livrarias” estão espalhadas por inúmeras cidades brasileiras e servem como pontos de encontro dos adeptos e local de divulgação do movimento. Essas são também bibliotecas que funcionam para “passar” os conhecimentos àqueles que não têm o poder aquisitivo para adquirir os livros da obra “Universo em Desencanto”, que também são vendidos lá. Elas

---

<sup>5</sup> Essa obra soma mais de mil volumes (21 da obra, mais 21 da réplica, 21 da tréplica e 943 livros do Histórico) e só foi terminada por Manoel Jacintho Coelho em 04 de Junho de 1988.

<sup>6</sup> Essa era antes uma Tenda de Umbanda. Até hoje a justificativa jurídica e social da Cultura Racional é “Tenda Espírita São Francisco de Assis”. Essas informações são de nossos arquivos pessoais [ricardoneumann@hotmail.com], e foram repassadas por um estudante da Cultura Racional [ciceroviana@mundoracional.com.br] no dia 15/09 de 2007.

<sup>7</sup> Essa data nos permite traçar um paralelo entre a Umbanda, antiga filiação de Manoel, e sua criação, a Cultura Racional, já que na Umbanda a abolição da escravidão e o advento da República são vistos como estágios mais evoluídos da humanidade, assim como ela mesma, que liga sua data de fundação com o dia em que foi estabelecida a República no Brasil, 15 de novembro. Nesse sentido em sua criação Manoel ressaltou o dia da abolição como uma “data oficial” na Cultura Racional, relacionado assim a mesma com um “curso evolutivo” da humanidade. Ver ISAIA, Artur C.. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999, p. 104.

são administradas por “estudantes” voluntários e financiadas pelo movimento e pelas pequenas contribuições dos associados a elas (usuários da biblioteca). Há também nessas “livrarias” artigos de papelaria e suvenires, além de cd’s de música de divulgação da Cultura Racional.

A música é um dos meios de divulgação da Cultura Racional. Na década de setenta, mais precisamente em 1974 (como já frizamos), Sebastião Rodrigues Maia, vulgo Tim Maia, “topou” com o livro “Universo em Desencanto”, conheceu a Cultura Racional e aderiu ao movimento. Após sua adesão ao movimento, sua vida mudou radicalmente. Tim arrastou consigo a sua banda, mudou seus hábitos e transformou-se em um pregador do movimento, mudando seus pertences (móveis, roupas.) para a cor branca, parando de se drogar, tentando converter os amigos e gravando as próprias custas dois discos para divulgar a Cultura Racional. Nesses álbuns todas as músicas servem para divulgar a Cultura Racional e sua doutrina. As letras muitas vezes são cópias fiéis de trechos da obra “Universo em Desencanto”.

Na época da passagem de Tim Maia pela Cultura Racional, podemos observar dois fatos importantes da história desta. Um foi que a década de setenta representou o auge da popularidade do movimento. Nessa época, além de Tim Maia, outros famosos faziam parte da Cultura Racional, como, por exemplo, o compositor João Roberto Kelly, autor da marchinha de carnaval “Cabeleira do Zezé”, e o ator Prócopio Ferreira. O outro fator relevante foi que ainda na década de setenta, após a saída de Tim Maia da Cultura Racional esta iniciou seu período de retração. Os boatos de que Manoel J. Coelho tinha não só interesses espirituais, mas também interesses financeiros<sup>8</sup>, afastaram não só Tim Maia e os outros famosos que participavam do movimento, como também inúmeros adeptos anônimos da Cultura Racional.

Hoje a música ainda continua a ser um meio de divulgação da Cultura Racional. Existem diversas “bandas racionais”, com ritmos e estilos distintos, que fazem músicas para divulgá-la. Essas bandas são de diferentes partes do país. As mesmas se apresentam nos encontros no Retiro Racional (datas “oficiais”), em datas cívicas (07 de setembro), e em “dias da Cultura Racional”. Essas são datas que homenageiam a Cultura Racional em

---

<sup>8</sup> MASSON, Celso. **A viagem esotérica de Tim Maia**. São Paulo, SP, Revista Trip, ano 15 (94): p.84-92/116, outubro de 2001. Devemos questionar essa fonte devido a sua natureza, mas sem dúvidas os relatos de amigos e conhecidos de Tim Maia que a revista trás são de muito valor para nossa pesquisa.

algumas cidades, como, dia 23 de julho, em Cuiabá, MT, ou, dia 23 de março, em Betim, MG, por exemplo.

A propaganda é tida como um “dever” na Cultura Racional. Além das bandas podemos observar a divulgação do movimento através de exposições de painéis que são feitas por seus adeptos em praças de várias cidades brasileiras. Existem também programas de rádio e a internet. Seja pelos *sites* oficiais<sup>9</sup>, ou pelos inúmeros *sites* feitos por adeptos, ou pelas comunidades no *orkut*, ou grupos de bate-papo, podemos observar que essa mídia é extremamente explorada pelo movimento. Essa vem sendo recentemente o meio de promoção mais utilizado pela Cultura Racional.

Segundo o próprio movimento<sup>10</sup>, hoje a Cultura Racional conta com, mais ou menos, 15.000 adeptos. Esses dados nos fazem perceber que o movimento tem uma exposição na mídia, devido aos dois álbuns de Tim Maia, que não condiz com seu “pequeno”<sup>11</sup> número de adeptos, o que faz com que pensemos na Cultura Racional como inserida no conceito de Carvalho<sup>12</sup> de “visibilidade relativa”, ou seja, a exposição dela na mídia não é proporcional ao seu real tamanho. Percebemos também que o incomensurável número de *sites* sobre a Cultura Racional supera e em muito, o seu número de adeptos. Nesse sentido podemos compreender que, para além daqueles que se dizem participantes da Cultura Racional, existe um espectro maior de pessoas que tem contato com a ela. Segundo a biografia de Manoel, a Cultura Racional teria chegado a diversos países como, Austrália, Japão, Moçambique, Estados Unidos e Uruguai, entre outros.<sup>13</sup> Essas informações devem ser relativizadas devido ao caráter orgânico da fonte como vimos acima.

Quanto ao seu alicerce doutrinário, o movimento se apóia nas idéias de leitura e letramento. Baseando-se exclusivamente em uma escrituração, a obra “Universo em Desencanto”. E vendo na leitura dessa o único caminho para a “salvação” da humanidade, a chamada “Imunização Racional”. “Só” quem lesse o livro estaria “imunizado” e iria poder

---

<sup>9</sup> [www.cultura.racional.com.br/](http://www.cultura.racional.com.br/) [www.mundoracional.com.br](http://www.mundoracional.com.br)

<sup>10</sup> MASSON, Celso. Op. Cit.

<sup>11</sup> Se considerarmos que outras filiações mais tradicionais como, por exemplo, o Hinduísmo, conta com menos de 3.000 adeptos, ou que o número de muçulmanos não supera os 20.000, não podemos ver o número de adeptos da Cultura Racional como tão “pequeno”. Ver PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil – O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. *Estudos Avançados*. 18(52), 2004, p.20

<sup>12</sup> CARVALHO, José Jorge de. O encontro de velhas e novas religiões. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.72

<sup>13</sup> ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. 1º ed, Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988, Belford Roxo, RJ, p. 128



na hora determinada retornar ao mundo de origem de “todos”, a “Planície Racional”, onde “finalmente reinaria a total paz e harmonia” entre os homens.

Desde o falecimento de Manoel, em 13 de janeiro de 1991, quem dirige a Cultura Racional é Atna Jacintho Coelho, sua filha. Hoje ela é tida como representante do Racional Superior na terra, e “teria sido instituída” como tal por ele. Isso reflete o modo centralista e personalista como o movimento é organizado, já que num movimento baseado na “revelação” que Manoel “teria tido”, nada mais “tranquilizador” e paternalista do que a instituição de sua filha como a nova líder para dar continuidade a seu trabalho.

Em relação aos fatores marcantes de nosso interesse pelo estudo da Cultura Racional, um deles é a pouquíssima familiaridade da academia com o tema. Desse modo, o estudo sobre a Cultura Racional pretende inserir um novo elemento no campo<sup>14</sup> religioso brasileiro, bem como um novo objeto de pesquisa na área das religiosidades<sup>15</sup> e da cultura brasileira. Agregamos à lista de elementos motivadores de nossa pesquisa, a peculiar articulação que o discurso da Cultura Racional tem com o discurso religioso, já que a Cultura Racional não se mostra como religião, apresentando-se como um movimento cultural, uma organização, que teria como objetivo levar as pessoas à compreensão de sua

---

<sup>14</sup> Vamos nos ater à noção de campo religioso, conforme aparece em Pierre Bourdieu, como um desigual sistema de forças (religiosas), dotadas de uma desigual acumulação de capital simbólico. Ou, nas suas palavras “Equanto resultado da monopolização da gestão dos bens de salvação por um corpo de *especialistas* religiosos, socialmente reconhecidos como os detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘*corpus*’ *deliberadamente organizado* de conhecimentos secretos (e portanto raros), a constituição de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que dele são excluídos e que se transformam por essa razão em leigos (ou *profanos*, no duplo sentido do termo) destituídos do *capital religioso* (enquanto trabalho simbólico acumulado) e reconhecendo a legitimidade desta desapropriação pelo simples fato de que a desconhecem enquanto tal”. Ver BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 39.

<sup>15</sup> Nossa pesquisa insere-se em uma vertente que privilegia as religiosidades como objeto de pesquisa, atenuando a presença anteriormente dominante das religiões. Antes de mais nada, porque reconhecemos como Pierre Sanchis, que o campo religioso, na atualidade, tornou-se mais complexo. Não mais formado apenas por aquilo que a sociologia tradicional enfocava como “religião” (doutrina específica através de uma teologia, corpo sacerdotal, sistema hierarquizado e institucionalizado). Por religiosidade passamos a entender, “a procura espiritual de uma relação com o sagrado, e não um processo de identificação com um conjunto de regras rituais e normativas de uma igreja”. Ver SANCHIS, Pierre. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995). O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 92. Também nos atemos ao pensamento de Albuquerque que, citando Dominique Júlia, mostra a abordagem da chamada “história religiosa”. Essa, que usaremos em nosso trabalho, privilegia o contexto histórico no qual se insere a religião. Desse modo não é valorizada da mesma forma a independência e a peculiaridade do objeto, como é feito na história das religiões, onde os objetos de pesquisa como instituições religiosas, por exemplo, são compreendidas somente a partir deles mesmos.) Ver ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos de. Distinções no campo de estudos da religião e da História. In: GUERREIRO, Silas. **O estudo das religiões. Desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 65.

origem, natureza e destino. Apesar disso, nossa vivência com as fontes mostrou-nos que seu discurso está impregnado da lógica que preside a inserção das religiosidades no campo religioso.

Em nosso Trabalho de Conclusão de Curso<sup>16</sup>, já pudemos observar, a partir dos estudos de Eni Orlandi<sup>17</sup>, diversas características que ligam o discurso da Cultura Racional à lógica de interlocução do discurso religioso, pois, para Orlandi, a dinâmica de interlocução do discurso religioso caracteriza-se por uma assimetria de posições. Nessa relação de interlocução alguém (padre, pastor, profeta) diz falar em nome de Deus.<sup>18</sup> Dessa forma, seu criador, Manoel Jacintho Coelho, é tido como o representante da entidade suprema da Cultura Racional, o “Racional Superior”, falando e calando por ela. Outras aproximações entre o discurso da Cultura Racional e o discurso religioso, segundo as categorias de análise propostas por Orlandi, são a idéia de um “desnívelamento fundamental”:

Partindo, então, da caracterização do discurso religioso como aquele em que fala a voz de Deus (em nosso caso do Racional Superior), começaria por dizer que, no discurso religioso, há um desnívelamento fundamental na relação entre o locutor e o ouvinte: o locutor é do plano espiritual (o Sujeito Deus) e o ouvinte é do plano temporal (os sujeitos homens).<sup>19</sup>

Além disso, vamos recorrer à idéia do “apaziguamento” no interior do discurso religioso. Isso seria para Orlandi: “(...) a garantia absoluta de que está tudo bem, assim, e que, na condição de os sujeitos reconhecerem o que eles são e de condizerem de acordo, tudo correrá bem”.<sup>20</sup> Idéia essa que vai de encontro ao caráter soterológico e salvacionista, do discurso da Cultura Racional, onde a leitura da obra de Manoel é vista como único caminho para a “salvação”.

---

<sup>16</sup> NEUMANN, Ricardo. **A Cultura Racional e o campo religioso brasileiro contemporâneo**, 2006.

<sup>17</sup> Esses estudos buscam “(...) instituir um parâmetro exploratório, a partir do qual poderão observar as formas de religião em geral, ou seja, as diversas maneiras que o homem (e as mulheres) tem de se relacionar com o sobre natural”. ORLANDI, Eni P. O discurso pedagógico: a circularidade e o discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987, p. 243.

<sup>18</sup> ORLANDI, Eni P. Op. Cit, p.242

<sup>19</sup> ORLANDI, Eni P. Op. Cit, p.243

<sup>20</sup> ORLANDI, Eni P. Op. Cit, p.242

A Cultura Racional surgiu em um contexto muito especial do campo religioso da década de trinta e que muito esclarece sobre ela. Através da análise desse contexto, podemos verificar o porquê da peculiar articulação da Cultura Racional com o campo religioso, principalmente se observarmos o que ocorria no campo mediúnic<sup>21</sup> na época e as idéias que o perpassavam.

Durante a década de trinta houve uma intensificação na perseguição às religiões mediúnicas, fundamentalmente àquelas ligadas ao passado africano, como a Umbanda. As novas condições de urbanização dos grandes centros do sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) foram um fator preponderante nesse processo<sup>22</sup>, já que as práticas rituais das religiões mediúnicas afro não se “adaptavam”, na visão das elites “civilizadas”, à nova ordem vigente decorrente do crescimento das cidades. Com isso, intensificou-se o trabalho dos chamados intelectuais da Umbanda<sup>23</sup>, que tentavam dotá-la de um reconhecimento social de seu capital simbólico<sup>24</sup>. Ortiz<sup>25</sup>, fala de um processo de “legitimação racional”, no qual esses intelectuais tentarão dotar a Umbanda de uma base doutrinária escriturística, a fim de separá-la do caráter ágrafo do Candomblé.

Mas a essas alturas o leitor já deve estar se perguntando: e o que isso tudo teria a ver com a Cultura Racional? Tudo poderíamos dizer! Antes de criar a Cultura Racional, Manoel era um médium de Umbanda. Como tal, estava inserido em todo o seu debate

---

<sup>21</sup> Reconhecemos, a partir de Bourdieu um campo mediúnic. Este é formado por várias denominações, que professam a crença na reencarnação e na comunicação entre os espíritos, dotadas de desiguais processos de acumulação simbólica (algumas são mais reconhecidas que outras). Embora não possamos articular totalmente a Cultura Racional ao campo mediúnic, vamos enfocá-la interagindo constantemente com este.

<sup>22</sup> Ver ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>23</sup> Por intelectuais da Umbanda vamos entender aqueles umbandistas que em um determinado contexto (primeira metade do século XX) “desenvolveram todo um discurso denunciador de práticas “fetichistas e supersticiosas”, avessas [para os mesmos] ao progresso e à civilização”, então perseguidos através de uma tentativa de codificação da Umbanda. Entre esses intelectuais da Umbanda podemos citar, Emanuel Zespo e Martha Justina. Ver ISAIA, Artur C. Op. Cit.

<sup>24</sup> Por capital simbólico entendemos, segundo Bourdieu, que “sendo uma relação de comunicação entre um emissor e um receptor, fundada no deciframento, e portanto na operação de um código ou de uma competência geradora, a troca lingüística é também uma troca econômica que se estabelece em meio a uma determinada relação de força simbólica entre um produtor, provido de um dado capital lingüístico, e um consumidor (ou um mercado), capaz de propiciar um certo lucro material ou simbólico. Em outros termos, os discursos não são apenas (a não ser excepcionalmente) signos destinados a serem compreendidos, decifrados; são também signos de riqueza a serem avaliados, apreciados, e signos de autoridade a serem acreditados e obedecidos. BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**; prefácio Sérgio Miceli. – São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1996, p. 53.

<sup>25</sup> ORTIZ, Op.Cit.

interno como um provável intelectual<sup>26</sup>. A partir desse ponto, podemos compreender muito do processo de constituição da Cultura Racional, bem como o porquê de sua peculiar articulação com o campo religioso. Ao analisarmos o campo religioso como nos expõe Miceli, através de sua leitura de Pierre Bourdieu, como um lugar onde agentes como sacerdotes, leigos e profetas enfrentam-se por suas convicções<sup>27</sup> e dentro desse travam “relações de concorrência que opõe os diferentes especialistas” e que isso “constitui o princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa”<sup>28</sup>. Podemos observar que a criação da Cultura Racional está fortemente ligada a uma empreitada profética<sup>29</sup> de Manoel, alicerçada em sua leitura das idéias sobre uma racionalização da Umbanda.

A base da Cultura Racional, segundo os ensinamentos de Manoel a seus adeptos, é a leitura da obra “Universo em Desencanto”. Somente através da leitura dessa obra é que as pessoas poderiam obter a salvação. Assim podemos perceber a importância dada por Manoel à leitura e ao letramento e como essa estratégia pretendia captar adeptos dentro daquele contexto do campo religioso mediúnico, já que nesse uma religião mediúnicamente teria, teoricamente<sup>30</sup>, mais reconhecimento social quanto mais tendesse para o lado Espírita do campo mediúnico<sup>31</sup>, com ênfase no escriturístico.

---

<sup>26</sup> “Intelectuais da Umbanda” eram seguidores dela e produtores de bens simbólicos, os quais no início da Umbanda, quando esta sofria com as perseguições, tentaram dotá-la de capital simbólico através da aproximação dela com valores espíritas como, o livro e a idéia de evolução. Esses e suas exegeses não podem ser considerados como normatizadores da Umbanda, já que na prática a maioria dos adeptos não cooptou, não reproduziu, os discursos desses “intelectuais”. Ver ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999.

<sup>27</sup> MICELI, Sergio. Prefácio. In: Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. XXV.

<sup>28</sup> BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987, p. 50.

<sup>29</sup> Profética no sentido que nos expõe Bourdieu, que afirma que um profeta é um sacerdote que a partir de uma heresia, uma mudança na doutrina de sua filiação, cria outra, apenas com sua habilidade discursiva, como veremos melhor mais à frente. Ver BOURDIEU, Pierre. Op. Cit.

<sup>30</sup> Como já colocamos não devemos nos esquecer que muitos estudos nos mostram que a realidade das práticas populares não andam sempre de acordo com as idéias dos produtores de sentidos. Ver ISAIA, Artur C. Op. Cit.

<sup>31</sup> Nesse sentido podemos entender o campo mediúnico como um “continuum”. Segundo Candido Procópio o “continuum” constituiria um gradiente que abarca desde as formas mais africanistas da Umbanda até o Kardecismo mais ortodoxo, no qual “o princípio teórico que preside a organização do “gradiente” umbandista é a doutrina Espírita da evolução, aplicada no sentido de valorização máxima da vivência religiosa de feitio internalizado e ético e de desconsideração pelas formas materiais do culto, especialmente aquelas que implicam o uso do álcool e fumo, símbolos do “atraso” e dependência da matéria”. Ver CAMARGO, Candido P. Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

A idéia de letramento foi levada quase a um extremo na obra de Manoel. Nesse sentido o livro passa por uma resignificação de caráter essencialmente mágico<sup>32</sup>. Essa resignificação diz respeito à idéia propalada pela obra de Manoel, segundo a qual, mesmo sem ler, o simples contato físico com o livro “O Universo em Desencanto”, seria suficiente para levar o estudante à salvação, o que não impossibilita, portanto, a adesão de analfabetos e cegos ao movimento.

Para esquadriharmos a particularidade das leituras de Manoel, iremos buscar na leitura de Carlo Ginzburg a idéia de circularidade cultural<sup>33</sup>, apropriada por este a partir de suas leituras de Baktin, uma vez que as singulares leituras de Manoel de obras como a “Bíblia”, ou de idéias assumidas a partir do contato com os evolucionistas, podem ter advindo do fato dele, como Menocchio, ter transitado pela “cultura popular” e pela “cultura de elite”.

O forte caráter personalista da Cultura Racional nos faz tentar entender, para além do contexto, a Cultura Racional como uma mudança das idéias de Manoel - médium de Umbanda - para as idéias de Manoel - criador da Cultura Racional. Nunca perdendo de vista a idéia de que a Cultura Racional é um produto de seu meio, buscaremos ressaltar a importância do toque pessoal de Manoel na criação da Cultura Racional. Ou seja, pelo fato de a Cultura Racional basear-se quase que exclusivamente na codificação de Manoel, a obra “Universo em Desencanto”, a história dela confunde-se com a história de seu criador e produtor de sentidos. Dessa forma, mesmo naquele caldo cultural favorável ao surgimento de um movimento como a Cultura Racional, a peculiar relação desta com o campo religioso passa muito pelo crivo das idéias e influências pessoais de Manoel, pelo seu caráter criador. Razão essa que nos aguçou a traçar um perfil biográfico<sup>34</sup> de Manoel, para assim, pela sua importância ao movimento, melhor o visualizarmos.

---

<sup>32</sup> Nesse sentido percebemos a magia como um conjunto de conhecimentos e práticas capazes de produzir efeitos contrários às leis naturais.

<sup>33</sup> Seguindo os passos de Baktin, Ginzburg enxerga a circularidade cultural como “(...) o influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica”. Ver GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das letras, 1987.

<sup>34</sup> Esse estudo biográfico vem ao encontro das idéias de Schmidt. Assim observaremos a biografia de Manoel enquanto expressão de um quadro sócio-histórico, mas sem nos esquecermos das peculiaridades de sua trajetória. Ver GUASEELLI, César Augusto Barcellos *et al.* (orgs.). **Questão de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000, p. 125.

Através do estudo das leituras feitas por ele, pretendemos interpretar o modo como leu essas obras e, através da apropriação<sup>35</sup> das idéias e de seu toque particular, criou e construiu a Cultura Racional. Assim buscaremos entender a Cultura Racional como o produto de resignificações de Manoel sobre suas leituras. A partir de Chartier vamos ver as leituras feitas por Manoel como não passivas, mas sim marcadas pelo ato criador. Ato esse que anula a idéia de que as leituras sofreriam uma mera absorção por parte de seus leitores frente às produções dos autores<sup>36</sup>. Assim buscaremos interpretar os reempregos singulares<sup>37</sup> forjados por Manoel em relação às leituras correntes no campo religioso da época, bem como as diferenças de uso partilhado entre as produções escritas da Cultura Racional e as conjecturas das possíveis leituras que Manoel pode ter feito. Veremos de que forma Manoel reinterpretou as idéias que perpassavam o campo mediúnico no período da criação da Cultura Racional e vamos perceber, portanto, como as idéias sobre a “racionalização” da Umbanda e sobre a importância da codificação e do letramento, aos moldes espíritas, não podem ser interpretadas como se estivessem reduzidas à vontade de quem produzia os discursos e as normas, mas estavam sujeitas a apropriações.

As apropriações feitas por Manoel e que construíram a Cultura Racional nos fazem compreender que as práticas da Cultura Racional acabam por constituir um sincretismo. Sincretismo esse observado na concepção de Pierre Sanchis, que entende esse fenômeno como o “encontro de universos simbólicos diferentes”<sup>38</sup>. Para esse autor, o sincretismo não é uma simples justaposição de elementos, mas sim um encontro de diferentes elementos culturais que se fundem e compõem um novo elemento, constituindo um processo dinâmico entre os universos simbólicos envolvidos e não a simples adição entre estes.

Desse modo vemos a Cultura Racional, primeiramente, pois ela é fruto das apropriações de Manoel, que, antes de criar a Cultura Racional, era médium da Umbanda. Essa é um exemplo de que o sincretismo não é apenas a junção de elementos das religiosidades Africanas, Católicas, Espíritas e Indígenas, mas sim a união desses universos simbólicos amalgamados e reinterpretados e, portanto, constituintes de um novo universo

---

<sup>35</sup> Para Chartier as apropriações dos discursos seriam “a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo”. Ver CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990, p.24

<sup>36</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit, p.136

<sup>37</sup> CHARTIER, Roger. Op. Cit, p.137

<sup>38</sup> SANCHIS, Pierre. Op. Cit, p. 96

simbólico. Assim por vir da Umbanda a Cultura Racional já é sincrética. E, em segundo lugar, porque as leituras que impulsionaram Manoel a criar a Cultura Racional, as idéias dos intelectuais da Umbanda e das codificações Espíritas, não foram, como já afirmamos, seguidas literalmente por Manoel e simplesmente unidas às idéias da Umbanda, mas foram reinterpretadas e, conseqüentemente, tornaram-se constituintes de um novo e peculiar universo simbólico.

Nunca é demais ressaltarmos que em nossos estudos estaremos compreendendo as religiões por seu caráter fenomenológico e não por seu caráter ontológico, como afirma Berger:

(...) a teoria sociológica (e na verdade, qualquer outra teoria que se move na estrutura das disciplinas empíricas) sempre a de encarar a religião *sub specie temporis*, deixando aberta necessariamente, portanto, a questão de se e como ela também poderia ser vista *sub specie aeternitatis*. Assim, a teoria sociológica deve, por sua própria lógica, encarar a religião como projeção humana e, pela mesma lógica, não pode ter nada a dizer acerca da possibilidade de esta projeção se referir a algo além do ser que a projeta.<sup>39</sup>

A análise da Cultura Racional será efetuada a partir de três fontes básicas. Uma delas é a biografia de Manoel feita por um estudante da Cultura Racional, “O Cavaleiro da Concórdia”. Outras fontes serão os livros que são o arcabouço doutrinário da Cultura Racional, a obra de Manoel, “Universo em Desencanto”. Somando-se a essas fontes observaremos ainda as obras dos “intelectuais da Umbanda” do período da criação da Cultura Racional, bem como as codificações Espíritas presentes no contexto já citado e a Bíblia.

O livro “O Cavaleiro da Concórdia” é uma obra feita por um participante da Cultura Racional. O autor dessa biografia é Jorge Elias, um jornalista carioca, que além de adepto, colocava-se como amigo pessoal de Manoel:

O Cavaleiro da Concórdia nasceu de minha amizade com mestre Manoel Jacintho Coelho, da sugestão dele, bem como da cobrança de nossos amigos. [Ainda segundo Elias o livro teria sido

---

<sup>39</sup> BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1985. Pp. 186.

confeccionado com base em (...) passagens da vida do Mestre Racional e fatos ocorridos com ele, antes e após o surgimento da Cultura Racional. Muitos desses episódios foram contados pelo próprio Mestre Manoel e por certo teriam sido varridos pelo tempo, não fosse a sua privilegiada memória. Outras foram colhidas por mim, aqui ali, nas minhas andanças, com muito carinho e interesse.<sup>40</sup>

Analisá-la-emos a partir do conceito de Le Goff de “documento-monumento”<sup>41</sup>, o qual insiste no caráter histórico da “construção” das fontes históricas. O texto, escrito em 1988, três anos antes da morte de Manoel, é interessantíssimo, demonstrando através de suas narrações inúmeras influências sofridas por Manoel, idéias por ele pregadas e suas posições e discursos, bem como elucidando claramente o caráter personalista da Cultura Racional, confundido sua biografia com a história do movimento e fazendo referências a um caráter “sobre natural” de Manoel, mostrando-o mesmo como alguém com poderes mágicos, um milagreiro, o que demonstra também um forte caráter proselitista da obra.

A codificação na qual está baseada a Cultura Racional também será analisada em nossa dissertação. Devido ao enorme número de obras produzidas por Manoel iremos nos ater àquelas que mais afinidade têm com nossa pesquisa. Nelas buscaremos traços e vestígios das idéias que, por Manoel, foram apropriadas, de suas leituras e conseqüentes resignificações dentro do contexto ao qual já nos referimos e que constituíram a Cultura Racional tal como ela é.

Outras fontes onde buscaremos as idéias que circulavam na época da criação da Cultura Racional, usadas por Manoel na construção da Cultura Racional, e que, conseqüentemente, sistematizaram a articulação peculiar da Cultura Racional com o campo religioso, são as obras dos intelectuais da Umbanda, as codificações Espíritas e a “Bíblia”. Essas leituras influenciaram Manoel em sua criação, porque faziam parte de todo aquele caldo cultural em que se deu a criação da Cultura Racional.

Por fim, nossa dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo intitula-se “A Criação da Cultura Racional”. Nele, através dos conceitos de formação e

---

<sup>40</sup> ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. 1º ed, Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988, Belford Roxo, RJ, p. 09.

<sup>41</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp.



fundação de Marilena Chauí <sup>42</sup>, vamos diferenciar a narrativa mítica fundante, da narrativa histórica, sempre levando em conta que a soma de ambas possibilitou o surgimento da Cultura Racional.

O segundo capítulo é intitulado “O ‘Homem de Outro Mundo’”. Nesse capítulo pretendemos, através de um perfil biográfico de Manoel, visto sob a ótica da noção de circularidade cultural de Ginzburg, observar os filtros que podem ter deformado as suas leituras e que o fizeram criar a Cultura Racional do modo como ela é.

O último capítulo chama-se “Cultura Racional: letramento e apropriações”. Nesse capítulo partiremos da idéia de apropriação de Chartier para observarmos, através das obras de Manoel (Universo em Desencanto), as diferenças entre elas e as possíveis leituras efetuadas por Manoel e, conseqüentemente, a não passividade do ato de ler, uma vez que o ex-médium ressignificou muito as idéias dos intelectuais da Umbanda à respeito da leitura e do letramento, considerando, em sua criação, a Cultura Racional, a leitura e o livro como formas de salvação e cura.

---

<sup>42</sup> MARILENA, Chauí. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

## 1- A Criação da Cultura Racional

A Cultura Racional é um movimento criado em 1935 pelo então médium de Umbanda Manoel J. Coelho. Em nossa busca pela compreensão desse movimento, iremos atrás de informações que nos revelem sua peculiar constituição. Nesse sentido é de fundamental importância o estudo do contexto e das nuances da sua criação, já que muito nos esclarecem sobre as singularidades da Cultura Racional.

A criação da Cultura Racional será observada por nós, seguindo Chauí<sup>43</sup>, em dois momentos distintos. Um primeiro momento seria a observação do que a autora denomina de fundação, ou seja:

Um momento passado imaginário, tido como originário que se mantém vivo e presente no curso do tempo, isto é, a fundação visa algo tido como perene (quase eterno) que traveja e sustenta o curso temporal e lhe dá sentido. A fundação pretende situar-se além do tempo, fora da história.<sup>44</sup>

Na Cultura Racional esse momento fundador teriam sido os relatos dos “contatos” de Manoel com o Racional Superior, entidade suprema da Cultura Racional, que “teria passado” a ele todos os ensinamentos sobre o princípio, o fim e a natureza da humanidade. Assim, sempre sociologicamente, observaremos nesse momento que se pretende transcendente, no mito<sup>45</sup>, na fundação dela, seus alicerces doutrinários, sua maneira de se impor na condição de algo “infalível” para seus adeptos, suas influências e algumas de suas idéias, bem como a afirmação da “capacidade” de Manoel como “salvador da humanidade”.

O segundo momento privilegiado por nós na análise da Cultura Racional, igualmente abordado por Chauí, será o da formação:

Não só as determinações econômicas, sociais e políticas que produzem um acontecimento, mas também (...) [as transformações e, portanto, as continuidades ou as descontinuidades dos acontecimentos, como registros temporais] (...) é a história **propriamente dita**, aí incluída suas representações,

---

<sup>43</sup> MARILENA, Chauí. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

<sup>44</sup> CHAUI, Op.Cit., p.9

<sup>45</sup> Segundo Chauí “a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”. Ver CHAUI, Idem, Ibidem.

sejam aquelas que conhecem o processo histórico, sejam as que ocultam (isto é, as ideologias). (grifo nosso).<sup>46</sup>

Esse conceito será operacional para compreendermos mais a respeito da Cultura Racional, através de todo o contexto que cercou sua criação. Assim vamos relacioná-la com a situação do campo religioso na época, mais especificamente do campo mediúnico.

## 1.1 - A Fundação da Cultura Racional

A fundação da Cultura Racional está ligada ao relato do momento em que Manoel teria sido “escolhido” pelo Racional Superior para transmitir para toda a humanidade sua “verdadeira” origem, natureza e destino. Esse momento, que seria uma espécie de revelação, oferece um caráter transcendental e afirma as obras de Manoel no decorrer dos tempos, já que para os adeptos da Cultura Racional ele realmente teria sido escolhido pelo Racional Superior para “esclarecer” a humanidade.

Segundo sua biografia, “O Cavaleiro da Concórdia, O homem de Outro Mundo”<sup>47</sup>, desde 1933 Manoel teria começado a “receber” alguns “avisos”, de “outro mundo”:

Manoel a fase do pensamento está para terminar. Encerrada a fase do pensamento, a natureza vai deixar de alimentar o pensamento dos pensadores. E por falta de alimento natural, o pensamento de todos vai começar a enfraquecer. Portanto prepare-se. Com a mudança de fase você vai iniciar a construção de um mundo novo, um mundo Racional, real e verdadeiro. Anote, Manoel: até 1935, a natureza será governada pelas energias elétricas e magnéticas. Depois não. A natureza vai mudar, passando a ser governada pela Energia Racional, pelo raciocínio. Morna, forte e grave, a voz masculina [do Racional Superior] vai rasgando o universo, advertindo e orientando: Estamos em 1933, Manoel. Faltam apenas dois anos. Tenha paciência. Em muito breve você vai conhecer o caminho do desenvolvimento do raciocínio e terá de ensiná-lo, através de um livro, a toda a humanidade. Lembre-se: Você não pertence a esse mundo. Vestiu a carcaça de bicho para cumprir dignificante e salvadora missão: a de racionalização dos povos. Quando chegar o grande momento tudo vai ficar bem claro e luminoso. Deixe de lado a preocupação fique calmo. Procure viver normalmente como um habitante da Terra. Estou falando do seu mundo, procurando orientá-lo, de modo que você possa percorrer com muita rapidez, o caminho que lhe foi destinado. (...) O livro que você vai escrever, Manoel, será

---

<sup>46</sup> Idem, Ibidem.

<sup>47</sup> ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. Belford Roxo, RJ: Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988. Como já vimos na introdução, essa fonte é de autoria de um seguidor e amigo pessoal de Manoel. Assim devemos analisá-la sempre cientes de seu processo orgânico de construção.

definitivo. Vai mostrar o princípio e o fim do mundo, o caminho da luz e da eternidade, a estrada da salvação. Revelará conhecimentos para que todos possam voltar a seu mundo de origem: a Planície Racional. O livro será a verdadeira luz do animal racional, a energia que vai impulsioná-lo para o conhecimento. Portanto, não se esqueça, Manoel: as revelações desse livro jamais poderão ser usadas para comércio e exploração. Deverão ser usadas para a salvação de todos e também para proporcionar aos Racionais a volta para seu mundo de origem, para indicá-los o caminho da redenção e da vida eterna.<sup>48</sup>

Nesse “aviso”, que “teria” sido dado diretamente pelo Racional Superior, podemos observar inúmeros elementos do mito fundador da Cultura Racional. A missão da “construção de um novo mundo”, atribuída a Manoel. Esse como alguém de outro mundo, a Planície Racional, que também é o mundo de seu guia, o Racional Superior, e para o qual depois de “Imunizados”<sup>49</sup> os seres humanos “retornariam”. A importância e a “necessidade” do livro que viria a ser escrito por Manoel. Livro esse que “iria conter” os ensinamentos sobre “o princípio e o fim do mundo, o caminho da luz e da eternidade, a estrada da salvação”. E, através de ensinamentos “definitivos”, levaria os seres humanos a seu “mundo de origem”, a Planície Racional, salvando e redimindo, e dando a vida eterna a eles. Enfim, essa narrativa de seu primeiro contato, feita em sua biografia, redigida em 1988, serve para sustentar aos adeptos as bases da Cultura Racional: Manoel como alguém singular, a “veracidade” de suas obras e a missão dele e de seus textos.

Segundo o “Cavaleiro da Concórdia, O Homem de outro Mundo”, Manoel “teria” recebido, entre 1933 e 1935, mais alguns “avisos” sobre sua tarefa na Terra, a compilação da obra “Universo em Desencanto”, a qual “levaria” a humanidade à “salvação”. Essas mensagens da “Luz da Anunciação”, que seriam o contato do Racional Superior com Manoel, continuam a reforçar a “chegada” de uma outra fase, a Fase Racional, que se iniciaria em 1935, estabelecem o papel de Manoel nessa nova fase, em que ele seria o representante do Racional Superior na Terra e iniciam a separação entre os ensinamentos do Racional Superior e a ciência, a filosofia e a religião, designando essas formas de conhecimento como “inferiores” aos do Racional Superior, os quais seriam os “verdadeiros”, como podemos observar em outra passagem:

Através de você, vou apresentar ao mundo um livro contendo a verdade das verdades. Com a leitura deste livro, todos vão saber de onde vieram e para onde

---

<sup>48</sup> ELIAS, Op.Cit. p.31

<sup>49</sup> Imunização Racional é a proteção que viria com a leitura das obras Universo em Desencanto.

vão. Será um livro de revelações surpreendentes, revolucionário, pois vai provocar modificações de conceitos, de princípios filosóficos, de pregações religiosas. Através dele, o mundo vai tomar conhecimento de um nova cultura, de novos ensinamentos, de novas lições. Vai conhecer o caminho da luz, além de seu verdadeiro DEUS.<sup>50</sup>

Essa “separação” feita em relação aos conhecimentos já estabelecidos nos remete às apropriações de Manoel em relação à teoria evolucionista e a idéia de progresso espírita.

Nas mensagens ainda podemos observar o modo como seriam transmitidos a Manoel esses conhecimentos. Assim, segundo sua biografia, Manoel iria escrever os livros “através do conhecimento que vou lhe transmitir [Racional Superior]”<sup>51</sup>. Ou seja, Manoel fica consolidado como o único meio de comunicação entre os “ensinamentos” do Racional Superior e a humanidade, o que nos remete ao caráter extremamente personalista que o movimento possui.

Para reforçar esse mito fundador, o contato de Manoel com o Racional Superior, sua biografia traz passagens sobre uma “captação” dessas mensagens, que teria sido feita pelo médium espírita italiano, Pietro Ubaldi<sup>52</sup>, e estariam no seu livro, “A Grande Síntese”. Nesse, segundo a biografia de Manoel, esse médium teria pressentido a “chegada” de um novo conhecimento, vindo de um “Super-Homem”, que fundaria uma “Nova Civilização do III Milênio”<sup>53</sup>.

Esses “avisos” foram sendo “dados” até 1935, quando, como já tinha dito neles o Racional Superior, era chegada a hora de passar seus ensinamentos a Manoel. Assim no dia 04 de outubro de 1935, segundo sua biografia, na Tenda Espírita São Francisco de Assis, no Méier, Rio de Janeiro, “uma voz forte, grave, densa de mistérios e rica de conhecimentos, (...) se faria ouvir: Manoel, vamos chegou a hora”<sup>54</sup>. Dessa forma inicia-se a narração sobre o momento em que o Racional Superior “endossa” Manoel como “o escolhido” para salvar a humanidade. Então através de uma passagem mítica, “a coroação de Manoel”, a biografia reforça o mito fundador da Cultura Racional, já que nessa passagem o poder e a missão de Manoel são afirmados constantemente e de forma

---

<sup>50</sup> ELIAS, Op.Cit. p.65

<sup>51</sup> ELIAS, Op.Cit. p.66

<sup>52</sup> Médium italiano “de difícil leitura”, que na primeira metade do século XX exercia, segundo Camargo, “verdadeiro fascínio nos meios intelectuais espíritas brasileiros”. Ver CAMARGO, Candido P. F. de. **Kardecismo e Umbanda: Uma Interpretação Sociológica**. São Paulo, SP: Livraria Pioneira Editora.

<sup>53</sup> ELIAS, Op.Cit. p.67

<sup>54</sup> ELIAS, Op.Cit. p.100

“transcendente”. Nessa passagem mítica, “a coroação”, se reforça a idéia de que Manoel “assumiria” o papel de “grande mestre do universo”. Vale a pena salientarmos os detalhes deste ritual. O Racional Superior inicia o ritual “dando” a Manoel uma “Estrela de Sete Pontas”. Essa representaria, segundo o Racional Superior, os “sete reinados da vida”, segundo Manoel: o Sol, a Lua, a Terra, a Água, os Vegetais, os animais e os seres humanos. Após esse “presente”, o Racional Superior pediu a Manoel que se sentasse em uma mesa com treze cadeiras. Na seqüência:

Um forte cheiro de incenso invadiu a tenda espírita. As doze cadeiras passaram a ser ocupadas por doze homens. Eram todos velhos, embora fortes e dispostos. Usavam longas cabeleiras e barbas brancas. Vestiam compridas túnicas brancas e caminhavam com generosidade e paciência: São os Cardeais do Universo Manoel [disse-lhe o Racional Superior]. Eles formam o grande Conselho Superior. E vieram assistir seu coroamento<sup>55</sup>.

Essa passagem é lembrada constantemente pelos adeptos da Cultura Racional. No Retiro Racional, atual sede nacional do movimento, encontram-se, reforçando o mito, a mesa e as cadeiras atribuídas ao dia da “coroação” de Manoel. Nesse sentido observamos esses objetos, seguindo Chauí, como semiofóros<sup>56</sup>. Assim consideramos que XXX Nessa “coroação” ele teria “recebido” o “cetro luminoso do raciocínio” com o qual “libertara” a humanidade do sofrimento.

Após “receber” o cetro, Manoel “finalmente teria avistado” o Racional Superior:

“Seu rosto brilhava como o sol. Seus cabelos eram brancos, longos como o dos outros. Seus olhos eram chamas de fogo e seus pés de metal incandescentes. Sua voz tinha o rumor dos mares. Mostrava na mão direita uma pedra branca [da Planície Racional] e na esquerda uma espada azul iluminada”<sup>57</sup>.

A pedra seria uma prova da existência da planície Racional e a espada serviria para afastar “os preguiçosos, os traidores, os incrédulos e os abomináveis”<sup>58</sup>. Depois desses presentes o Racional Superior começa a instruir Manoel sobre a sua missão. Diz que este teria inúmeras

---

<sup>55</sup> ELIAS, Op.Cit. p. 101

<sup>56</sup> MARILENA, Chauí. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

<sup>57</sup> Idem, Ibidem.

<sup>58</sup> ELIAS, Op.Cit. p.108

dificuldades, que sofreria “difamações, intrigas e injustiças”<sup>59</sup>. Fala, reforçando os “poderes” de Manoel, que os que o seguissem teriam a salvação, a vida eterna. Expõe a Manoel, e dessa forma dá base ao movimento, que ele irá lhe ditar um livro e que, novamente construindo o mito fundador da Cultura Racional, esse teria uma mensagem “definitiva” sobre o destino da humanidade. Nesse diálogo, o Racional Superior nomeia os ensinamentos que passava a Manoel. “Os ensinamentos que você vai receber para transmiti-los à humanidade, pertencem à Cultura Racional, à cultura do raciocínio, à Imunização Racional”<sup>60</sup>. A Imunização Racional seria a “salvação” que se receberia após a leitura das obras “Universo em Desencanto”. Essa informação do mito fundador da Cultura Racional nos faz perceber que ela é um movimento baseado em uma escrituração e que vê na leitura de suas obras um elemento imprescindível para a salvação da humanidade.

Ainda nessa “conversa” o Racional Superior explica a Manoel, afirmando as diretrizes da Cultura Racional em seu mito fundador, que o Espiritismo (no caso de Manoel a Umbanda) é uma falácia, que as pessoas estão encantadas, que a fé seria um “falso condutor”, e, conseqüentemente, a verdade viria através dos livros que ditaria a Manoel, afirmando assim a eficácia das obras de Manoel. A conversa finaliza-se com incentivos e motivações, além de detalhes como a hora em que Manoel deveria “receber” as mensagens do Racional Superior, às 22:00h. “Findava o ano de 1935 e Manoel precisava concluir os 21 volumes básicos da obra que iria ser intitulada de UNIVERSO EM DESENCANTO”<sup>61</sup>.

Na sua biografia ainda podemos perceber outras afirmações que pretendem dar substrato ao movimento. Uma delas é a afirmação de que o Brasil teria sido “historicamente preparado (...) para ser o seu berço [da Cultura Racional]”<sup>62</sup>. Essa afirmação também nos aponta outra característica da Umbanda, presente na Cultura Racional, já que alguns intelectuais dela também se referiam ao Brasil como um lugar “destinado” a ser o “berço”

---

<sup>59</sup> ELIAS, Op.Cit. p.102. Como já colocamos na introdução, na década de setenta alguns adeptos, dentre eles Tim Maia, fizeram acusações de corrupção contra Manoel. Podemos imaginar, pela época da construção da biografia de Manoel, 1988, que esses “avisos” sobre difamações, intrigas e injustiças, podem ter sido colocados como uma forma de “retratação”, “justificativa”, às acusações sofridas por Manoel na década de setenta. As acusações contra Manoel podem ser vistas na reportagem de uma revista que trata sobre a “fase racional” de Tim Maia. Ver MASSON, Celso. **A viagem esotérica de Tim Maia**. São Paulo, SP, Revista Trip, ano 15 (94): p.84-92/116, outubro de 2001. [Essa fonte, como já colocamos, deve ser questionada, mas traz boas informações de Tim Maia, dadas por amigos e próximos do mesmo].

<sup>60</sup> ELIAS, Op.Cit. p.104

<sup>61</sup> ELIAS, Op.Cit. p.110

<sup>62</sup> ELIAS, Op.Cit. p.128

da Umbanda<sup>63</sup>, e, conseqüentemente, o lugar de onde se “iniciaria” a redenção da humanidade (como na Cultura Racional). Outras colocações que vêm a reforçar o caráter transcendental e, portanto “inquestionável”, da criação Cultura Racional são as que mostram a criação desta sendo prevista por “São João e Nostradamos”<sup>64</sup>, e também por Abdruschin, na “celebre mensagem do Santo Graal”. Essas afirmações sobre as previsões a respeito da criação da Cultura Racional podem ser consideradas no mínimo demasiadamente pretensiosas, mas para os seus adeptos funcionam como uma fonte onde podem beber certezas “quase” indissolúveis sobre a veracidade dos ensinamentos das obras de Manoel. Percebermos nessa passagem o mito fundador sendo usado para afirmar a Cultura Racional a seus adeptos.

Podemos então compreender que há toda uma narrativa que busca sustentar a criação da Cultura Racional. Para seus adeptos essas informações são verdadeiras e dão tanta “plausibilidade” ao movimento, quanto à ressurreição de Jesus, para os cristãos, ou a revelação que Maomé teria tido, para os muçulmanos. São essas narrativas, que afastam as criações, como a Cultura Racional, de um simples “aspecto humano”, as quais chamamos aqui de mito fundador, que permitem aos adeptos (em nosso caso os estudantes da Cultura Racional) acreditarem na veracidade dos ensinamentos de seus respectivos movimentos. Ou seja, para os adeptos da Cultura Racional, são esses mitos que permitem que acreditem (teoricamente) que todas as respostas, para tudo, estariam na obra “Universo em Desencanto”, já que a Cultura Racional procederia de um outro mundo, bem como seu redator, o Racional Superior, e seu instrumento para tal feito, Manoel. Assim são através dessas passagens transcendentais que muitos movimentos colocam-se fora e acima da história, e dessa forma são dados como verdades incontestáveis a seus adeptos. Ou um “bom” católico duvidaria da infalibilidade papal dada a eles “diretamente” pelo “próprio Deus”?

---

<sup>63</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999.

<sup>64</sup> ELIAS, Op.Cit. p.120



## 1.2 - A Formação da Cultura Racional

Vamos agora nos afastar das narrativas míticas que afirmam o movimento a seus adeptos, para adentrarmos nesse momento que Chauí chama de “história propriamente dita”, ou seja, todo o contexto e as continuidades e descontinuidades que propiciaram a criação da Cultura Racional. Sempre respeitando as crenças alheias, entendemos que, apesar de toda sua eficácia, as narrativas de Manoel devem ser observadas também como uma estratégia sua, como um agente especializado, dentro do campo religioso. Assim veremos o mito fundador como algo que faz parte e age na história, mas que não é por si só a história (“propriamente dita”). Essa será para nós o devir criador de um médium de Umbanda estimulado por todo um contexto específico do campo mediúnico brasileiro. Dessa forma, é pela análise temporal do campo religioso brasileiro e suas características, do campo mediúnico brasileiro e seu momento na primeira metade do século XX, e da posição de Manoel como médium de Umbanda que tentaremos entender a formação da Cultura Racional.

### 1.2.1 - Campo Religioso Brasileiro

A formação da Cultura Racional está intrinsecamente ligada à situação do campo religioso brasileiro e, mais especificamente, à do campo mediúnico na década de trinta. Então, para entendermos a formação desse movimento, é necessário que adentremos na noção de campo religioso. Para isso inicialmente vamos nos ater à idéia de campo. Recorrendo a Bourdieu<sup>65</sup>, podemos compreender um campo como um sistema onde se encontram forças com diferentes graus de capital simbólico<sup>66</sup>. Essas forças (políticas, intelectuais, religiosas) concorrem entre si, com diferentes arcabouços e aceitação, pela hegemonia na imputação de significados (políticos, intelectuais, religiosos), por poder material e simbólico.

---

<sup>65</sup> BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

<sup>66</sup> Essa noção já foi trabalhada por nós na introdução. Ver BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. São Paulo, SP: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1996.

Dessa forma um campo religioso é um lugar onde diferentes “empresas de bens de salvação”<sup>67</sup>, cada qual com seu grau de aceitação entre os consumidores do mercado religioso, os disputam. Segundo a leitura de Bourdieu feita por Miceli, o campo religioso é o lugar de enfrentamento, no qual disputam a primazia do sagrado:

Os agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais.<sup>68</sup>

Esse lugar de disputas varia infinitamente conforme o contexto em que se encontra, o seu processo de constituição, a época em que é observado. Assim, na tentativa de compreendermos a formação da Cultura Racional, se faz necessário observarmos as características próprias do campo religioso brasileiro. Essas vão nos dar pistas para que possamos compreender como surgiu, dentro desse campo, um movimento que advém de apropriações feitas de religiões e mesmo assim busca posicionar-se fora do campo religioso, pois, apesar de todas as ligações entre o discurso da Cultura Racional e o discurso religioso (como vimos em Orlandi), o movimento tenta afastar-se do campo religioso (o que não impede que a observemos dentro deste já que seu discurso guarda inúmeras relações com o campo religioso e mediúnico). Entretanto, nessa nossa busca pelos traços que fizeram a Cultura Racional ser como ela é, devemos levar em conta que o campo religioso brasileiro atual tem inúmeras variações em relação ao campo religioso brasileiro na época da sua criação. Todavia, isso não impede que possam ser encontradas continuidades atualmente ou embriões de relações “contemporâneas” no passado.

O campo religioso brasileiro à época da formação da Cultura Racional estava permeado pelas características a ele inerentes e detectadas por Sanchis<sup>69</sup>. Para ele a realidade religiosa e cultural brasileira formou-se a partir da articulação das diferenças “enquanto diferenças”. Sua idéia está amparada na noção de sincretismo, que preside todo o campo religioso brasileiro:

---

<sup>67</sup> SANCHIS, Pierre. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995). O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

<sup>68</sup> Ver MICELI, Sergio. Prefácio. In: Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. XXV.

<sup>69</sup> SANCHIS, Op.Cit.

Um processo muito geral, que faz cada grupo se redefinir constantemente em função do encontro com o Outro. (...) um constante empréstimo e reinterpretação de elementos de diferentes tradições ou sistemas culturais, para formar novos sistemas.<sup>70</sup>

Nesse sentido observamos que a Cultura Racional não é apenas uma sobreposição de elementos da Umbanda, do Espiritismo e do Catolicismo, mas sim uma articulação efetiva entre elementos do campo religioso brasileiro, que, somada ao toque de Manoel, propiciou o surgimento de um novo elemento, original e singular .

O mais importante para nós na posição de Sanchis sobre o campo religioso é que ao tratar deste ele coloca-o como capaz, na sua historicidade, de articular as diferenças e, assim, conseqüentemente, abrir-se para a inserção de religiosidades não “convencionais” dentro do campo religioso. Ao referir-se ao campo religioso brasileiro contemporâneo, nos fornece sensíveis pistas para compreendermos as composições religiosas possíveis na própria época de surgimento da Cultura Racional. Assim, referindo-se as composições entre o tradicional, denominado de religioso e parceiros culturais distantes dessas denominações, escreve Sanchis, mostrando que o campo religioso brasileiro não se restringe ao “campo das religiões”:

No conjunto dos ambientes marcados pela modernidade não é mais a religião que define, expressa e imputa o “sentido global da vida coletiva”. Radical substituição funcional e não simples pluralização. Mas constata-se também neste caso que até as instâncias que substituem a religião nesta função – “religiões de substituição”, “religiões seculares”, ou ainda “religiões no sentido metafórico”, de caráter o mais das vezes político – também elas se fragmentam e diversificam. Neste sentido, há pluralismo “religioso” radical, já que coexistem legitimamente e competem entre si *instâncias diversificadas de imputação de sentido para a vida*, coletiva e individual.<sup>71</sup>

O campo religioso brasileiro para Sanchis teria uma espécie de tradição relativa a esse sincretismo, articulador das diferenças. E, como podemos perceber nesse mesmo autor, um lugar onde nunca houve, nem mesmo no Catolicismo, uma totalidade homogênea. Assim, apesar de o atual momento ser mais propício ao pluralismo por motivos como o dilaceramento no interior de grupos religiosos, a quebra da unidade do sujeito e a conseqüente maior atomização das crenças, podemos observar que no campo religioso

---

<sup>70</sup> SANCHIS, Op.Cit. p.(96-98)

<sup>71</sup> SANCHIS, Op.Cit. p.87

brasileiro (sempre levando em conta as particularidades de grupos, regiões e épocas), esse encontro com outro, essa articulação das diferenças, podem ser encontradas no passado.

Ainda nesse sentido devemos considerar a relevância do Catolicismo no campo religioso brasileiro, não só pela extrema carga de elementos católicos apropriados por Manoel, mas também pela posição que o catolicismo ocupa ontem e hoje no campo religioso brasileiro. Como representante majoritário do campo religioso brasileiro, o Catolicismo o influencia muito, porém não de modo determinista, como se fosse uma matriz única. Todavia devemos imaginar qual seria seu grau de influência na década de trinta, onde o Catolicismo abarcava mais de 90% da população brasileira<sup>72</sup>. Nesse sentido encaramos o Catolicismo como nos expõe Lewgoy<sup>73</sup>:

Como formação religiosa de longa duração que funciona como gramática simbólica de criação de práticas de devoção e relação com novidades religiosas, espécie de matriz flexível a orientar o intenso trânsito religioso do povo brasileiro.

Essa compreensão nos permite entender que o Catolicismo, pelas simbioses que permite, funciona como pano de fundo para a articulação das diferenças, assim possibilitando, através de diálogos com estas, criações como a Cultura Racional ou a Umbanda, ou a implantação das religiões Afro ou do Espiritismo no Brasil. Todavia, não podemos esquecer que existem outros infinitos elementos que acentuam a feição pluralista do campo religioso brasileiro, de tal modo que não podemos observar o Catolicismo enquanto causa única dessa maior fluidez. Na verdade podemos observar que em muitos países onde o Catolicismo também predomina no campo religioso não há tal “facilidade” para a articulação das diferenças, ou mesmo que haja, essas muitas vezes, ao contrário do que ocorre com mais intensidade no Brasil, não fazem um sincretismo no sentido que nos expõe Sanchis. Ainda nesse sentido podemos observar que o papel do Catolicismo no campo religioso brasileiro é muito ambíguo, pois se de certa forma permite e catalisa os processos de articulações, de fusões culturais, ele também possui um lado austero. Como qualquer outra instituição, defende seu espaço, faz o jogo dos pares antitéticos. Podemos

---

<sup>72</sup> PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil – O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. *Estudos Avançados*. 18(52), 2004. p.20

<sup>73</sup> LEWGOY, Bernardo. O Sincretismo Invisível: Um Olhar sobre as Relações entre Catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur Cesar, (org). **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006. p.209

observar esse lado não tão articulador do Catolicismo na fala de Kloppenburg sobre a Cultura Racional:

As curas e os portantos atribuídos pelo *médium* M. J. Coelho e seus seguidores não precisam ser explicadas por intervenções do além ou pela emanção energia poderosa contida nos ditos livros. O poder da sugestão e as forças psíquicas do ser humano já são suficientes para elucidar os casos apresentados e dar conta dos benefícios recebidos. Sabe-se que pessoas psiquicamente bloqueadas podem finalmente se desbloquear, caso acreditem que uma força superior há de socorrê-la em dado momento. É válido o princípio seguinte: todos os fenômenos que admitam explicação científica ou filosófica devem ser explicados por tal via, ficando então excluídas, por desnecessárias, as explicações por intervenções extraordinárias do além. Observando-se tal norma preserva-se de corruptela a autêntica fé e se distingue de credices o genuíno ato de crer.<sup>74</sup>

Desse modo podemos observar que nem tudo são flores, é óbvio, na relação do Catolicismo com outros componentes do campo religioso brasileiro, o que é muito aceitável se observarmos que como elemento desse campo o Catolicismo vê as outras instituições como concorrentes e, conseqüentemente, dispute, lute por espaço com elas. Entretanto, mesmo com todo esse discurso de quem “possuiria” o “genuíno ato de crer”, é inegável, como já observamos, que a articulação das diferenças no campo religioso brasileiro está também muito ligada ao papel do Catolicismo. Um exemplo são os cultos afro, que desde sua chegada (na violência da escravidão) “ligam suas práticas às da religião católica”.<sup>75</sup> Podemos tomar de empréstimo de Sanchis, o exemplo da Mãe Menininha, que tem “as duas identidades religiosas (Católica/ Candomblé) assumidas explicitamente”.<sup>76</sup> Ainda, como um exemplo dessa capacidade articuladora do Catolicismo, podemos citar a lavagem das escadarias da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim (Católica), em Salvador, Bahia, feita por Mães de Santo (do Candomblé). Assim, vamos dessa forma, sempre lembrando que o Catolicismo não é um monólito, entende-lo como um “facilitador” das articulações das diferenças do campo religioso brasileiro, e esse como um local “privilegiado” para essas peculiares relações (sincretismos).

Podemos, então, observar que a Cultura Racional formou-se em um campo religioso, já em 1935, relativamente poroso, “aberto” a articulações de diferenças. Essas, provocadas por inúmeros fatores que fizeram do Brasil um país precocemente “pluralista”.

---

<sup>74</sup> [www.petcanabrava.hpg.ig.com.br](http://www.petcanabrava.hpg.ig.com.br), dia 06/06/2007.

<sup>75</sup> CAMARGO, Op.Cit. p.9

<sup>76</sup> SANCHIS, Op.Cit. p.108

Pensamos assim que, já na década de trinta, essa “flexibilidade” do campo religioso brasileiro foi um dos fatores que fizeram com que um movimento como a Cultura Racional, que tem diversas características de um movimento religioso, buscasse ultrapassar o campo das religiões. Dessa forma, seguindo Sanchis, percebemos então que muitas relações que podemos pensar como novas, recentes, já existiam e advêm do passado, como, por exemplo, a fluidez de muitas relações no campo religioso, ou a própria inserção de religiosidades não convencionais no seu interior.

### 1.2.2 - Campo Mediúnico

O campo religioso brasileiro, como vimos acima, é um conceito que possibilita uma maior articulação das diferenças. Essa capacidade articuladora do campo religioso brasileiro possibilitou a formação de um “sub-campo”, o campo mediúnico. A característica da articulação das diferenças permitiu, entre outras coisas, que muito do universo simbólico das religiosidades afro conseguisse, mutando-se, sobreviver. Também possibilitou o acesso de inúmeras religiosidades, como o Espiritismo, que, parafraseando alguns conceitos do universo católico<sup>77</sup>, articulou-se na metade do século XIX ao campo religioso brasileiro. Com o decorrer dos tempos algumas religiosidades africanas logo fizeram uma adaptação de muitas idéias espíritas. Assim, para além do Catolicismo e do Cristianismo, formava-se um campo com religiosidades como, o Espiritismo, a Macumba e o Candomblé, que tinham como “mínimo múltiplo comum” a crença na comunicação com os espíritos, ou outros “seres invisíveis”, como os orixás no Candomblé. Essa crença “comum” une elementos com idiosincrasias completamente distintas e forma o que chamamos de campo mediúnico (na maioria dos componentes desse campo as pessoas que fazem contato com os espíritos ou outros seres são chamados de médiuns, daí o nome do campo).

A importância primordial das religiões mediúnicas e da crença no mundo dos espíritos no Brasil foi estudada por Warren, que se refere a um “espiritualismo reflexo”<sup>78</sup>:

---

<sup>77</sup> STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo, SP: EDUSP, 2003. p.61

<sup>78</sup> Não concordamos com a afirmação de Warren a respeito da ligação entre a familiaridade dos brasileiros para com os “seres invisíveis” e uma “cultura rural”. Dessa forma compactuamos com o autor em relação a seu conceito de “espiritualismo reflexo”, mas sem o determinarmos pelo viés da ruralidade.

Um ambiente no qual entidades rarefeitas – almas penadas, santos, encostos etc – funcionavam como veículos que incorporam os medos e as esperanças inconscientes alimentadas pelos brasileiros no confronto com as incertezas de um meio bastante hostil.<sup>79</sup>

Essa “propensão” à convivência com “seres invisíveis”, que teve seu papel no “sucesso” da formação do campo religioso mediúnico – lei da oferta e da procura no mercado religioso, ou seja, havia público para tal campo se formar – é explorada por outros autores. Baseado em Warren, Isaia também afirma que a população brasileira compartilha a séculos significados que mantém:

Um cotidiano impregnado de sentido mágico, da familiaridade com o mundo dos espíritos e com toda uma gama de manifestações típicas da crença na atuação de “entidades rarefeitas”.<sup>80</sup>

Ainda nessa linha de pensamento, reforçando a opinião de Warren, podemos observar os estudos de Sandra Stoll, que nos mostram que, apesar de oficialmente apenas 1,5% da população brasileira se declarar espírita, só entre os católicos (70% da população do país) quase a metade (45,9%) acredita em reencarnação. Assim, para Stoll:

Diante desses dados não há como deixar de endossar o argumento de Gilberto Velho, para quem “o fundamental não é saber quantas pessoas se identificam publicamente como umbandistas, espíritas, etc., mas ser capaz de perceber o significado desse conjunto de crenças e sua importância para construções sociais da realidade em nossa cultura”. (1991:124)<sup>81</sup>

Como podemos ver, o número de pessoas que têm familiaridade com “o mundo dos espíritos” extrapola, e em muito, o número daqueles que se denominam pertencentes a alguma religiosidade mediúnica. Assim, observamos que existe mesmo uma grande familiaridade, que não é de hoje, por parte de muitos brasileiros para com o universo simbólico mediúnico, o que, como já afirmamos, formou um público e possibilitou a formação de um campo mediúnico.

---

<sup>79</sup> WARREN, Donald. A Terapia espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900. **Religião e Sociedade**, 1984 p.58

<sup>80</sup> ISAIA, Op.Cit. p.97

<sup>81</sup> STOLL, Op.Cit. p.52

Somando-se a essa familiaridade de parte de nosso povo ao universo simbólico mediúnico, devemos levar em consideração a “facilidade” de trânsito religioso que os “clientes” dos bens de salvação tinham dentro do campo religioso brasileiro já no final do século dezenove. Característica essa, que, como vemos em Sanchis, advém da precocidade da articulação das diferenças no seu interior, o que também ajudou na criação de um público, pois foi essa “facilidade” para o trânsito religioso que permitiu, por exemplo, que “muitos” católicos migrassem para as fileiras das religiões mediúnicas. Dessa forma vemos na familiaridade dos brasileiros para com o “mundo dos espíritos” e na precoce e maior facilidade de trânsito religioso em nosso país os principais impulsos para o florescimento e o “sucesso” do campo mediúnico brasileiro.

O campo mediúnico, como qualquer outro campo, é um lugar de “batalhas”. Nessas, as diversas religiosidades que o compõe se “enfrentam” por adeptos (clientes do mercado religioso). Algumas dessas religiosidades possuem mais capital simbólico do que as outras. Por inúmeros fatores, algumas religiosidades têm seus discursos, representações e valores, mais aceitos que os de outras, o que, obviamente, dá-lhes vantagens nas “lutas” do campo mediúnico.

Os fatores que fazem com que as diversas religiosidades tenham diferentes graus de acumulação de capital simbólico são inúmeros. Esses dependem do contexto em que estão inseridas as religiosidades, dos discursos de outros saberes (médico-psiquiátrico, jurídico, político) presentes nesses contextos, entre outras condições que, em determinado momento da história, fazem com que o público consumidor de bens de salvação do campo mediúnico tenha mais empatia por um determinado tipo de religiosidade em detrimento de outras.

Na década de trinta quanto mais as religiosidades do campo mediúnico se aproximassem de valores “científicos”, “civilizados” e “ordeiros”, mais capital simbólico acumulariam, e, conseqüentemente, mais força teriam nas “lutas” do campo mediúnico. O Espiritismo pode ser observado como um exemplo dessa situação, já que, por ser ligado aos valores “científicos”, gozava de grande capital simbólico no campo mediúnico da primeira metade do século XX. Não que o Espiritismo, como todas as outras filiações do campo mediúnico, não sofresse ataques da hierarquia católica, dos representantes dos saberes



médico-psiquiátricos, dos saberes jurídicos, etc<sup>82</sup>. Todavia, como podemos observar em Ceres de Carvalho<sup>83</sup>, o Espiritismo se formou baseado em um discurso (determinado por seu tempo) que o “alçava” à condição de uma “ciência”<sup>84</sup>, o que dava a ele mais capital simbólico no contexto do final do século XIX, início do XX. Podemos observar a afirmação desse discurso que liga o Espiritismo à ciência, nas palavras do próprio Kardec, para quem, “o Espiritismo responde as exigências científicas, pois trabalha com o método experimental da ciência positiva”<sup>85</sup>. Outro ponto que dá mais capital simbólico e que diferencia o Espiritismo (e as religiosidades similares do campo mediúnico), é a sua proposta utópica e apaziguadora, que através das idéias de evolução, progresso, destino individual e trabalho como um dos fundamentos da existência humana, buscavam manter, em lugares tão distintos como uma França agitada do século dezenove ou num Brasil com uma industrialização tardia do início do século vinte, a ordem.<sup>86</sup> Ainda podemos elencar como um fator de acumulação de capital simbólico por parte do Espiritismo sua característica de ser uma religiosidade letrada, embasada em escrituras, e, conseqüentemente, seus rituais “reservados” advindos dessa característica. Nesse sentido, apesar de todas as perseguições, podemos observar que as diretrizes do Espiritismo eram mais bem vistas pelas elites (muitos participantes das sessões espíritas como podemos observar em João do Rio, através de Isaia<sup>87</sup>, adinham dessas elites) e, conseqüentemente, tinham seu capital simbólico mais valorizado. Ainda nos estudos de Isaia sobre os autores do início do século XX que escreviam a respeito das religiões mediúnicas podemos observar, que apesar do preconceito deles em frente a essas religiosidades:

As impressões de João do Rio sobre o espiritismo kardecista, à francesa, praticado na capital federal pela elite social, compunham um quadro em tudo

---

<sup>82</sup> ISAIA, Artur Cesar. João do Rio: O Flâneur e o Preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX. In: MARIN, Jérri Roberto. **Religiões, religiosidades e diferenças culturais**. Campo Grande: UCDB, 2005. p.13

<sup>83</sup> MEDINA, Ceres de Carvalho. O pensamento Kardecista. In: CONSORTE, Josildeth Gomes e COSTA, Márcia Regina da (orgs). **Religião, política, identidade**. São Paulo, SP: EDUC, 1988.

<sup>84</sup> Como afirma Stoll, “esse perfil [científico], (...), não lhe foi atribuído [ao Kardecismo] “pelos espíritos” e, sim, por Allan Kardec”. Ver STOLL, Op. Cit.

<sup>85</sup> MEDINA, Op.Cit. p.53

<sup>86</sup> ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Conservadorismo e Utopia. In: PINTO, Elisabete Aparecida e ALMEIDA, Ivan Antônio de (orgs). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade: (inclusão social, étnica e de gênero)**. São Paulo, SP: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004.

<sup>87</sup> ISAIA, Artur Cesar. João do Rio: O Flâneur e o Preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX. In: MARIN, Jérri Roberto. **Religiões, religiosidades e diferenças culturais**. Campo Grande: UCDB, 2005. p.110

próximo aos padrões tolerados por uma elite, obcecada pela idéia de higienização e pelo medo da periculosidade da pobreza.<sup>88</sup>

E ainda, para tratar do Espiritismo, João do Rio utilizava como manchetes de suas reportagens frases como “O Espiritismo entre os sinceros”. Nessa reportagem a descrição de João do Rio “precisa os contornos que opunham esse Espiritismo [Kardecista], tido como científico, letrado e acima de qualquer interesse material, do praticado, segundo o autor, pela escória social”.<sup>89</sup> Por mais perseguido que fosse, o Espiritismo (bem como as demais religiosidades em sua linha), por sua “proximidade” a “valores” como a “ciência, no caso o positivismo, o trabalho, o letramento, a higiene (fuga dos rituais) e a ordem”, entre outros, tinha mais respaldo entre as elites. E seu capital simbólico era mais valorizado perante os clientes do campo mediúnico do que o das religiosidades que não se encaixavam nesse estereótipo “civilizado e ordeiro”.

Por outro lado, ainda na década de trinta, em oposição a religiosidades como o Espiritismo, “vistas” como “alto espiritismo”, existiam as religiosidades ligadas a um passado africano, como o Candomblé, a Macumba e a Umbanda, pejorativamente “vistas” como “baixo espiritismo”. Essas, ao contrário do Espiritismo, tinham seus valores pouco reconhecidos e, conseqüentemente, pouco capital simbólico. Muito desse preconceito em frente a essas religiosidades afro era “justificada” com afirmações que denegriam as doutrinas e os seus rituais. A imagem que as elites, os saberes médico-psiquiátricos (que viam muitas vezes a mediunidade ligada à loucura<sup>90</sup>), os saberes jurídicos, a hierarquia católica e os próprios concorrentes dessas religiosidades no campo mediúnico, faziam das expressões religiosas dos afro-descendentes as ligava à “magia”. Nesse sentido não eram vistas como religiões, mas como um conjunto de práticas “irracionais” que serviriam como um placebo aos níveis sociais menos favorecidos.

As religiosidades afro, por não se encaixarem aos padrões colocados como civilizados e evoluídos pelas elites, outros saberes e seus concorrentes do campo religioso, eram consideradas por todos esses como “atrasadas”. Esse processo de inferiorização das

---

<sup>88</sup> ISAIA, Op.Cit. p.109

<sup>89</sup> Idem,ibdem

<sup>90</sup> ISAIA, Op.Cit.

religiosidades afro era um processo trivial das elites, que freqüentemente desvalorizavam as representações de mundo das camadas menos favorecidas da sociedade.<sup>91</sup>

O caráter ritual dessas religiosidades afro era muitas vezes usado contra elas nas lutas do campo religioso. Os sacrifícios de sangue do Candomblé eram cada vez mais conotados como bárbaros, já os terreiros de Macumba eram vistos como “grosseiros e simples”. Ortiz aborda o processo de descredenciamento das religiões afro-brasileiras (nesse caso a Umbanda) feito por adeptos do Espiritismo:

A oposição entre esses dois universos sagrados se processa, pois, no nível espiritual, pela recusa [por parte dos espíritas] dos espíritos dos negros e dos índios, e no nível da prática, pela crítica [por parte dos espíritas] ao despacho de Exu, das bebidas das divindades, dos charutos dos caboclos, da utilização da pólvora para afugentar os maus flúidos, práticas estas consideradas bárbaras, ignóbeis e atrasadas [pelos espíritas].<sup>92</sup>

Entendemos que as perseguições aos ritos e doutrinas “não enquadrados” aos “valores modernos” eram uma forma de desvalorizar as religiosidades afro. No entanto essas não eram desvalorizadas somente por seus ritos e doutrinas em si, mas sim, como afirma Isaia, “por representarem o inverso da *alva* segurança nômica (grifo nosso)”<sup>93</sup>. Ou seja, por representarem os valores ligados aos universos simbólicos dos pobres e negros, e nem tanto por suas doutrinas e rituais, é que as religiosidades afro eram perseguidas. Uma expressão cultural das camadas subalternas da sociedade era muito mais amedrontadora para as elites do que velas, galinhas pretas e espíritos. Assim podemos ver que a desvalorização dos rituais e doutrinas das religiosidades afro servia para estancar as práticas culturais dos pobres e negros, que, através dessas, muitas vezes conseguiam resistir à total sujeição. Nesse sentido os preconceitos sofridos por essas religiosidades afro apontam o medo que as elites e os saberes institucionalizados nutriam pelas camadas sociais “perigosas”.

Na década de trinta o preconceito contra essas religiosidades era materializado através da repressão policial, do uso explícito da força. Os centros de “baixo espiritismo”

---

<sup>91</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999. p.98

<sup>92</sup> ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis: Vozes, 1978. p.43

<sup>93</sup> ISAIA, Op.Cit. p.99

eram previamente, sem motivo definido, fichados pela polícia.<sup>94</sup> Como podemos observar em Isaia, nos seus estudos sobre João do Rio, a visão que se tinha sobre os centros de “baixo espiritismo” os mostrava em estreita associação com a transgressão social. A mediunidade era ligada à vagabundagem e ao charlatanismo. “Os macumbeiros são [eram] tidos como ‘vagabundos e incapazes de um trabalho honesto’”<sup>95</sup>. O nível de perseguição que as religiosidades afro sofreram foi (como já afirmamos) muito maior e mais cruel do que as que as religiosidades do “alto espiritismo” sofreram. A justiça e a polícia, servindo aos interesses das elites (monopólio da força), não só seguiam a clivagem entre “alto e baixo espiritismo” na hora de perseguir as religiosidades mediúnicas, como aprofundavam essas diferenças, criminalizando o “baixo espiritismo” e tolerando o “alto”.<sup>96</sup> Essa posição de “tolerância” da Justiça em frente ao “alto espiritismo” pode ser compreendida pelo “beneplácito” dado a essas religiosidades pelo Estado Novo, que, como coloca Isaia, na busca pelo monopólio da “questão social” via com bons olhos a religião Espírita, já que fazia alguma frente à Igreja Católica, rival de Vargas na “questão social”.<sup>97</sup> E, ao contrário das religiosidades afro, tinha uma doutrina “condizente” com os “valores modernos” (tão caros às elites).

As religiosidades afro sofriam nas “lutas” do campo religioso, pois seu capital simbólico, por todos os motivos apontados acima, era muito baixo. A concorrência com as religiosidades não-afro do campo mediúnico era desigual. Nesse sentido, no contexto da década de trinta, em que os ritos e doutrinas dessas religiosidades eram usados como pretexto para desqualificá-las, a Umbanda, através de seus “intelectuais”, buscou de certa forma (mais na teoria) redimensionar suas práticas a fim de que fossem socialmente mais aceitas, que seu arcabouço doutrinário tivesse mais capital simbólico e, conseqüentemente, que concorresse com mais força no mercado religioso do campo mediúnico.

Buscando fugir das perseguições e dos estigmas de “primitivismo e atraso”, alguns participantes da Umbanda, “seus intelectuais”, buscaram “adaptá-la” aos “valores modernos” e à “nova vida” nos crescentes centros urbanos da década de trinta (RJ/ SP). Na

---

<sup>94</sup> CAMARGO, Op.Cit. p.34

<sup>95</sup> ISAIA, Op.Cit. p.99

<sup>96</sup> ISAIA, Artur Cesar. João do Rio: O Flâneur e o Preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX. In: MARIN, Jéri Roberto. **Religiões, religiosidades e diferenças culturais**. Campo Grande: UCDB, 2005. p.105

<sup>97</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999. p.108

busca por acúmulo de capital simbólico os intelectuais da Umbanda pretendiam “separá-la”, distingui-la, das outras religiosidades afro. Através de escriturações e da “aproximação” da Umbanda aos valores espíritas, caros às elites, os intelectuais, pretendiam “unificar e desaffricanizar” os ritos da Umbanda. Assim através do letramento e da noção de evolução os intelectuais da Umbanda tentaram afastá-la do caráter ágrafo e ritual das religiosidades como o Candomblé e a Macumba, “vistas” como “deslocadas” dos “valores modernos”, “ordeiros e civilizados”.<sup>98</sup> Nesse sentido os intelectuais queriam através de uma literatura umbandista “extinguir” os sacrifícios animais, o uso de bebidas e fumo, bem como reduzir os batuques e danças, e também unir a “difusa” doutrina da Umbanda, já que esta variava muito de terreiro para terreiro. Esse processo é chamado por autores como Renato Ortiz<sup>99</sup> de “legitimação racional”. No entanto, como afirma Isaia<sup>100</sup>, ao contrário de Ortiz, esse processo não pode ser percebido como algo que tenha realmente redirecionado as práticas, doutrinas e rituais da Umbanda. Usando as palavras de Isaia, nós encaramos o “‘fazer-se’ umbandista como dotado de força inventiva suficiente para bloquear a mera reprodução das obras dos intelectuais”.<sup>101</sup> Desse modo, mesmo com a “legitimação racional” posta em “prática” por alguns umbandistas, “intelectuais”, no cotidiano, no chão dos terreiros, os rituais continuaram como antes e as doutrinas também permaneceram difusas.

Nesse caldo cultural em que estava mergulhada a Umbanda na década de trinta, um médium desta tinha “revelações” surpreendentes. Esse médium era Manoel Jacintho Coelho, que em 1935 atuava no Centro Espírita [de Umbanda] São Francisco de Assis, no Méier, Rio de Janeiro. Embebido pelas idéias dos intelectuais da Umbanda (podemos percebê-lo como um), Manoel, ao invés de apenas buscar defender suas convicções dentro das relações de disputa por poder entre os diferentes grupos que “pensavam” a Umbanda, ousou dar um passo a mais e se projetar como criador e líder de um movimento. Assim, reinterpretando as “diretrizes” dos “intelectuais” da Umbanda, ou seja, apegando-se a valores espíritas como a evolução e o letramento, na fuga dos rótulos de “atraso e primitivismo” (que assolavam as religiosidades afro na década de trinta), e agrupando

---

<sup>98</sup> ISAIA, Op.Cit. p.114

<sup>99</sup> ORTIZ, Op.Cit.

<sup>100</sup> ISAIA, Op.Cit.

<sup>101</sup> ISAIA, Op.Cit. p.98

elementos do universo simbólico católico, Manoel em 04 de outubro de 1935 cria a Cultura Racional. Nessa data o processo de sua formação começa a ganhar corpo com o início da redação da obra “Universo em Desencanto”.

A Cultura Racional foi criada dentro de um contexto conturbado do campo religioso. Nesse contexto, o da década de trinta, a complexidade das relações de concorrência dentro do campo mediúnico fez com que os “intelectuais” da Umbanda buscassem através de uma estratégia “livresca” de desafricanização desta torná-la uma religião com mais força (capital simbólico) para disputar as querelas do campo religioso. Como um médium de Umbanda, Manoel estava inserido nesse contexto. Todavia, como vimos, o então médium da Umbanda não seguiu o caminho das discussões internas, mas fez sua reinterpretação das idéias correntes na Umbanda, somou-as às idéias católicas, deu seu toque pessoal e criou a Cultura Racional.

Podemos observar Manoel como um “profeta” no sentido que nos expõe Bourdieu. Ao colocar em “questão” o monopólio dos instrumentos de salvação (no caso da Umbanda), Manoel foi obrigado a realizar “a acumulação inicial de capital religioso”.<sup>102</sup> Nesse sentido, para produzir e distribuir novos tipos de bens de salvação, Manoel contou quase que única e exclusivamente com a “força” de seu discurso e com sua “habilidade” em fazer uma interpretação, uma “doutrina”, que “surpisse” de forma “plausível” os anseios simbólicos e materiais dos clientes presentes naquele momento do campo mediúnico. Ainda em Bourdieu podemos perceber que Manoel representa, como um profeta, a pessoa das situações de crise, seres que podem produzir “ilusões de novidades radicais”. Naquele contexto em que se encontrava o mundo, período entre guerras (1º e 2º), e o Brasil, urbanização e industrialização dos grandes centros do sudeste, e o campo mediúnico, onde as religiosidades afro (Umbanda) sofriam com o preconceito, Manoel, em uma situação oportuna, “apenas” com sua habilidade discursiva, cria a Cultura Racional

Podemos observar a formação da Cultura Racional como um empreendimento de Manoel em uma situação singular do campo mediúnico. Como afirma Bourdieu, “o profeta não é tanto o homem extraordinário de que falava Weber, mas o homem das situações extraordinárias”.<sup>103</sup> Assim, podemos compreender a ação empreendedora de Manoel no

---

<sup>102</sup> BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987. p.59

<sup>103</sup> BOURDIEU, Op.Cit. p.75

campo religioso remetendo-nos, por um lado, ao contexto histórico da época em que a Cultura Racional aparece. No caso, o contexto da Umbanda, no qual seus “intelectuais” pretendiam torná-la desfrancizada, letrada, e que oportunizou a situação para o surgimento de um movimento: a Cultura Racional. Este, única e exclusivamente alicerçado em uma obra bibliográfica e que se posta como tão “racional”, que nem como religião se afirma, mas como algo acima, mais “evoluído” que a religião e, ao mesmo tempo, que valoriza o papel criador de Manoel.

Dessa maneira, encaramos a Cultura Racional, tanto a partir da idéia fundacional, presente nos agentes históricos que a criaram, quanto na de formação, presente na análise histórica a que nos propomos.

## 2- “O ‘Homem de Outro Mundo’”

Neste capítulo vamos perseguir o seguinte percurso narrativo: vamos partir de uma incursão rápida sobre uma fonte importantíssima para o conhecimento da “construção” tanto da figura pública de Manoel, quanto da Cultura Racional. Trata-se da biografia “O Cavaleiro da Concórdia: O Homem de Outro Mundo”, escrita por um seguidor e amigo pessoal do fundador. Em um segundo momento, a partir de idéias como circularidade cultural e documento-monumento, analisaremos essa biografia, salientando a sua construção e sua relação com universos culturais próximos e distantes.

No dia 30 de dezembro de 1903, nascia na Rua Barão do Iguatemi, na Cidade Nova, próximo à praça da Bandeira (RJ, capital), Manoel Jacintho Coelho. A narrativa construída por um adepto da Cultura Racional aponta para a excepcionalidade do dia, “reveladora” de um momento ímpar para o mundo:

Noite de verão, céu aberto e estrelado. Durante o parto, sua mãe, a professora de piano Rosa Santos, fora assistida por uma vizinha, dona Maria Amélia, a negra Amélia Baiana, filha de escrava, beneficiada pela lei do Ventre Livre, cuja preocupação, agora, era ajudar aos outros a nascer. (...) O menino Manoel não demorou a nascer, o parto fôra normal. Ao ampará-lo, Amélia Baiana sorriu de felicidade. Beiços largos, testa suada, mão negra segurando o menino pelas pernas, ela berrou, num misto de contentamento e esperança: **É homê, Rosa... vai luta pelus homês. Ele trás um canto de amô, de paz, de concórdia e de liberdade...**<sup>104</sup>

Segundo a narrativa, naquela noite:

Um meteorito em forma de estrela descera sobre a Terra, indo cair bem em frente à casa do menino que nascera. A noite quente de

---

<sup>104</sup> ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. 1° ed, Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988, Belford Roxo , RJ, p.36



surpresa e curiosidade logo arrastaria uma multidão ao local. (...) Lá estavam todos. Alfaiates, marceneiros, macumbeiros, funcionários públicos, sapateiros, jornalistas, advogados, políticos, chacreiros, pedreiros, engraxates, doceiras, lavadeiras, malandros, comerciantes e costureiras – iam apressados rumo à Praça da Bandeira.<sup>105</sup>

A fonte afirma a “veracidade” dessa passagem com o depoimento de uma testemunha, Leonor Nunes dos Santos. Esta era, na época do nascimento de Manoel, apenas uma menina. Essa, segundo a fonte, após muitos anos, quase centenária, ainda repetia a seus netos as impressões que “tivera” no dia 03 de dezembro de 1903.

Naquela noite, uma estrela desceu do céu. Era uma estrela grande e azul. Veio descendo, descendo, descendo... e deixando, por onde passava, um brilhante rastro de luz. Os sinos tocaram as pessoas saíram de suas casas, indo para a rua. Estavam emocionadas e felizes. Homens e mulheres, jovens e velhos, pobres e ricos, adultos e crianças se abraçavam. Era um novo tempo de amor, de confraternização, de amizade e respeito, um dia de festa. afinal, um menino que viera de muito longe e acabar (sic) de nascer. (...) O Cavaleiro da Concórdia.<sup>106</sup>

Naquela noite o pai de Manoel sentiu algo especial em seu filho após as afirmações de Amélia Baiana, e disse olhando para o céu: “Pai, que o sacrifício de meu filho tenha uma finalidade”<sup>107</sup>. Segundo a fonte, Manoel teria nascido “na cor de bronze *unindo as raças*”<sup>108</sup>. Essa afirmação nos remete a uma influência da Umbanda, antiga filiação dele, que nasceu quando no Brasil muitos intelectuais (Semana de 22) faziam apologia a uma

---

<sup>105</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p.37

<sup>106</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p.38

<sup>107</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p. 39

<sup>108</sup> Idem, Ibidem

representação da nacionalidade que valorizava a mestiçagem.<sup>109</sup> Podemos assim constatar que os intelectuais da Umbanda interagiam ambigualmente com o discurso de desafricanização: referenciando-o por um lado e relativizando-o por outro. Influenciado por essa ambigüidade Manoel cria um movimento que se pretende mais desafricanizado, e, ao mesmo tempo, se coloca como “*símbolo da união das raças*”.

Manoel era filho de músicos<sup>110</sup>, o pai, Manoel, era maestro, e Rosa, a mãe, professora de piano. Após alguns anos “correndo descalço, sem camisa, pelas ruas da Cidade Nova, disputando espaço com outras crianças. E os olhos atentos de Amélia Baiana a acompanha-ló e protegê-lo”<sup>111</sup>, o então menino Manoel se muda para a Rua Alice, no Rocha (RJ, capital).

Manoel estudou na Escola Modelo, na Rua Ana Neri, no Riachuelo<sup>112</sup>. Segundo a fonte, no colégio:

Logo a professora constatou: o aluno Manoel já sabe ler, escrever e contar. E mais: sabe tudo que lhe for perguntado. História, ciência, português, matemática, geografia, astronomia e mais: até política, uma loucura. Tudo isso sem ter freqüentado o colégio anteriormente.

Nessa situação, segundo a fonte, sua mãe, “habilmente”, iludiu a confusa professora de Manoel sobre os “dons” dele, já que esta “surtou” ao se deparar com um menino “tão prodígio”.

Manoel cresce, o tempo passa, e a fonte faz uma ponte que nos leva à idade adulta, quando morava já com a esposa e seus filhos, na Rua Lopez da Cruz, 89, no Méier (RJ, capital). Manoel era funcionário público. Ele era funcionário do Ministério das Relações Exteriores, trabalhava no Itamaraty, na antiga Rua Larga de São Joaquim, hoje Marechal Floriano Peixoto. A fonte afirma Manoel como um homem muito capaz e preso a “objetivos elevados”, e que era visto pelos colegas de trabalho como uma pessoa que

---

<sup>109</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999, p.101

<sup>110</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p. 23

<sup>111</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p.40

<sup>112</sup> Idem, Ibidem

executava “as tarefas com o máximo de rigor, empenho e dedicação. E também se adapta, com maior facilidade, a qualquer tipo de trabalho”.<sup>113</sup>

Além de suas tarefas no Ministério das Relações Exteriores, ele se dedicava avidamente, segundo a fonte, a suas responsabilidades como médium na Tenda Espírita [de Umbanda] São Francisco de Assis, também na Rua Lopez da Cruz, 89, Méier (RJ, capital), ou seja, a Tenda Espírita ficava em sua casa. Segundo sua biografia, a Tenda Espírita era um espaço simples, uma casa de caridade onde Manoel e outros médiuns, por ele chefiados, atendiam os necessitados.

Simultaneamente, Manoel também é apresentado como um homem da noite, um boêmio, que tinha como vestes, “terno azul-marinho bem sintado, camisa de seda branca, gravata ‘tusot’ e sapato preto de salto carapeta”<sup>114</sup>, e que, com essas elegantes roupas, fazia o papel do típico “malandro” que passava suas noites nas rodas de samba da Lapa, “divertindo boêmios, mulheres, artistas, políticos, jornalistas, malandros e, principalmente, *otários*” (grifo nosso).<sup>115</sup> Durante anos a fio esse estereotipo de “malandro” andou pelas calçadas estreitas e pecaminosas da Rua Moraes e Vale ou pelo mal falado Beco das Carmelitas.<sup>116</sup> Sempre na companhia de malandros, capoeiras, músicos e prostitutas. Manoel viveu muito tempo, segundo a fonte, na Lapa:

Do dinheiro fácil, dos cassinos tolerados, da prostituição consentida, das mulheres bonitas, dos malandros convictos, dos boêmios incorrigíveis, [onde] tudo podia acontecer, [mas que também] vivia engolindo muita gente, liquidando homens e massacrando mulheres, nas casas suspeitas, nos cabarés freqüentados, nos cassinos famosos.<sup>117</sup>

Segundo sua biografia foi nessas noites da Lapa que Manoel passou a perceber que algo diferente “estava” acontecendo com ele.

---

<sup>113</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.34

<sup>114</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.10

<sup>115</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.11

<sup>116</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.10

<sup>117</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.23

Tudo aconteceu de forma inesperada, incontida, e porque não dizer avassaladora. Seu corpo começou a ficar adormecido, como estivesse (sic) anestesiado. Ainda reagiu, respirando fundo. Quis falar, pedir ajuda, mas não conseguiu. Parecia flutuar no ar denso de fumo e de muitas fragrâncias do Bar das Carmelitas. E embora soubesse que algo de anormal, de muito sério, de *novo* e também de diferente estivesse acontecendo, tinha a certeza: não havia perdido a consciência, tanto que continuava dedilhando o violão, sem perder o compasso do Samba (...).<sup>118</sup>

Paulatinamente, a partir de 1933, como já vimos, Manoel vai “recebendo” vários avisos do Racional Superior, até 1935, ano de sua “coroação”. Quando o seu guia, o Racional Superior, “começa” a repassar a Manoel os ensinamentos para o “equilíbrio” da humanidade.

A partir de sua “coroação” a fonte passa a reforçar a natureza “não terrestre” de Manoel, a visão de que este “era” um ser de outro mundo, o mundo de onde “vimos” e para onde, através dos ensinamentos de Manoel, “voltaríamos”: a Planície Racional.

Muitos milagres são atribuídos a Manoel pela fonte. Segundo ela, Manoel “teria” salvado um homem, conhecido como Antônio Ferreiro, que já se encontrava desacreditado pelos médicos.

Antônio continuava deitado sobre a mesma maca, agulha de soro a espetar-lhe a veia. Manoel aproximou-se dele, pousando-lhe a mão direita sobre a cabeça. Não demorou muito uma luz prateada, brilhante, clareou toda a enfermaria. a fonte de luz nascida, através da janela, iluminava o corpo de Manoel, ressaltando-lhe a silhueta e tornando ainda mais branco o terno que ele vestia. A mão que estendera sobre a cabeça de Antônio, tornava-se um poderoso condutor de energia iluminada, fosforescente, cintilante. De tão intensa, a luz parecia penetrar na cabeça do ferreiro em agonia.

---

<sup>118</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.11

Pacientes, médicos e acompanhantes, perplexos, surpresos, embasbacados, acompanhavam, trêmulos aquele espetáculo de beleza indiscutível. Num determinado momento, a luz tornou-se bem mais forte, intensa. A impressão que todos tiveram, nesta ocasião, foi a de que Manoel Jacintho Coelho, no ponto máximo de sua concentração, deixava o chão, flutuando no espaço. (...) A luz fôra (sic) se esmaecendo, até desaparecer. Antônio abriu os olhos ainda sonolentos. Manoel, então, sorriu dizendo: - Já posso ir Antônio. Você já está curado.<sup>119</sup>

Segundo a fonte, além de Antônio, outras pessoas que estavam doentes na enfermaria também foram “curadas” por Manoel através da misteriosa luz. Ao sair do hospital, após “ressucitar” Antônio, Manoel teria encontrado um cego pedindo esmola, ao qual ao invés de dinheiro “teria” lhe dado a visão. Sua biografia dá até o nome desse “ex-cego”, que se “chamaria” Alfredo Alencar Moreira. Há também a história de uma menina de doze anos que “teria” sido curada por Manoel, assim como as histórias das curas de um pedreiro “chamado” Nelson, que “teria” suplicado a Manoel:

Por favor, por favor. Me ajuda, me ajuda. Não deixe os médicos cortar (sic) minha perna. [e ao qual Manoel teria respondido] Tenha calma, moço. Sua perna não vai ser cortada.<sup>120</sup>

E também a cura que o ator Procópio Ferreira, “(...) muito doente (...) quase paralítico”<sup>121</sup>, “teria obtido” com a Imunização Racional, conseguida com a leitura da obra “Universo em Desencanto”<sup>122</sup>.

Apesar de seu lado boêmio, “irreverente”, a imagem que a fonte mais passa é que Manoel era um “santo homem”. São inúmeros os “bons” valores computados a Manoel. Segundo sua biografia, “o trabalho, a família, a Tenda Francisco de Assis, os necessitados e

---

<sup>119</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p. 83

<sup>120</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.116

<sup>121</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.127

<sup>122</sup> Conforme já nos referimos anteriormente a Imunização Racional é conseguida através da leitura da obra “Universo em Desencanto”. Esta leitura teria como efeito o “equilíbrio do corpo físico e da mente”.

outros afazeres consumiam suas horas”<sup>123</sup> A visão de Manoel que o texto de Jorge Elias nos passa é a de uma pessoa, trabalhadora, humilde e caridosa, e que, quanto mais se aproximava do dia em que o Racional Superior “começaria” a lhe “transmitir” seus ensinamentos, a lhe “ditar” os livros “Universo em Desencanto”, mais se afastava da vida noturna.

E o violão, a música, as festas? ... As festas, Manoel, as noites alegres, movimentadas? [perguntava-lhe um amigo] -Devido aos meus afazeres, ao meu trabalho, ultimamente não tenho me dedicado à música. Olha que pego no violão um bom tempo. Festas, então, nem se fala. Não tenho ido a nenhuma. [ênfaticamente Manoel].<sup>124</sup>

Todas essas narrativas sobre a vida de Manoel, de seu nascimento (1903) até a criação da Cultura Racional (1935), são contemporâneas de uma época de muitas mudanças e transformações na sociedade. A velocidade do mundo e muitos conceitos, não seriam mais os mesmos, principalmente após o fatídico verão de 1914 (1º Guerra Mundial). As novas concepções políticas, tecnológicas e sociais, estremeciam as visões de mundo antigas. No Brasil os germes da industrialização (principalmente na Era Vargas) e a paralela urbanização redimensionavam profundamente inúmeras relações sociais e práticas culturais.

A urbanização dos grandes centros do sudeste, São Paulo e Rio de Janeiro, que tanto impulsionaram as “mudanças” que foram propostas pelos intelectuais da Umbanda (como vimos acima), podem ser claramente observadas através da biografia de Manoel. Este se mostra na fonte muito marcado pelas transformações urbanísticas sofridas pela capital carioca no início do século passado.

Caminhada para a Praça Onze, antigo Rósio Pequeno. O Rio estava mudando de fisionomia, estava crescendo – observou [Manoel].

---

<sup>123</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.23

<sup>124</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.68

Ainda na juventude, quando a cidade era bem menor, bem mais *humana*, [Manoel] havia sido testemunha da covardia do governo contra os negros, mulatos e pobres. Tudo a pretexto de um rigoroso saneamento, confundindo insalubridade com miséria, servindo a interesses políticos, empresariais e econômicos, o governo deu início a campanha do *bota-abaixo*. E demoliu cortiços, estalagens e casas de cômodos. (grifo nosso).<sup>125</sup>

O crescimento da economia e concomitantemente o da cidade transformaram muitas áreas antes habitadas por ex-escravos e estrangeiros em áreas de especulação imobiliária, o que fez com que os mais “fracos” tivessem de abandonar as regiões mais centrais da cidade do Rio de Janeiro, subindo os morros ou indo aos subúrbios.

Com a urbanização, as práticas religiosas dos afros descendentes passaram a ser ainda mais rotuladas como primitivas, como vimos acima. Nesse sentido podemos observar em algumas passagens da fonte, que mostram o contato de Manoel com as religiosidades afro, muito da repressão que estas sofriam e do contexto em que se encontravam as religiosidades afro no início do século XX e Manoel como médium de Umbanda.

A casa de Ciata [Ciata de oxum para Manoel, segundo a fonte, deusa do dengue, da formosura, da elegância, nas palavras do mesmo], seu Candomblé. Eram verdadeiras brigadas de resistência a ação policial. Tempo em que o samba e a macumba eram coisas proibidas. (...) tempo de perseguição e indisfarçável repressão.<sup>126</sup>

É comum na fonte a ligação de Manoel com personagens famosos da história carioca e brasileira. Além de Ciata<sup>127</sup> muitos outros nomes conhecidos aparecem na fonte. Sejam como amigos, conhecidos ou favorecidos de Manoel, essas são algumas das

---

<sup>125</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.70

<sup>126</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.72

<sup>127</sup> Ciata foi uma mãe de santo muito conhecida no Rio de Janeiro no século passado.

personalidades que aparecem: Carlos Lacerda, Manoel Bandeira, “o amigo, o xará”<sup>128</sup>, Agenor de Oliveira, o Cartola, Pixinguinha e Procópio Ferreira, entre outros. Entretanto é inegável que o personagem famoso “privilegiado” em sua biografia é Getúlio Vargas. Com ele Manoel “teria” tido não somente relações de trabalho, como funcionário do Itamaraty, mas uma “estreita” ligação. Como já vimos acima a dubiedade de Vargas perante as religiões mediúnicas, principalmente as afro, pode ser um dos motivos que o tenham feito ocupar algumas páginas da biografia de Manoel, já que a “aproximação” com o então presidente pode ser interpretada como uma forma de acumular capital simbólico. De certa forma Manoel, em sua biografia, resume muito bem a personalidade de Vargas como estadista:

(...) na sua desmedida ambição política não recuava um milímetro sequer. Sem receio ou remorso, não poupava nem a amizade de seus seguidores mais fiéis transformando-os em mamulengos de suas inconfessáveis intenções e peças azeitadas de suas engendradas manobras políticas.<sup>129</sup>

Segundo a fonte Manoel “teria se aproximado” de Vargas ao “prever” um acidente automobilístico e depois “salvá-lo” deste. Após essa aproximação, Manoel “passou a influenciar”, segundo a sua biografia, inclusive no destino político do país. Assim a intimidade dos dois era tal que, após a “cura” de Vargas, este, segundo a fonte:

Não sai mais lá do centro do Manoel. Vira e mexe, está lá com comitiva e tudo. Só que o Manoel não faz distinção, nem o Getúlio quer. Quem quiser falar com ele tem de aguardar a vez.<sup>130</sup>

Ao observarmos a fonte, percebemos que muitas vezes, apesar de afirmar o contrário, Manoel gostava de ser visto ou relacionado com nomes importantes, por capricho

---

<sup>128</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.73

<sup>129</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.33

<sup>130</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.96



pessoal ou na busca por acúmulo de capital simbólico. Nem sempre a humildade era a maior virtude de Manoel. A fonte afirma, por exemplo, que:

Os surpreendentes poderes de Manoel Jacintho Coelho começaram a ganhar as primeiras paginas dos jornais e também correr de boca em boca por toda a cidade. Homens e mulheres, jovens e velhos, poderosos e humildes estavam perplexos e deslumbrados com que assistiam.<sup>131</sup>

O “contato” com pessoas famosas e a “auto-promoção” de Manoel expostas na fonte podem ser interpretados como uma busca por capital simbólico. Entretanto, ao analisarmos a fonte, é inegável a “falta” de modéstia de Manoel, ou, como na sua biografia, “O Grande Mestre”, “Cavaleiro da Concórdia”.

Essa “elevada” auto-estima e autovalorização de Manoel são de certa forma “aceitáveis” para alguém que se coloca em “outro estágio” de “compreensão do universo”. Alguém, como podemos observar em sua biografia, que se afirma como o “verdadeiro filho de Deus” (Racional Superior), e, conseqüentemente, como Jesus Cristo, um “Deus na Terra”.

Publicada pela primeira vez em 1988, a biografia de Manoel, “O Cavaleiro da Concórdia: O Homem de Outro Mundo” relata-o como alguém “dotado” de uma missão e poderes excepcionais. No entanto, são inúmeros os motivos que nos fazem indagar a veracidade de muitas informações de nossa fonte. Primeiro porque Jorge Elias, o autor da biografia de Manoel, era adepto e amigo pessoal do “Cavaleiro da Concórdia”. Também levamos em conta o fato do próprio Manoel ter participado da redação, falando sobre si mesmo, e o fato de que essa obra foi editada e impressa pela Racional Gráfica Editora LTDA, a editora do próprio movimento. Assim, alguns “detalhes” da confecção da obra nos levam a questionar as “fantásticas” narrativas sobre o nascimento de Manoel, sua “coroação”, seus “milagres e curas”, seu “envolvimento” com pessoas famosas.

No entanto, fictícias ou não, as “histórias” que vemos na biografia de Manoel são importantíssimas na compreensão da Cultura Racional. Mesmo que possam ser talvez

---

<sup>131</sup> ELIAS, Jorge. Op.Cit. p.94

“apenas” construções dele, de seus sucessores (sua filha Atna) e adeptos, na busca por capital simbólico para “perpetuar” sua imagem pública como a de alguém “singular, especial e grandioso”, e, conseqüentemente, devido ao forte caráter personalista do movimento, a própria Cultura Racional, devemos considerá-las. Afinal, como afirma Le Goff, “qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo talvez sobretudo os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem.”<sup>132</sup> Assim, o que menos importa para nós nesse momento é se a biografia de Manoel é verdadeira ou uma “montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram”<sup>133</sup>, mas sim o fato de que a fonte nos revela indícios, ou, ao menos, expectativas, de relações sociais, visões de mundo, espaços de sociabilidade e experiências. Acontecimentos concretos ou “somente” palavras em um livro, essas “histórias” fazem parte de um imaginário que certamente o influenciou a, ao invés de um intelectual da Umbanda, tornar-se o criador da Cultura Racional.

As histórias da biografia, mesmo que prováveis projeções, são indícios de chaves<sup>134</sup>, filtros, de leitura de Manoel. Dessa forma, elas nos possibilitam compreender alguns traços da vida e da personalidade que podem nos indicar as particularidades no modo de Manoel apreender o mundo e as deformações de suas possíveis leituras. Os prováveis motivos que podem ter proporcionado o “desvio” entre o contexto em que Manoel estava inserido como médium e possível intelectual da Umbanda na década de trinta, e sua atitude diante deste.

As relações sociais de Manoel que podemos observar na fonte, ao menos as pretendidas pelo autor, ligam incansavelmente o médium a pessoas famosas. Nesse sentido, percebemos que, para além da busca por capital simbólico, essa “proximidade” com as celebridades também nos expõe, ao contrário de grande parte do discurso da fonte, um Manoel muito vaidoso, uma pessoa que parecia não gostar de se imaginar nas sombras da sociedade, que demonstrava possuir uma forte vontade de ser reconhecido. Assim vemos sua “inserção”, por parte da fonte, entre as grandes personalidades brasileiras, como uma “predisposição” a não se submeter ao anonimato, mas procurar “seu” espaço entre os

---

<sup>132</sup> LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp, p.538

<sup>133</sup> LE GOFF, Jacques. Op.Cit. p.537

<sup>134</sup> GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das letras, 1987, p.80

grandes. Alguns dos espaços de sociabilidade de Manoel, colocados pela fonte, são o Itamaraty, o terreiro de “Ciata” e a boêmia Lapa. Esses seus, ao menos pretensos, espaços de sociabilidade muito nos indicam a respeito das “deformações” em suas possíveis leituras.

Seu suposto trabalho, no Itamaraty, nos faz ter duas reflexões. A primeira é sobre o caráter “obstinado e trabalhador” de Manoel, colocado na fonte como alguém que “não” via limites para cumprir suas tarefas. Características essas “essenciais” para alguém que quer criar alguma coisa. E, além dessa determinação em suas tarefas, podemos perceber através das “histórias” de seu trabalho que Manoel, como um funcionário público no Brasil da década de trinta, tinha, como um moleiro na época de Menocchio, uma posição social particular.<sup>135</sup> Posição essa que o elevava a uma condição privilegiada, seja pela tranquilidade financeira, importante para ele ter tempo e renda para criar a Cultura Racional, ou, pela maior possibilidade de contatos com meios socialmente mais elevados e cultos, onde poderia “captar” diferentes perspectivas de mundo.

As “lembranças” dos Candomblés e sambas na casa de Ciata podem ser observadas tanto como uma tentativa de “aproximação” com uma pessoa reconhecida no campo mediúnico, quanto como um testemunho muito consciente da situação das religiosidades afro na década de trinta. Em seu “depoimento” percebemos um forte traço de ressentimento e resistência em frente às perseguições que as religiosidades afro sofriam na década de trinta. Todo esse discurso contra a repressão para com as religiosidades afro, colocado em sua biografia, pode ser visto como uma provável motivação para que Manoel tenha, primeiro, talvez se alinhado aos intelectuais da Umbanda e depois criado a Cultura Racional, na busca, quem sabe, por uma fuga às perseguições às religiosidades africanas.

Tão coerentes quanto os “depoimentos” de Manoel sobre a repressão às religiosidades mediúnicas, são suas críticas à política higienista do bota-abaixo<sup>136</sup>. Em alguns “relatos” de suas caminhadas pelo Rio de Janeiro, capital, podemos observar o quanto as mudanças urbanísticas da cidade o “atingiram” pessoalmente e como médium de Umbanda. Como médium, pois as transformações urbanísticas incitaram muitas transformações no campo mediúnico. Como vemos em Isaia, a urbanização catalisou as

---

<sup>135</sup> GINZBURG, Carlo. Op. Cit. p.193

<sup>136</sup> Política pública de saneamento e higienização do Rio de Janeiro no início do século XX.

reformas dos intelectuais da Umbanda, conforme observamos na fala de Emmanuel Zespo (intelectual da Umbanda no século passado):

[...] suas práticas de religião primitiva estão incompatíveis com o mundo atual; e, sua subsistência em nosso meio só seria possível mediante uma modernização e adaptação no ritual externo. Não estamos mais em condições de sacrificar galos vermelhos a Exu e largá-los na primeira encruzilhada de um *centro urbano*. Tal rito no mato, não estaria fora de ambiente, mas em plena Avenida Rio Branco... isto não é mais exequível. [...]. (grifo nosso).<sup>137</sup>

E no aspecto subjetivo, pois para Manoel, após as transformações urbanas, a cidade, segundo suas palavras: “estava menos humana”. Assim, se como médium de Umbanda as mudanças na cidade o ajudaram a se enveredar nas reformas da Umbanda e, posteriormente, na criação da Cultura Racional, no aspecto mais psicológico essas podem ter sido responsáveis por uma quebra no *nomos*<sup>138</sup> de Manoel. Quebra essa que pode ter de modo indireto aguçado a sensibilidade de seu lado criador.

Outro espaço de sociabilidade de Manoel exposto pela fonte são as noites agitadas da Lapa da década de trinta. Essa informação nos leva a pensar que, para além de todos os contatos que a noite permitia, a vida boêmia de Manoel nos revela um lado seu “inconseqüente e desregrado”. Essa faceta de Manoel nos instiga muito a refletir até onde os goles de cerveja gelada podem tê-lo influenciado a ordenar suas idéias como ele ordenou. Afinal, foi nas enfumaçadas rodas de violão que ele “iniciou seus contatos” com o “Mundo Racional”.

É a partir dessa época, quando Manoel freqüentava as noites da Lapa, que a fonte começa a relatar as “passagens” sobre o seu lado mediúnico, principalmente seus contatos com o Racional Superior, e os “milagres” que ele “teria” consagrado. Essas “passagens” são muito marcantes e reforçadoras do “caráter transcendental” de Manoel, e,

---

<sup>137</sup> ISAIA, Artur C. Op. Cit. p.106

<sup>138</sup> O “nomos” é, segundo Berger, uma ordem significativa imposta as experiências e sentidos dos indivíduos. A sociedade como construção humana é uma atividade ordenadora, nomizante. Ver BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1985, p.32

conseqüentemente, afirmadoras de seus ensinamentos: a Cultura Racional. Quem sabe sejam apenas histórias com o objetivo de captar capital simbólico, ou talvez um traço da desorganização de seu nomos, ocasionado devido a uma possível perda de estrutura de plausibilidade<sup>139</sup> “sofrida” por Manoel com a urbanização do Rio? Tanto faz. Afinal, quem somos nós para julgarmos essas passagens se no mínimo há 2000 anos “vivemos” alicerçados em outras semelhantes? E porque não, sem adentrarmos realmente no lado ontológico<sup>140</sup>, apenas como suposição, observarmos a mediunidade de Manoel como tão “real” quanto as epifanias de Lutero e suas “lutas com o Diabo” no castelo de Wartburg? Ou seus “milagres” tão “reais” quanto os de Jesus, por exemplo? Mas o que nos importa é que, fatos ou construções, essas “passagens” nos revelam um lado extremamente criativo de Manoel. Através dessas “histórias”, se mostra uma caricatura de alguém que se julga um “Homem-Deus”, uma pessoa que não se submeteria a uma cosmogonia “pré-fabricada”. Isso, pois Manoel passa em seus discursos, nessas “passagens” de sua biografia, a idéia de que “saberia” mais que os outros a respeito das coisas da vida. Assim, o que percebemos sobretudo nessas “histórias” sobre sua mediunidade e seus “milagres” é que, “santo ou louco”, Manoel tinha dentro de si um impulso que poderia tanto terminar como terminou com a criação da Cultura Racional, quanto acabar levando-o a uma internação em alguma instituição psiquiátrica de “recuperação”.

Manoel coloca-se na fonte como “Mestre do Universo”, alguém que, como os papas no auge da cristandade, quando o mundo que existia “era” o mundo cristão, se afirmava “coroadado” por “entidades superiores”. Como podemos ver na fonte, ele afirma que “teria” sido coroadado por doze cardeais do universo em nome do seu “verdadeiro” deus, o Racional Superior, do mesmo modo que os cardeais da Santa Sé coroavam os papas em nome do “verdadeiro” deus deles. Essas afirmações mostram que Manoel realmente poderia se ver como um “escolhido” para “salvar” a humanidade. Nesse sentido, observamos ele como uma pessoa com um forte potencial, por talvez “ser convicto” em sua crença, para, em um momento como o da década de trinta, com as “transformações” que vivia o campo mediúnico, catalisar as “mudanças” e criar a Cultura Racional.

---

<sup>139</sup> Estrutura de plausibilidade é uma “base” social [um nomos em comum] que, segundo Berger, cada mundo requer para continuar sua existência como um mundo que é real para os seres humanos. Ver BERGER, Peter. Op. Cit, p.58

<sup>140</sup> BERGER, Peter. Op.Cit. p.186

Todas essas narrativas a respeito da vida de Manoel, observadas como documento-monumento<sup>141</sup>, nos permitem visualizar inúmeras chaves de leitura e percepção de mundo dele. Essas nos indicam muitas intervenções na “vida” de Manoel que podem tê-lo feito não reproduzir de “forma mecânica”<sup>142</sup> as obras que pode ter lido (obras dos Intelectuais da Umbanda, obras Espíritas). Assim, compreendermos que, para além de todo o caldo cultural que cercou a criação da Cultura Racional, foi preponderante e de suma importância o toque pessoal do Manoel na formação do movimento.

A “passagem” sobre seu nascimento, por exemplo, nos mostra, por um lado, que seus pais tinham certa instrução e razoável condição financeira. Dizemos isso a partir de algumas informações contidas na sua biografia: o fato de seus pais terem uma empregada, a profissão de seu pai, maestro, e de sua mãe, professora, entre outros indícios que nos fazem crer que os pais de Manoel podiam pertencer a uma camada mediana da sociedade. E, por outro lado, essa “história” recheada de simbologias do mito cristão do nascimento de Jesus, nos revela, como expõe Ginzburg, que o fato de Manoel reforçar sua narrativa com releituras da Bíblia, indicam uma preferência dele em relação a essa leitura. Isso fica claro ao lermos alguns volumes da obra “Universo em Desencanto” que nos mostram a forte ligação da cosmogonia de Manoel com as “histórias” e doutrinas do Novo Testamento. A cosmogonia de Manoel muito se assemelha à cristã, se afastando do universo simbólico afro-brasileiro com a idéia monoteísta de que o Racional Superior é o “único e verdadeiro” deus. O caráter messiânico de Manoel, bem como sua pretensa “natureza divina” (Racional), também ligam fortemente a Cultura Racional às suas influências cristãs. Dessa forma podemos observar que alguns filtros, influências, como o cristianismo (tão presente como gramática mediadora com o desconhecido no imaginário brasileiro), pulsavam de forma diferenciada na mente de Manoel, deformando suas leituras.

Através das “histórias” de suas biografia, podemos observar que ele mantinha relações na fronteira de muitos universos, e que tinha uma rede de sociabilidade muito ampla, o que nos permite afirmar, a partir de Ginzburg, que Manoel circulava entre o popular e o erudito. Entre as rodas de Candomblé e os intelectuais da Umbanda, entre a

---

<sup>141</sup> LE GOFF, Jacques. Op.Cit.

<sup>142</sup> GINZBURG, carlo, Op.Cit. p.80

Lapa e o Itamaraty, enfim entre culturas orais e letradas, como nos expõe sua própria biografia:

Indiferente aos preconceitos de época, convivia, *sem receio*, com pessoas das mais diferentes camadas sociais [e continua a fonte]. Da mesma forma que impunha sua presença entre ministros, *com sugestões inteligentes*, fazia sua ausência se tornar sentida entre os boêmios da cidade (...) (grifo nosso).<sup>143</sup>

Manoel é como podemos observar uma figura muito ambígua, uma pessoa que “captou” muitas informações da cultura letrada, mas que, entretanto, compilou-as com seu toque pessoal. Toque esse que como podemos observar em sua biografia e também pela redação da obra “Universo em Desencanto” é muito ligado à cultura oral. Assim, como já afirmamos, vemos o papel criador de Manoel como imprescindível na compreensão da Cultura Racional.

Manoel, como coloca a fonte, era um ser imprevisível. Através de seu ato criador, não se curvou à simples reprodução de um idioma cultural dominante em seu contexto, a obra dos intelectuais da Umbanda, mas usando das linguagens disponíveis criou seu próprio movimento: a Cultura Racional, demonstrando assim, como nos coloca Schmidt nas palavras de Levi, que:

[...] nenhum sistema normativo é de fato suficientemente estruturado para eliminar toda a possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação das regras, de negociação. (...).<sup>144</sup>

Assim, mesmo com todo o contexto do campo mediúnico na década de trinta, a Cultura Racional não existiria se Manoel, com e por todas as suas “vivências”, não pusesse em prática seu devir criador, ressignificando suas leituras.

---

<sup>143</sup> ELIAS, Jorge. Op. Cit. p.34

<sup>144</sup> GUASELLI, César Augusto Barcellos *et al.* (orgs.). **Questão de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000, p.124

### 3-Cultura Racional: letramento e apropriações

No Livro da absolvição da condenação à morte, Universo em Desencanto, já sabem muito bem o crime que fizeram de saírem da Planície Racional, para entrarem na parte que não estava pronta para entrar em progresso. Este, o crime que cometeram; e por isso, todos são criminosos. E por todos serem criminosos é que todos sofrem.<sup>145</sup>

Nesse capítulo partiremos atrás das resignificações das leituras de Manoel. Inicialmente, expondo alguns pontos da obra “Universo em Desencanto”<sup>146</sup>, descreveremos a cosmogonia de Manoel, a doutrina da Cultura Racional. Em seguida trabalharemos, através de Chartier<sup>147</sup>, o conceito de apropriação. Nesse sentido analisaremos as aproximações e os afastamentos entre a criação de Manoel e as suas possíveis leituras<sup>148</sup>.

#### 3.1-A Cosmogonia Racional

Em um verão de 1974, no bairro carioca do Recreio dos Bandeirantes, Tim Maia teve seu primeiro contato com a Cultura Racional. Em uma visita à casa de seu amigo, o compositor Tibério Gaspar, Tim conheceu o livro “Universo em Desencanto”<sup>149</sup>. Aquele livro, que pertencia ao pai de Tibério, o professor Gaspar Silverio Martins, físico celeste e amigo pessoal de Manoel, transformaria a vida do cantor durante dois anos. O contato de

---

<sup>145</sup> COELHO, Manoel J. **Universo em Desencanto**. Belford Roxo: Gráfica e Editora Racional, vol. I, p. 334.

<sup>146</sup> Em nosso trabalho observaremos três dos vinte e um primeiros livros de Manoel. Para melhor análise observaremos o volume inicial, um volume intermediário (XIII) e um volume final (XX). Assim, apesar da enorme quantidade de volumes que possui a obra “Universo em Desencanto”, cobriremos com esses volumes o cerne do pensamento de Manoel.

<sup>147</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990.

<sup>148</sup> Essas para nós são conjecturas. Nesse sentido analisamos as possíveis leituras de Manoel.

<sup>149</sup> MASSON, Celso. **A viagem esotérica de Tim Maia**. São Paulo, SP, Revista Trip, ano 15 (94): p.84-92/116, outubro de 2001.



Tim com o livro e logo depois, por intermédio de Gaspar, com o autor, Manoel, modificariam todo o seu comportamento.

Depois de sua conversão à Cultura Racional, Tim Maia se transformou completamente. Ele largou seus vícios, passou a se vestir exclusivamente de branco, cor com a qual pintou sua casa e seu Chevette, e virou um fervoroso divulgador da Cultura Racional. Tim pregou em shows de auditório de televisão, motivo pelo qual perdeu prestígio na mídia, e também gravou dois discos independentes com músicas sobre a doutrina da Cultura Racional, “Tim Maia Raciona I vol. 1 e vol. 2”. Toda a devoção de Tim Maia, seus dois anos de dedicação aos ensinamentos de Manoel, de leitura do livro, nos faz indagar: em qual mundo Tim passou a viver após a sua entrada na Cultura Racional?

Após sua conversão à Cultura Racional, Tim Maia passaria a ver o mundo de uma forma extremamente diferente, peculiar. Para Tim, durante aqueles dois anos (1974-1976), a origem do mundo, nossa natureza e nosso destino, passaram a ser o que Manoel havia escrito. Assim, para ele, seguindo as idéias de Manoel, há muitos anos em um lugar chamado de Planície Racional, que fica muito acima do que chamamos hoje de Terra, existiam seres puros, limpos e perfeitos, os Racionais<sup>150</sup>.

Os habitantes dessa longínqua planície, os Racionais, viviam eternamente felizes, em paz e harmonia, fazendo o seu progresso de pureza. Todavia nessa planície havia uma parte que não se encontrava pronta para o progresso. Um dia alguns Racionais entraram pela parte não preparada para o progresso da planície. Eles foram alertados para prosseguirem, foram advertidos, mas por livre e espontânea vontade adentraram naquela parte da planície. Assim, por desobediência e rebeldia<sup>151</sup>, alguns Racionais entram na parte imatura da planície. Quando esses seres passaram a progredir por conta própria naquela parte da planície, eles iniciaram um processo de deformação. Eles passaram então a regredir ao invés de progredir em direção à pureza e à perfeição.

A parte da planície em regressão foi paulatinamente decaindo. Os Racionais que inadvertidamente haviam adentrado na parte que não estava pronta da planície foram perdendo as suas virtudes. Essas foram se reunindo e com o tempo formaram uma luz tosca. Essa luz era abastecida pelas virtudes que os Racionais perdiam. Quanto mais eles

---

<sup>150</sup> COELHO, Op. Cit., Vol. I, p. 38.

<sup>151</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p.53.

perdiam suas virtudes, se deformavam, mais o foco de luz aumentava e esquentava. Então com o tempo, desse processo, nasceu o sol.

Por negligência de alguns Racionais uma parte da Planície Racional passou então a se deformar. Dessa parte um pedaço passou a produzir uma resina. Essa, por causa do calor, primeiramente empolou, depois queimou, torrou e finalmente virou cinzas. Outro pedaço da parte da planície em deformação, com o calor, passou a derreter e se tornou mole, gomosa. Essa goma, segundo Manoel, foi o que deu origem a água.

O tempo passava, o calor aumentava, a deformação prosseguia e os corpos Racionais iam perdendo as suas virtudes e se extinguindo. A parte gomosa da planície em deformação entrava em contato e apodrecia a parte das cinzas da resina. Esse processo originava os micróbios. Esses produziam germes de todas as espécies. Nessa altura se iniciava a formação dos corpos de nossos ancestrais. Os masculinos vinham da goma (água) e os femininos da resina (cinzas). Esses ainda eram muito diferentes dos nossos corpos atuais. Essas formas de vida ainda não faziam progresso entre si.

A planície continuava descendo. Com o tempo surgiram em nossos antepassados os olhos e as bocas. Depois pouco a pouco eles começaram a interagir. Primeiro por meio de acenos e depois por urros. Nessa época ainda não precisavam se alimentar. Os corpos foram sofrendo inúmeras modificações. No começo eram surdos e mudos, só enxergavam. Com o tempo desenvolveram a audição e depois a voz. Nessa época passaram da comunicação por acenos para a comunicação por urros. Cada transformação durava uma eternidade, que parecia se resumir nela mesma, já que não se compreendiam bem e por isso pensavam que o mundo era sempre aquilo.

A planície continuava descendo e quanto mais descia, mais o calor aumentava e os corpos se deformavam e se transformavam. Com o passar dos tempos esses seres começaram a gaguejar, substituindo os urros e guinchos por uma fala extremamente rude. Os seres que gaguejavam ainda eram, como os Racionais, eternos. Ainda não precisavam comer, beber e nem dormir. Nesse tempo apareceram alguns tipos de vegetação, mas nada parecido com os tipos que conhecemos hoje.

No seu processo em busca de uma melhor comunicação, em busca da fala, os gagos secavam demais as suas gargantas. Ao utilizarem paulatinamente da água para umedecer suas gargantas secas, seus órgãos começaram a se dilatar. Essa dilatação fez com que

passassem a depender dos alimentos. Nessa época ainda eram eternos, porém cada vez mais dependiam da água e de alguns vegetais para se saciarem. Quanto mais os viventes se alimentavam de vegetais, mais se deformavam.

Nesse tempo as virtudes deformadas, em descida, formaram seres como a lua e todas as estrelas. Tudo se deformava. Com o tempo apareceram as divisões entre as águas e as terras. Muitas coisas estavam acontecendo após os mares e as terras se separarem e os continentes se formarem.<sup>152</sup> Os gagos, na busca por uma melhor comunicação, criaram as divergências lingüísticas, os idiomas. A vegetação se modificou tanto que apareceram algumas espécies venenosas, e com o aparecimento dessas espécies vegetais nocivas, apareceram também os primeiros casos de morte, pois os viventes na ânsia de satisfazerem seu apetite acabavam muitas vezes se envenenando.

A luz da lua e das estrelas clareava à medida que a deformação descia. Assim surgia a separação entre o dia e a noite. O vapor do derretimento gerava as primeiras chuvas. Depois do início das chuvas os viventes passaram a se agasalhar, a se resguardarem do tempo.<sup>153</sup> Nessa época a lua ainda era sempre cheia. Com a continuação da sua deformação passou a fazer a sua trajetória, os quatro quartos.

Durante toda a deformação infinitas espécies apareceram e foram extintas. Todavia após muito tempo os vegetais se transformaram de tal forma, que o chão paralisou a formação da bicharada.<sup>154</sup> Assim após vinte e uma eternidades atingíamos o progresso, a fase, na qual nos encontramos hoje. O passado já não podia mais ser lembrado, já não sabíamos mais nossa origem Racional, já não sabíamos o porquê de ser como somos.

Os seres humanos entraram assim na fase animal racional. Destinados, por serem feitos de goma, espermatozóides, a nascerem, morrerem, se transformarem em micróbios e originarem outras e outras vidas. Os seres humanos seriam, na perspectiva da Cultura Racional, apenas “fabricas de reprodução de vidas”.<sup>155</sup> Destinados a nascerem, morrerem, se transformarem, gerarem outras vidas e nunca saberem o porquê de suas existências, qual sua origem e o que são, se reproduzindo por se reproduzir.

---

<sup>152</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 44

<sup>153</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 45

<sup>154</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 46

<sup>155</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 47

Os primeiros humanos, seres como os índios para Manoel, eram atrasados, gogos. Eles se abrigavam do tempo em tocas e malocas. Depois de se aperfeiçoarem, passaram a se abrigar em barracas e choças de palha e pedra. Assim foram, segundo Manoel, os primeiros passos desse nosso progresso. Pouco a pouco a fala foi se desenvolvendo, os humanos se especializando e as coisas se transformando no que conhecemos hoje. Essa é a explicação da obra “Universo em Desencanto” para nossa origem. Seríamos então seres formados de uma deformação em nosso mundo de origem. Seríamos o resultado de um processo de transformação causado pela indolência de nós mesmos no passado, quando éramos Racionais. Assim, quando entramos na parte da planície que não estava pronta para o progresso, fomos nos deformando, derretendo, descendo e nos transformando no que somos hoje.

Hoje na vigésima primeira eternidade estamos na forma humana, não somos mais Racionais puros, mas nos deformamos e agora somos animais racionais. Somos fruto da deformação da Planície Racional. E, portanto, segundo Manoel, como tudo o que foi produzido na deformação: o sol, a lua, as estrelas, a terra, a água, os vegetais e os animais, somos feitos de fluídos<sup>156</sup>. Nossos fluídos são os fluídos da deformação. Somos formados por fluídos elétricos e magnéticos. Esses por serem resultado da deformação são maléficos, ruins.

Os fluídos elétricos e magnéticos são ruins por virem da deformação. Esses formam o nosso corpo fluídico. Esse nosso corpo fluídico vem ocupando infinitos corpos durante as vinte e uma eternidades. Por sermos esses fluídos deformados, estamos condenados a peregrinar eternamente em busca do nada. E se a Cultura Racional não tivesse aparecido, continuaríamos sendo formados por esses fluídos ruins e vagaríamos sem destino por infinitas eternidades. Segundo a obra “Universo em Desencanto”, nosso próximo receptáculo, a próxima casa de nosso corpo fluídico elétrico e magnético, seria um corpo quadrúpede.<sup>157</sup>

Os fluídos que nos formam, elétricos e magnéticos, são os fluídos da deformação. Por sermos da deformação, desses fluídos, somos ruins. E como tudo aqui na Terra é formado pela deformação, é formado por esses fluídos, tudo é ruim. Nossa vida depois da

---

<sup>156</sup> Fluídos são no Espiritismo a substância que faria a ligação entre nós e o mundo dos espíritos.

<sup>157</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 77

deformação é destinada a ser ruim. Estaríamos todos condenados a viver sem saber o porquê, a sofrer. Sofremos com o desconhecido, com a morte, com as intempéries da natureza, com os problemas de saúde. E sofremos, segundo Manoel, por não sermos originalmente desse mundo, por não sermos originalmente fluídos elétricos e magnéticos.

Assim, por sermos uma deformação elétrica e magnética, nada de nosso mundo pode ser puro, limpo e perfeito.

Para Tim Maia tudo ficava claro após o seu contato com as idéias de Manoel. Todas as suas culpas, medos, dúvidas e erros, estavam explicadas. Ele não era desse mundo. Ele era somente um Racional deformado em fluídos negativos (elétricos e magnéticos). Como todas as outras pessoas, por vir da deformação, era mau, confuso, triste por natureza. Vivia sujeito ao desconhecido, vivia pela matéria, e como a matéria não é nada, é só mais uma casca para a deformação, para os fluídos negativos, ele vivia por nada. Como todos os seres humanos o mesmo vivia por nada. Nesse mundo passageiro vivia apenas de ilusão, era um sofredor, pois como todos os outros ele estava encantado, não sabia que essa vida não vale nada, que tudo é fruto de uma deformação.

Quando Tim lia os livros de Manoel entendia o porquê dessa nossa condenação. Ele passou a saber que os seres que fazem guerras, que se matam, que vivem por dinheiro, não sabem o que estão fazendo. Isso já que fazem o que fazem por serem fluídos negativos, por virem da deformação. Assim, sem saberem de onde vieram e o que são, viviam expostos ao mal. Viviam sujeitos à influência de falsos sábios, ou de maléficos habitantes do vácuo (que não são espíritos, mas seres deformados, em um estágio não material). Os humanos estavam assim, pela deformação, condenados a sofrer, a multiplicar a sua dor e a não saber o porquê.

Em 1974 Tim Maia encontrou a resposta para toda essa dor. Lendo o livro “Universo em Desencanto” Tim descobriu que por esse mundo ser deformado fluidicamente, por ele vir de uma regressão da Planície Racional, de um progresso negativo, é que ele e todas as pessoas sofriam. Através da leitura da obra “Universo em Desencanto”, Tim descobriu que somos deformados, constituídos de fluídos negativos, e que para nos regenerarmos dessa deformação, para recuperarmos nossas virtudes, a nossa natureza Racional e voltarmos à planície, a única coisa que precisamos fazer é ler os próprios livros de Manoel. Esses por si só, segundo o autor, passariam a quem os lesse todos os

verdadeiros conhecimentos de nossa origem e natureza e, conseqüentemente, de nosso destino.

A vida na Terra é então, para Manoel, uma mera ilusão, onde ninguém realmente sabe de nada e todos vivem de aparência. Somos deformados, não deveríamos estar aqui. E é aí que o conhecimento de onde viemos e o que somos, a obra “Universo em Desencanto”, entra, pois, segundo Manoel, após o leitor saber “historiar” os conhecimentos da origem e da natureza de tudo, os conhecimentos de seus livros, ele ficaria salvo, ligado a seu mundo de origem, Imunizado Racionalmente. Segundo Manoel:

Imunizado quer dizer: munido de tudo, sabedor de tudo, conhecedor e explicador desse tudo, tintim por tintim. E para assim ser, é preciso ler e para saber o que leu, tem que ler todos os dias sem perda de tempo. Imunizado, é munido das verdades, é munido do seu verdadeiro saber, é um conhecedor do porquê de tudo, do porquê de si mesmo, do porquê de todas as coisas existentes no mundo, do porquê desse mundo e do porquê de tudo antes assim ser. É um vivente completo, com bases sólidas, claras, lapidadas, sem contradição de nenhuma espécie.<sup>158</sup>

A Imunização Racional seria então o fim desse mundo deformado, dos fluídos negativos, e a volta ao nosso mundo de origem. Seria a salvação eterna de todos. E os que não sabem ou não podem ler, os analfabetos e os cegos? “Os que não sabem ler serão perdoados, terão seu desconto”.<sup>159</sup> Os analfabetos e os cegos poderiam atingir a Imunização apenas ouvindo o conhecimento racional e tendo contato físico com o livro.

Tim Maia após ler e reler os livros para saber “historiar”, recitar, os conhecimentos racionais, descobria qual seria o nosso destino. Assim quem lia os livros de Manoel “descobria” o que éramos, o porquê de estarmos aqui e para onde iríamos, porém essa leitura não poderia ser superficial, como observamos nos textos de Manoel:

---

<sup>158</sup>COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 200

<sup>159</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 158

A sabatina Racional deve ser constante, diária, para que os ânimos se conservem sempre equilibrados, na medida do possível, pelas instruções e orientações dadas do presente e do futuro.<sup>160</sup>

As pessoas após lerem os livros, continuariam na Terra, mas ligados à Planície Racional. Essa ligação, a vidência Racional, regularia as pessoas e as protegeria, já que as colocaria sobre proteção direta do Mundo Racional. A pessoa passaria a receber as orientações diretamente da planície, e então seus verdadeiros fluídos, os fluídos Racionais, voltariam a se ligar com o Mundo Racional. Depois de imunizados, todos estariam sempre em paz, felizes, pois saberiam que para eles essa vida, essa passagem na matéria seria, de uma vez por todas, a última fase da deformação, do sofrimento.

A leitura da obra “Universo em Desencanto” “ligou” Tim a seu mundo de origem durante dois anos. Nesses anos Tim se sentiu protegido, guiado por seus verdadeiros irmãos, os Racionais, e seu verdadeiro mestre, o Racional Superior. Para Tim após a imunização, as coisas mundanas, da matéria, já não tinham mais valor. Para ele a influência dos fluídos elétricos e magnéticos estava terminada. Ele se sentia sobre a influência de seu verdadeiro fluído, o Racional. Esse fluído, através da imunização, faria dessa a última carcaça material dele, o levando novamente para seu mundo de origem, a Planície Racional. E o afastaria nessa sua última e definitiva passagem material de todos os fluídos negativos, bem como da má influência dos falsos sábios e dos viventes maus do vácuo. Tim estaria, após ler, após se imunizar, eternamente salvo.

A imunização é então a única e real salvação de todos. Os imunizados ficam constantemente protegidos de todos os males da vida material. Ficam em paz e harmonia. As pessoas imunizadas, segundo Manoel, têm seus anos de vida prolongados e são orientadas para o equilíbrio de tudo na vida: saúde, negócios, casos necessários.<sup>161</sup> Os imunizados, segundo ele, não sofrem mais nesse verdadeiro inferno que é a vida na Terra. E depois do fim dessa existência não tornarão mais a nascer aqui, retornarão ao paraíso, a Planície Racional.

Durante dois anos Tim Maia “viveu” nesse Mundo Racional. Para ele a leitura das obras de Manoel realmente lhe trariam a salvação. Ele seguiu ao pé da letra os livros de

---

<sup>160</sup>COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 308

<sup>161</sup>COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 311

Manoel. Entrou de cabeça no movimento, e como manda a doutrina, fez da missão de fazer propaganda da Cultura Racional um dever.<sup>162</sup> Tim viveu dois anos em um mundo muito singular. E esse mundo teve um criador: Manoel.

### 3.2-As (re)criações de Manoel

A década de trinta, como já observamos, foi um período extremamente conturbado para a Umbanda. Nessa época alguns de seus participantes, seus intelectuais, tentaram legitimá-la socialmente, agregar a ela capital simbólico, racionalizando seus ritos e doutrinas. Os intelectuais da Umbanda, ao menos teoricamente<sup>163</sup>, buscaram aproximá-la de preceitos espíritas e católicos, que naquela época tinham uma melhor aceitação por parte da sociedade, tinham mais capital simbólico. Manoel, naquela época um médium de Umbanda, se tornou, naquele caldo cultural, um provável intelectual. Contudo, ao contrário de seus pares, se transformou em um profeta, como já observamos através de Bourdieu, e criou seu próprio movimento.

Manoel foi um médium de Umbanda, se tornou um intelectual na década de trinta e, se afastando das diretrizes de seus colegas, que pretendiam somente reformular a Umbanda, criou a Cultura Racional. Como médium e intelectual, Manoel deveria apenas, como os outros intelectuais, ter se preocupado com as reformas da Umbanda. Essas consistiam na racionalização, unificação, desritualização e escrituração da religião, na busca por um toque mais “civilizado”, que a afastasse das religiosidades ágrafas, como o Candomblé, malvistas pela sociedade, com pouco capital simbólico na década de trinta. No entanto, usou essas idéias de racionalização da Umbanda de um modo totalmente singular e criou a Cultura Racional.

As idéias católicas e espíritas, positivistas e evolucionistas, que serviam para “racionalizar” a Umbanda foram interpretadas por Manoel de maneira extremamente peculiar. Suas experiências, suas vivências, enfim, como vimos, seus filtros e chaves de

---

<sup>162</sup>COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 175

<sup>163</sup> Como já observamos muito mais as reformas dos intelectuais na Umbanda foi muito mais uma discussão teórica entre os mesmo do que uma mudança nas práticas e costumes dos umbandistas.



leitura<sup>164</sup>, o levaram a uma interpretação estritamente peculiar das idéias que regiam as reformas da Umbanda. Manoel seguiu um caminho muito diferentes do caminho que seguiram os outros intelectuais umbandistas. As apropriações<sup>165</sup> que fez das idéias que influenciaram os intelectuais da Umbanda foram criadas a partir de leituras extremamente particulares de Manoel. Sua trajetória de vida, seu gênio criador, como já especulamos, fizeram com que construísse um mundo muito criativo a partir das idéias que influenciaram as reformas da Umbanda. Manoel teve idéias extremamente inovadoras a partir dessas idéias, e a leitura de todas elas ganhou asas e com o seu toque pessoal, originou a Cultura Racional.

Os intelectuais da Umbanda na década de trinta buscaram no Espiritismo e no Catolicismo vários elementos para dar-lhe capital simbólico. Esses foram utilizados no intuito de afastá-la do estigma de “baixo espiritismo”. Na obra de Manoel são claros certos pontos das idéias que cercaram a reforma da Umbanda, as idéias espíritas e católicas. Entretanto os elementos usados pelos intelectuais na “legitimação racional”<sup>166</sup> da Umbanda foram reinterpretados por Manoel de uma forma totalmente diferente na criação da Cultura Racional. A partir de agora analisaremos o modo como Manoel se apropriou dessas idéias. Nesse sentido observaremos como ele as leu e a partir de sua interpretação criou a Cultura Racional.

O mito de origem da Umbanda mais divulgado, seguindo as idéias espíritas, foi ligado a uma data significativa para a biografia do Estado brasileiro. O dia 15 de novembro, comemoração do advento da república no Brasil, foi explorado pelos intelectuais umbandistas, que fizeram do dia a data de fundação da Umbanda. Por influência do Espiritismo os intelectuais buscaram ligar a Umbanda aos ideais pós-revolucionários (Revolução Francesa). Seus intelectuais relacionaram o seu aparecimento à proclamação da República e à abolição da escravatura<sup>167</sup>. Manoel ao criar a Cultura Racional também a

---

<sup>164</sup> Ver GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das letras, 1987.

<sup>165</sup> Como já vimos, para Chartier as apropriações dos discursos seriam “a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo”. Ver CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990, p.24

<sup>166</sup> Ver ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

<sup>167</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999.

ligou aos ideais pós-revolucionários, escolhendo o dia 13 de maio como uma das datas oficiais da Cultura Racional: Dia da Libertação da Matéria.

A Umbanda foi colocada pelos seus intelectuais como uma religião essencialmente nacional. Nesse sentido podemos fazer um paralelo com a Cultura Racional de duas maneiras. Primeiro porque Manoel também colocou seu movimento como algo que surgia no Brasil para a redenção mundial, para ele o Brasil era o “berço da Imunização Racional”, e também porque o surgimento da Umbanda no Brasil, como vemos em Isaia<sup>168</sup>, seria para seus intelectuais, apoiados nas idéias de progresso evolutivo espíritas, um plano do “Astral” para tornar o Brasil um país mais próximo da civilização e da razão. Essas idéias também são utilizadas por Manoel, que ao invés do Brasil, queria com seus conhecimentos levar todo o mundo à redenção.

A idéia de um processo evolutivo espírita<sup>169</sup>, tão cara aos intelectuais umbandistas, também foi utilizada por Manoel em sua criação. Para os intelectuais da Umbanda, essa idéia integrava um processo evolutivo no caminho da construção de uma civilização baseada nos ideais de racionalização e progresso. Nesse sentido os intelectuais tentaram afastá-la de práticas tidas como primitivas e atrasadas.<sup>170</sup> Eles tentaram separá-la de outras religiosidades afro, tentaram afastá-la da alcunha de “baixo espiritismo”, através da idéia de que a Umbanda seria mais evoluída que as religiosidades assim preconceituosamente denominadas. Essa evolução, esse “passo a frente”, em que os intelectuais pretendiam colocá-la, seria afirmado por eles com a racionalização, unificação e codificação, dos seus ritos. Nessa linha de pensamento, seguindo a idéia de progresso evolutivo “caríssima ao Espiritismo codificado de Kardec”<sup>171</sup>, escreve Aluizio Fontenelle, um intelectual da Umbanda:

O Espiritismo na Lei de Umbanda em sua nova fase surgirá com o progresso do mundo, novos horizontes nos serão apresentados e o mundo marchará de frente erguido na direção do aperfeiçoamento universal.<sup>172</sup>

---

<sup>168</sup> ISAIA, Op. Cit. p, 104

<sup>169</sup> CAMARGO, Candido P. F. de. **Kardecismo e Umbanda: Uma Interpretação Sociológica**. São Paulo, SP: Livraria Pioneira Editora, p. 25

<sup>170</sup> ISAIA, Op. Cit. p, 105

<sup>171</sup> ISAIA, Op. Cit. p, 104

<sup>172</sup> ISAIA, Op. Cit. p, 105

Manoel na Cultura Racional usou ambas as idéias, de evolução e de racionalização. Para ele a sua criação era a última fase do progresso da humanidade. Segundo ele:

Sabiam que ia chegar a época de uma transformação, de recuperação do ser humano para o bem fraternal de todos. E hoje, está aí o que muitos pensavam e diziam, a fase Racional. Anunciavam assim por verem a evolução do mundo, por verem que tudo vinha em multiplicações de modificações, por hoje ser uma coisa e amanhã ser outra e assim sucessivamente. Então, pela evolução, porque tudo evolui e tudo se modifica, tinha que chegar a está conclusão de uma modificação para o bem geral, o bem verdadeiro de todos. E assim eis aí a fase Racional(...).<sup>173</sup>

Segundo Manoel o mundo havia passado por três estágios nessa nossa última fase, a fase animal racional:

O progresso do sêr humano para a lapidação do sêr humano, foi um progresso dosado. Primeiramente ficaram ligados ao Mundo Espiritual, foi o primeiro passo que deram, para aí conhecerem a eternidade. Então, o primeiro passo foi conhecer o Mundo Espiritual. Por ser o primeiro passo conheceram o Mundo Espiritual, se desenvolveram com os espíritos, com os protetores. Bom! Então, não passava disso, era somente essa ligação dos espíritos com o ser humano. Depois, subiram mais um pouquinho, se ligaram aos habitantes do Astral Superior, curso secundário, passaram do primário para o secundário. Depois do Astral Superior, de terem ligação, de se desenvolverem e de progredirem, então, aí passando para o Curso Superior que é o Mundo Racional, atingindo a meta final, atingindo o Mundo de origem, a base de toda essa deformação racional.<sup>174</sup>

Na leitura que Manoel fez da idéia de evolução, o próprio Espiritismo teria sido um desses estágios. Para Manoel “esses movimentos espirituais desaparecerão, porque o espiritismo foi pertencente a uma fase que já terminou”.<sup>175</sup> Assim, usou a idéia de evolução para alçar a Cultura Racional ao *status* de último e definitivo passo da humanidade. Segundo ele:

---

<sup>173</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 197

<sup>174</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 209

<sup>175</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 232

Então, como tudo com o tempo evolui, o progresso do espiritismo atingiu mais acima o Astral Superior, recebendo as comunicações, suas intuições, suas inspirações, suas incorporações e suas manifestações. Progrediram assim por longo tempo e parecia que ia ficar nisso mesmo, para muitos, mas como tudo progride, como tudo evolui, como tudo tem seu tempo de estagnação até enraizar, foi que o progresso com a evolução atingiu mais para cima, que é o Mundo Racional.<sup>176</sup>

Ao contrário dos outros intelectuais da Umbanda que usaram da idéia de evolução espírita para alçar a Umbanda ao patamar de “aperfeiçoadora da humanidade”, Manoel usou essas idéias para criar um movimento, segundo ele, que seria o último estágio da humanidade, uma evolução do Espiritismo e da Umbanda, como observamos nesse seu texto:

Então, primeiro ligados aos habitantes daí entre o sol e a terra, do espaço, depois ligados com os habitantes acima do sol que são do Astral Superior e agora ligados aos habitantes do Mundo Racional. Esta aí como o espiritismo evolui, progrediu e chegou a seu ponto final, do verdadeiro mundo de origem.<sup>177</sup>

Assim vemos que Manoel fez uma interpretação e usou a idéia de evolução de uma forma totalmente criadora. Sua idéia de evolução, apesar de se enquadrar aos moldes Espíritas, e ao uso que os intelectuais da Umbanda fizeram dela, foi inovadora, pois deu origem a todo um outro universo “muito acima” do Astral Superior.

O Espiritismo foi criado por Kardec, segundo este, alicerçado em bases científicas, positivistas e evolucionistas, conforme Ceres de Carvalho<sup>178</sup>. Segundo a autora, Allan Kardec usou das idéias vigentes em sua época na sua criação. Esse fundo científico do Espiritismo o tornava uma religiosidade socialmente mais aceita do que as outras religiosidades do campo mediúnico. Manoel em sua leitura das idéias espíritas inferiorizou essa condição “científica”. Na busca pela afirmação de seu movimento, ele usou de tal

---

<sup>176</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 237

<sup>177</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 210

<sup>178</sup> MEDINA, Ceres de Carvalho. O pensamento Kardecista. In: CONSORTE, Josildeth Gomes e COSTA, Márcia Regina da (orgs). **Religião, política, identidade**. São Paulo, SP: EDUC, 1988.

modo a idéia de evolução, que, para ele, a Cultura Racional não superaria apenas o Espiritismo, mas também, e aí ataca o fundo “científico” do Espiritismo, a própria ciência. Assim em sua obra, o Espiritismo “científico”, era apenas um “malabarismo de cultos científicos”, e esses eram:

Somente aparências. Aparência só e tudo fica na mesma de mal a pior. Então como é o nome disso tudo? O embusteirismo grosseiro porque não define nada, não divulga nada, só multiplica o sofrimento desse nada.<sup>179</sup>

Por outro lado esse discurso da “cientificidade” também era usado por Manoel. Este fazia o uso de algumas idéias de modo superficial, utilizando alguns termos comuns na busca por capital simbólico, como observamos nessa passagem de um de seus livros:

Agora, com a evolução das épocas, o mundo, e tudo estão tomando caráter diferente, e esses falsos bálsamos que ajudavam a cegueira do povo, ficam repudiados, ficam repudiados, por a vida estar em franca fase de realidade *positiva*. O mundo e o povo baseados no *positivismo*, baseando-se naquilo que vê, e deixando essas filosofias para um canto por não confiar nelas e verificar que no mundo não existe nada de verdade. (grifo nosso)<sup>180</sup>

O Espiritismo para Manoel já não podia mais ajudar as pessoas. Sua idéia de evolução foi tão longe que ele deu fim ao Espiritismo. Para ele, a partir de 1935, a fase era Racional:

Agora, acabando o espiritismo, acabando o astral Superior, por todos estarem ligados ao seu verdadeiro mundo de origem, o Mundo Racional, o mundo superior a todo esse plantel de deformação racional. Então, o desligamento total da deformação fluídica elétrica e magnética, por estarem todos ligados ao seu verdadeiro mundo de origem, o Mundo Racional.<sup>181</sup>

---

<sup>179</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 231

<sup>180</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 274

<sup>181</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 253

Para Manoel os espíritos na verdade nunca existiram. Para ele o que existe são seres da deformação como nós, mas em outro estado físico. Todos seriam formados pelos fluídos elétricos e magnéticos, mas alguns seriam materiais, como nós, na Terra, e outros invisíveis, no espaço. Alguns desses seres invisíveis estariam entre a Terra e o sol, viventes do vácuo, e outros entre o sol e a Planície Racional, viventes do Astral Superior. Segundo a obra, durante muito tempo esses habitantes do vácuo e depois do Astral Superior nos ajudaram. No entanto, agora, na fase Racional, nosso contato seria direto com os seres superiores, de nosso mundo de origem, o Racional Superior e os Racionais. Então para Manoel a missão desses que chamam erroneamente de espíritos teria acabado. Segundo ele:

Os que existem aí, em contato com os médiuns, são os insubordinados, abusando assim do livre arbítrio que tem, (...) os bons, como sempre equilibrados acabaram-se com a fase, acabou-se a sua missão. Agora os maus habitantes aí do espaço, da parte do mal, é que ficaram aí perturbando, dentro da fase a que eles não pertencem, a fase Racional, abusando assim do livre arbítrio, porque todo o malfazejo é abusado.<sup>182</sup>

Os habitantes do vácuo e do Astral Superior haviam acabado a sua missão, a ajuda aos humanos, na visão de Manoel. Entretanto para ele alguns desses habitantes do espaço maus ainda continuariam a perturbar e confundir as pessoas através dos médiuns, no Espiritismo e na Umbanda. Esses viventes maus do vácuo se apresentavam através dos médiuns como parentes e amigos das pessoas, porém, segundo Manoel, somente para fazer o mal.

De acordo com Manoel, o Espiritismo e a Umbanda eram guiados pelos viventes maus do espaço, o que perturbava as pessoas que participavam dessas religiosidades. No discurso de Manoel essas perturbações, que as práticas mediúnicas causariam, são muito parecidas com algumas apontadas nos textos do escritor João do Rio, no início do século XX<sup>183</sup>. O homossexualismo, por exemplo, encontraria nas religiões mediúnicas, um caldo de cultura favorável, na visão de ambos os autores. Para Manoel:

---

<sup>182</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p.145

<sup>183</sup> ISAIÁ, Artur Cesar. João do Rio: O Flâneur e o Preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX. In: MARIN, Jéri Roberto. **Religiões, religiosidades e diferenças culturais**. Campo Grande: UCDB, 2005.

A confusão e o desequilíbrio é muito grande entre esses ditos. Um desequilíbrio monstruoso, e por isso, vejam. Mudam até de sexo. O mal é tão grande que mudam até de sexo. Está aí uma das provas do grande desequilíbrio dessas experiências, do sobre natural. Dessas experiências quer dizer: Espiritismo.<sup>184</sup>

No início do século XX, o Catolicismo no Brasil usava a idéia de “loucura espírita” para atacar as religiões mediúnicas. Essa idéia era assentada no saber médico-psiquiátrico<sup>185</sup>. Manoel também afirma que o Espiritismo e a Umbanda eram “fábricas de loucos”. Entretanto, ele não se assentou no saber médico-psiquiátrico em sua afirmação. Para ele, o Espiritismo e a Umbanda deixavam as pessoas loucas, não por provocarem a histeria ou a hipnose, mas por já não terem mais função, por trabalharem com os “espíritos”, viventes do vácuo, maus. Esses não ajudariam mais as pessoas, mas as confundiriam. Assim, na visão de Manoel:

Um vivente de idéias claras não aceita isso, porque logo vê mentira em tudo que se lhe apresentam. Mas, nem todos enxergam, nem todos têm o mesmo adiantamento. a maioria do povo é atrasado. Então, desses meios saem muitos viventes derrotados para o hospício, porque o meio é ruim, é mau; e só adotam aí, tudo quanto é ruim, tudo quanto é de mau. E por quererem ser puros, dizem que recebem santos. Enfim, o atraso é muito grande.<sup>186</sup>

Para Manoel, numa perspectiva muito similar à adotada pelas elites e pela Igreja Católica em que, os médiuns, da Umbanda e do Espiritismo, eram vistos como “vagabundos e incapazes de trabalho honesto”<sup>187</sup>, eles seriam “embusteiros”. No entanto esse argumento era utilizado por Manoel por uma razão peculiar no seu discurso, pois, para ele, os médiuns seriam “embusteiros”, não porque as religiosidades mediúnicas fossem antros de malandros, como para os católicos, mas porque os médiuns já não teriam mais função, pois, segundo ele, os espíritos bons já não atuavam mais. Assim os médiuns que

---

<sup>184</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 177

<sup>185</sup> ISAIA, Artur Cesar, (org). **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 311

<sup>186</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 179

<sup>187</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999, p. 99

continuaram a receber os “espíritos” maus eram, na sua visão, apenas manipuladores da mentira e da mistificação. Nesse sentido ele escreveu:

Agora, os templos espirituais são comerciais. Tornou-se um comércio, idealizado por exploradores dos aflitos, dos desesperados, dos agoniados. (...) Daí a descrença de todos, a dúvida de todos, e o ridículo a que chegaram, de pedirem esmolas, óbulos e donativos, para sustentarem e manterem a mistificação. Os habitantes do mundo invisível corretos e cômicos de suas responsabilidades, já encerraram a muito a sua missão, porque a sua missão acabou. Mas, aí no espaço, tem de tudo; tem os bons e os maus. Retiraram-se os bons e ficaram os maus para iludir, trair, perseguir e receberem os efeitos do fracasso da liquidação dos mesmos.<sup>188</sup>

Outra influência espírita na reforma da Umbanda foi a idéia de racionalização dos ritos. A situação da Umbanda na década de trinta era instável. A perseguição dos saberes vigentes (Igreja Católica, Estado, médico-psiquiátrico) era enorme. Nessa época a Umbanda era estigmatizada como “atrasada e primitiva”, não compatível com a recente urbanização dos grandes centros. Os ventos da civilização no início do século nas terras tupiniquins pioraram a situação das já perseguidas religiosidades afro. Como já vimos, na busca por uma fuga desses estigmas, os intelectuais da Umbanda, através de idéias espíritas, tentaram “racionalizar”, codificar e unificar, os seus ritos. Manoel, no entanto, entendeu essas idéias sobre a racionalização dos rituais da Umbanda de uma maneira tão própria que o levou a criar outro movimento. Muitas idéias que influenciaram a “racionalização” da Umbanda foram usadas por ele da mesma forma que foram usadas pelos intelectuais da Umbanda, porém essas idéias também deram a Manoel perspectivas totalmente peculiares

Na década de trinta os intelectuais da Umbanda afirmavam que os grandes centros, as cidades do sudeste, já não mais suportavam o sacrifício de animais e velas pretas nas suas esquinas.<sup>189</sup> Esse era o discurso dos intelectuais, que pretendiam através da racionalização da Umbanda, elevá-la a um patamar de aceitação maior do que o das religiosidades ágrafas como o Candomblé. Mais na teoria do que na prática os intelectuais

---

<sup>188</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 142

<sup>189</sup> ISAIA, Op. Cit.



buscaram tirar dos rituais a música, o fumo, as bebidas, os sacrifícios de animais. Na mesma linha, Manoel, na Cultura Racional, critica as cerimônias de caráter mais ritual, mais afro. Segundo ele os “pseudo espíritos” por serem materialistas:

(...) adoram a matéria como outro animal qualquer. Vivendo de preces de rezas, de cânticos, de hinos; seguindo a vida material. Então, entre eles, as guerras, as demandas, o sacrifício pessoal, o sacrifício de animais. Os ingênuos, os idiotas, os atrasados compactuando com esse grande atraso, a ponto de todos ficarem obcecados, desequilibrados (...).<sup>190</sup>

Outro ponto em comum entre Manoel e os intelectuais da Umbanda é a noção de que faltava unificação nas doutrinas umbandistas. Segundo ele:

Muitos trocando idéias uns com os outros e acabando sempre ficando na estaca zero, por não descobrirem a verdadeira origem certa. Então, fizeram aí uma porção de descobertas sem pé e sem cabeça. (...) Por isso, hoje uma infinidade de informantes sobre a formação do mundo. Cada qual com o seu modo se sentir e de ver as coisas, e nunca chegaram a uma conclusão por não haver base, não haver prova, por não haver lógica nunca chegaram a nenhuma conclusão, e todos ficando na mesma, ninguém sabendo de onde veio, porque foi parar aí, para onde vai e como vai.<sup>191</sup>

Na Umbanda os intelectuais buscaram racionalizar e unificar os ritos através de codificações. Segundo Isaia:

Os intelectuais da Umbanda, ao mesmo tempo em que faziam elogio ao livro e a seu papel na nova religião, marcavam claramente as fronteiras que a separavam do Candomblé e demais cultos africanos. Ao contrário do Candomblé, no qual as normas rituais, as orações e os preceitos são oralmente transmitidos, a Umbanda, nos seus primórdios, fez questão de se apresentar como uma religião letrada,

---

<sup>190</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 175

<sup>191</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 125

próxima, portanto, dos valores consuetudinários pelas regras dominantes na sociedade.<sup>192</sup>

Manoel, como ex-intelectual, também buscou codificar o seu novo movimento. Dessa forma fez da Cultura Racional um movimento letrado, com um ritual racionalizado, a leitura. Manoel criou um movimento letrado a partir das idéias usadas pelos intelectuais de sua antiga filiação. Todavia a leitura que Manoel fez dessa racionalização dos rituais através de codificações foi ao limite da própria idéia. Toda a Cultura Racional são as obras de Manoel, os livros “Universo em Desencanto”. Como já vimos, o ritual da Cultura Racional se restringe exclusivamente à leitura das obras de Manoel. Sua resignificação foi tão grande na idéia do letramento, da codificação, que na Cultura Racional a salvação, a Imunização Racional, é a leitura das suas próprias obras. Sua leitura da idéia de codificação, do livro, aos moldes espíritas, vai tão longe, que os próprios livros, que as próprias folhas de papel com as idéias dele, seriam sagrados, teriam poder.

O Espiritismo foi criado a partir das codificações de Allan Kardec. A Umbanda tentou escriturar suas doutrinas e normas rituais, mas Manoel fez um movimento que é exclusivamente o conjunto dos livros que ele escreveu. Na sua visão a leitura de seu próprio livro seria o único caminho para a salvação da humanidade. Seus ensinamentos estão todos no livro e são a leitura do livro. Para Manoel, para se chegar à conclusão de tudo, é preciso somente ler o seu livro. Segundo ele a obra Universo em Desencanto contém todos os ensinamentos da vida. Assim, a partir do momento em que o leitor possuísse todos esses conhecimentos, que soubesse de onde veio, e quem ele é, voltaria para o lugar de onde nunca deveria ter saído, a Planície Racional.

A leitura da obra Universo em Desencanto revelaria aos seres humanos todos os conhecimentos necessários para a salvação da humanidade. Após a leitura o leitor estaria, segundo Manoel, Imunizado Racionalmente. Os imunizados, os leitores do livro, estariam além de salvos para a eternidade após essa que descobririam ser a última passagem da matéria, da deformação, estariam salvos também de todos os males dessa, então, última existência. A leitura da obra Universo em Desencanto, segundo Manoel, deixaria:

---

<sup>192</sup> ISAIA, Op. Cit. P???

(...) a pessoa sobre a ação racional, todas as ações são racionais, todos os atos são racionais por estar ligado ao Mundo Racional. (...) Então, nascendo a vidência racional por estar ligado a seu verdadeiro natural, seu mundo de origem e com a vidência racional, vendo o Mundo Racional, vendo seus habitantes que são seus irmãos dialogando com eles, fazendo conferências com eles e conversando com eles dia e noite, noite e dia, daí o progresso racional na vida da matéria (...), daí tudo dando certo na vida de todos, vindo o prolongamento dos anos de vida por tudo dar certo, por acertarem em tudo, por estarem ligados ao Mundo Racional e vivendo sobre a ação racional.<sup>193</sup>

A solução para todos os problemas da vida, segundo Manoel, estaria na Imunização Racional. E para ser imunizado é preciso, segundo ele:

(...)ter o conhecimento todo, de cor e salteado, do contrário, não poderia ser imunizado. Para ser imunizado, precisa saber historiar o que está escrito, do princípio ao fim e para isto, é preciso ler todos os dias, quanto mais vezes melhor.<sup>194</sup>

Observamos assim que a leitura do livro de Manoel é para os adeptos da Cultura Racional o que levaria as pessoas à sua salvação, na eternidade e em vida. Lendo o livro, os leitores aprendem que “a salvação dos viventes está na Imunização Racional e para alcança-lá, para conseguir os benefícios de sua força, é preciso tão somente a leitura dessa obra”.<sup>195</sup> Entretanto, essa leitura não poderia ser qualquer leitura, teria de ser uma leitura dedicada, uma “sabatina racional”. Segundo Manoel:

Para ter contato com seu verdadeiro mundo de origem, é preciso persistência na leitura, ler e reler até nascer a verdadeira vidência racional que é o que tu desejas. Mas tem de fazer por onde. Fazer por onde como? Relendo sempre, persistência na leitura, mas descuidando demora a desenvolver a vidência racional.<sup>196</sup>

Para Manoel não adiantaria nada, as pessoas não seriam salvas, se a leitura que fizessem de suas obras fosse superficial. Segundo Manoel, somente “os errados demais não

---

<sup>193</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 181

<sup>194</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 108

<sup>195</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 158

<sup>196</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p.265

entendem isso e querem, sem aprofundarem-se na leitura, ficar prontos em tudo, (...), não veem que para alcançar a Imunização Racional, é preciso o conhecimento integral desta obra?”.<sup>197</sup> As pessoas só atingiriam a imunização através da persistência na leitura. A leitura bem feita, dedicada, seria recompensada, faria do leitor um protegido. Isso já que:

O vivente equilibrado procura não aborrecer, porque vê que nada adianta. Procura aprender a se despreocupar das coisas que só dão maus resultados. Enfim, procura andar em dia com os ensinamentos do desencanto que aqui estão contidos, para ser sempre menos duvidoso e desconfiado e reconhecer que não anda sozinho; que em todo o lugar em que esteja, terá sempre a proteção do Racional Superior, pronto para esclarecer de toda e qualquer dúvida.<sup>198</sup>

Portanto, além de nossos irmãos Racionais, o próprio Racional Superior nos ajudaria em nossa última transição material.

As resignificações feitas por Manoel sobre as idéias de codificação, de letramento, não seguiram as idéias espíritas que influenciaram os intelectuais da Umbanda. A leitura para Manoel a respeito da estratégia codificadora ganhou na Cultura Racional características extremamente peculiares. Para Manoel os livros não eram apenas um modo de racionalizar os ritos tidos como “bárbaros” ou unificar as difusas doutrinas da Umbanda. Para ele o livro, a obra que ele escreveu, era a salvação da humanidade em si. Na visão de Manoel o livro ganhou uma característica “mágica”. Seu próprio livro, que segundo ele teria sido escrito não por ele mesmo, mas pelo Racional Superior, tinha para Manoel não só os ensinamentos do Racional Superior, como também, por ser feito diretamente da própria planície, os poderes “racionais” em suas páginas. A redenção, a paz e a felicidade de todos seria garantida pela leitura do livro “Universo em Desencanto”. Essa traria às pessoas a Imunização Racional, que daria aos leitores a vidência racional, que os protegeria e os guiaria através dos conselhos e intervenções dos Racionais e do próprio Racional Superior. Assim o livro para Manoel não serviria apenas para legitimar racionalmente<sup>199</sup> seu movimento. Sua interpretação da idéia de letramento não se restringia somente à estratégia

---

<sup>197</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 159

<sup>198</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 159

<sup>199</sup> ORTIZ, Op. Cit.

livresca<sup>200</sup> adotada pelos intelectuais da Umbanda. Em sua cabeça essas idéias de letramento foram transformadas e em sua criação o livro se tornou a única forma de salvação, dotado de poderes de cura<sup>201</sup> e de resolução dos problemas.

O livro, a leitura, na interpretação de Manoel ganhou uma roupagem “mágica”. Percebemos essa característica através de seus vários ensinamentos. A salvação pela leitura de uma única e exclusiva obra, os diálogos que essa obra proporciona entre os leitores e seu mundo de origem, são exemplos da “magia”, dos poderes do livro. Esses poderes, essas força que os livros de Manoel teriam, podem também ser percebidas na sua opinião a respeito da salvação dos analfabetos e dos cegos. Para ele, “os que não sabem ler serão perdoados”.<sup>202</sup> No entanto, além de escutar a história, deveriam ter contato com o livro, manuseá-lo. Esse é mais um exemplo de quanto a leitura de Manoel sobre a idéia de codificação se distanciou das intenções dos produtores destas<sup>203</sup>, os espíritas, e ganharam um significado muito diferente do que para os seus antigos parceiros, os intelectuais da Umbanda. As interpretações de Manoel sobre a codificação, naquele contexto da década de trinta, criaram todo um novo mundo, a Cultura Racional.

Em sua criação Manoel reformulou inúmeras idéias vigentes entre as religiosidades mediúnicas. A *racionalização* através da codificação se transformou na *Cultura Racional*. Além da distorção, criação, feita por Manoel das idéias de racionalização e codificação, percebemos várias outras “reformulações”, transformações, feitas por Manoel na sua leitura das idéias que cercavam as religiosidades mediúnicas.

A idéia de reencarnação espírita foi muito modificada por Manoel. Segundo ele:

Eis a razão do espiritismo ser de longos séculos e veteranas eras e nunca passou disso. Sempre se mantendo com mania de reencarnações, dizendo que os corpos aí na terra são os mesmos sempre a nascerem. Mas não sabem que os corpos voltam a nascer aí na terra, devido as sementes que estão no sol, na lua, nas estrelas, na terra, na água, nos animais e nos vegetais, como já sabem. Botaram o nome de reencarnação, por desconhecerem que os corpos morrem e tornam a nascer em carne, devido às sementes serem sempre as mesmas.<sup>204</sup>

---

<sup>200</sup> ISAIA, Op. Cit., p. 115

<sup>201</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 59

<sup>202</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 158

<sup>203</sup> CHARTIER, Op. Cit.

<sup>204</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 67

Para Manoel a reencarnação não existia, pois ninguém tinha espíritos. Para ele os espíritos, ou o que as religiosidades mediúnicas chamavam de espíritos, eram na realidade apenas outras formas de fluídos elétricos e magnéticos. Assim, para ele, se estamos destinados a voltar sempre para a Terra após a nossa morte, é porque somos fluídos elétricos e magnéticos materiais, e como toda a matéria, morremos, viramos novamente micróbios e nos transformamos em outros corpos, para vivermos outras existências.

A idéia de fluídos, que tanto apareceu até aqui, também é fruto de uma interpretação de Manoel das idéias das religiosidades mediúnicas. No espiritismo os fluídos são a substância que forma o mundo espiritual. Quando, através de um médium, um espírito dá um passe, seriam os fluídos benéficos que viriam curar a pessoa que tomasse o passe ou a orientá-la psicologicamente. “Os passes teoricamente aproveitando a força magnética na manipulação conveniente dos fluídos, são dados pelo médium ou pelos espíritos incorporados”.<sup>205</sup> Na criação de Manoel os fluídos elétricos e magnéticos seriam a substância que formava tudo que não era Racional, tudo que tinha vindo da deformação. Para Manoel os fluídos elétricos e magnéticos seriam todos maus, não teriam uma parte benéfica, não auxiliariam as pessoas. Percebemos então que Manoel na sua criação modifica a idéia de fluídos. Ele fez dos fluídos magnéticos, dos fluídos da doutrina espírita, fluídos ruins. E afirmou que somente os fluídos Racionais, os adquiridos com a leitura de sua obra, com a imunização, é que poderiam auxiliar realmente as pessoas. Assim observamos que Manoel usou a idéia espírita de fluídos, todavia transformando-a, como observamos nessa passagem de um de seus livros:

Muitos se enganam e pensam que a força magnética produz o bem. Se a força magnética produzisse o bem, todos estariam bem, porque todos são produtos da força magnética, pois são da matéria. A força magnética produz a matéria; é por isso que o ser humano é sofredor, é mau, é um ser material.<sup>206</sup>

---

<sup>205</sup> CAMARGO, Op.Cit., p. 22

<sup>206</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 224

A idéia de causa e efeito, “equivalente espírita a idéia tradicional do Karma indu. Nada é fortuito e não podemos escapar às conseqüências de nossos atos”<sup>207</sup>, também foi utilizada e reformulada por Manoel. O criador da Cultura Racional leu a idéia de causa e efeito de uma forma bem diferente da forma espírita. Os espíritas a usam, como observamos em Stoll, para provar a existência de Deus, como vemos na quarta pergunta do livro dos espíritos de Kardec:

Pergunta 4: “Onde se pode encontrar a prova de sua existência?” Resposta: “Num axioma que aplicas a vossas ciências. Não a efeito sem causa. Procurai a causa de tudo que não é obra do homem e vossa razão responderá”<sup>208</sup>

Manoel, que criticava a cientificidade do Espiritismo, como já observamos, pensou na idéia de causa e efeito de uma forma totalmente distinta da espírita. A explicação de Manoel da idéia de causa e efeito nada tem a ver com a idéia de cientificidade espírita, que adveio do positivismo.<sup>209</sup> Manoel explica a idéia de causa e efeito de outra forma. Para ele a agonia em que vivemos hoje é fruto da deformação da Planície Racional. Nesse sentido tudo o que conhecemos (o efeito) é ruim por causa da indisciplina de alguns Racionais que exploraram uma parte inóspita da planície, gerando a deformação (a causa). Observamos que a idéia de causa e efeito de Kardec, que busca provar a idéia de Deus através de um axioma positivista, nada tem a ver com a idéia que Manoel criou a partir da idéia do próprio Kardec, já que para Manoel a idéia de causa e efeito provava que somos o que somos, pois estamos deformados. Para Manoel “a ciência não explica a origem e muito menos pode justificar coisa alguma da realidade”.<sup>210</sup>

Inúmeros outros conceitos comuns às religiosidades mediúnicas são utilizados por Manoel de forma peculiar em sua criação. Na concepção espírita um “Aparelho” é um médium incorporado por um espírito.<sup>211</sup> A concepção de Manoel sobre essa idéia espírita é muito diferente. Para ele todos que lerem o livro, todos que estiverem imunizados, seriam

---

<sup>207</sup> CAMARGO, Op.Cit., p 7

<sup>208</sup> STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo, SP: EDUSP, 2003, p. 41

<sup>209</sup> MEDINA, Op. Cit.

<sup>210</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. I, p. 224

<sup>211</sup> CAMARGO, Op.Cit., p. 20

Aparelhos Racionais. Esses estariam em contato direto com o Racional Superior e com os Racionais.

E assim, a luta do inconsciente sempre foi está, se preocupar com a vida da matéria, sempre se preocupando com o mal, mas, agora já saíram da categoria de animal racional, não é mais para estarem pensando como animal, e sim como Aparelho Racional, porque a fase que estão é a fase Racional.<sup>212</sup>

Na Umbanda o “Aparelho”, o médium que recebe os espíritos, se chama Cavalo<sup>213</sup>. Segundo a leitura de Manoel esses seriam, assim como os médiuns espíritas, apenas alvos dos falsos espíritos, dos maus habitantes do vácuo. Seriam somente pessoas perturbadas. Segundo ele “o espiritismo na terra já encerrou a sua missão. Esses espíritos que andam por aí, estão em liquidação; são perturbadores dos médiuns, dos cavalos, (...)”<sup>214</sup> Assim, usando a idéia de evolução, Manoel afirma que o Espiritismo e a Umbanda haviam acabado e que os médiuns, os aparelhos e cavalos, eram só pessoas “atrasadas”. A fase seria, segundo ele, depois de suas obras, Racional. E nessa, segundo suas criações, a única forma de salvação seria a leitura das suas obras. A leitura dessas, segundo a reinterpretação de Manoel, faria de seus leitores os únicos aparelhos verdadeiros, que receberiam o auxílio dos habitantes da Planície Racional, os imunizados, os Aparelhos Racionais.

A idéia de fase, derivada das idéias evolutivas espíritas, também foi resignificada por Manoel em sua criação. Segundo ele:

E assim, sempre foi a vida do animal racional, na fase de lapidação do animal racional, (...) agora, hoje, chegou a fase racional, a fase da recuperação de tudo isto a fase de recuperação do animal racional.<sup>215</sup>

Assim se no Espiritismo os espíritos evoluiriam fase após fase, encarnação após encarnação<sup>216</sup>, na Cultura Racional a idéia de fase foi usada de forma diferente. Para Manoel existiam, após a deformação, a fase animal, a fase animal racional (do Espiritismo,

---

<sup>212</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 251

<sup>213</sup> CAMARGO, Op.Cit.

<sup>214</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p.145

<sup>215</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 226

<sup>216</sup> CAMARGO, Op.Cit., p. 26



da lapidação) e a fase Racional (a última fase, a fase da recuperação, da partida para a planície).

Outros conceitos comuns às religiosidades mediúnicas como Astral e obsessão também foram apropriados<sup>217</sup> por Manoel. Se para os intelectuais da Umbanda a idéia de Astral, Corrente Astral, significava o conjunto de entidades, espíritos, que formavam a Umbanda, como observamos na fala de um deles, Diamantino Trindade:

Gradativamente, as Entidades integrantes da Corrente Astral da Umbanda (governo da Terra segundo o autor) foram através de seus médiuns, lançando as bases do Movimento Umbandista.<sup>218</sup>

Na visão de Manoel o astral ou Astral Superior, era um lugar acima do sol e abaixo da planície Racional, onde não viveriam os “governantes da Terra”, mas sim seres como nós, porém em outro estado físico. Esses, ao contrário do que diziam os umbandistas, não seriam para Manoel seres que viriam para salvar o mundo. Esses seriam apenas viventes do vácuo que ajudaram a preparar os seres humanos para a fase Racional. Sua missão, a missão desses habitantes do Astral Superior, já havia acabado para Manoel. Após seu livro os únicos e reais ajudantes da humanidade seriam, segundo ele, os Racionais. Assim, os habitantes do Astral, os espíritos salvadores para a Umbanda, já não teriam mais função para Manoel. Para ele apenas os maus habitantes do Astral Superior ainda agiam na Terra desequilibrando e confundindo os espíritos e os umbandistas.

Na opinião de Manoel o Espiritismo, a Umbanda, por serem guiadas por seres invisíveis do espaço maléficos, deixava seus médiuns e adeptos desequilibrados e obsedados. No Espiritismo uma pessoa obsedada seria uma pessoa dominada, subjugada por um espírito inferior<sup>219</sup>. A apropriação de Manoel da idéia de obsessão fez com que na sua criação, ao invés das pessoas serem passíveis de serem dominadas pelos espíritos inferiores, elas fossem passíveis de serem dominadas pelos seres maléficos do vácuo, que não são espíritos, mas sim deformações, como nós. Esses subjugariam os médiuns se disfarçando de espíritos, vindo como falsos espíritos de parentes, de amigos, que já se

---

<sup>217</sup> CHARTIER, Op. Cit.

<sup>218</sup> ISAIA, Op. Cit., p. 104

<sup>219</sup> ISAIA, Artur Cesar, (org). **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006, p. 335

foram, apenas por maldade. Dessa forma se para o Espiritismo a obsessão é o domínio de um espírito inferior sobre uma pessoa, na Cultura Racional é o domínio de um falso espírito, um habitante deformado do vácuo, sobre os viventes não imunizados, que ainda acreditam no Espiritismo e por isso são ludibriados pelos maus habitantes do vácuo.

Muitos usos partilhados<sup>220</sup> de idéias espíritas ou umbandistas foram feitos por Manoel para desqualificá-las e para diminuí-las. O Preto Velho, espírito comum na Umbanda, para ele não passava de um embuste umbandista, já que:

Se existisse espírito de preto velho, está visto que não iam deixar de proteger sua raça para proteger raças diferentes da sua; daquelas que os vendiam como animais no tempo da escravidão. Se existisse espírito de preto velho, não vinham proteger aqueles que fizeram deles escravos, escravizados em tudo. Tratariam de proteger somente o povo de sua raça. No entanto, eles se incorporam aí nos brancos, indentificando-se como espírito de preto velho, fazendo o que pode, resolvendo o que pode, por isso, tem muitos adeptos, mas não são espíritos de pretos velhos, e sim, habitantes aí desse vácuo, que se incorporam nos médiuns como bem entendem, indentificam-se de acordo com a educação do mundo.<sup>221</sup>

As idéias usadas por Manoel em sua criação tinham assim, na maioria das vezes, um significado totalmente diferente dos significados “originais” dessas nas religiosidades mediúnicas. As transformações do campo mediúnico na década de trinta influenciaram Manoel a, se apropriando das idéias daquele caldo cultural, criar a Cultura Racional. No entanto, observamos na Cultura Racional não apenas releituras suas das idéias das religiosidades mediúnicas. Observamos também inúmeras apropriações derivadas de sua leitura do Catolicismo.

O Catolicismo, como já frisamos, muito influencia e influenciou o campo religioso brasileiro.<sup>222</sup> Em 1935, ano de criação da Cultura Racional, a influência que esse tinha sobre o campo religioso brasileiro era enorme. Na primeira metade do século XX o

---

<sup>220</sup> CHARTIER, Op. Cit.

<sup>221</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XIII, p. 342

<sup>222</sup> SANCHIS, Pierre. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995). O debate metodológico.** Petrópolis: Vozes, 1995.

Catolicismo influenciou o Espiritismo<sup>223</sup> e a Umbanda. Essa, apesar de atacada pela Igreja Católica, usou de seus bens simbólicos em sua formação, como observamos em Isaia:

Podemos compreender, então, a recorrência da Umbanda a produtores de bens simbólicos historicamente postados em posição de ataque diante dela como o **Catolicismo** o Kardecismo, o Estado e as elites, uma vez que as lutas pela representação da realidade configuram situações não só de oposição frontal, como de partilha ressemantizada de significados.<sup>224</sup>

O uso que as religiosidades afro-brasileiras fizeram das idéias católicas pode ser percebido na sua organização sacra, que: “à maneira da angeologia católica, coloca cada orixá, cada deus, no comando de sucessivas hierarquias de espíritos ou falanges.”<sup>225</sup> A Umbanda se divide assim em sete linhas, cada uma dessas é comandada por um Santo Católico ou um Orixá. Por exemplo, a linha de Oxála – Jesus Cristo, a linha Iemanjá – Virgem Maria, a linha de Ogum – São Jorge. Esse sincretismo<sup>226</sup> da Umbanda com o Catolicismo ressignificou o politeísmo africano.<sup>227</sup>

Na Cultura Racional as idéias católicas foram usadas de tal forma por Manoel, que, ao contrário de sua antiga filiação, a Umbanda, que ressignificou o politeísmo africano, na Cultura Racional o Racional Superior é um Deus presente, interventor, judaico-cristão. A representação<sup>228</sup> do Racional Superior é a de um Deus protetor, que salvaria e ajudaria a todos os imunizados.

Na visão de Manoel o Catolicismo seria de um estágio muito antigo da humanidade:

No curso primário, por serem atrasados, criaram e inventaram uma porção de coisas, a ponto de inventarem até satanás. O satanás só existe para aquele que não tem o conhecimento da Cultura Racional. As filosofias como estão vendo inventaram o inferno e o céu. O inferno é o satanás e o céu é o criador. Tudo

---

<sup>223</sup> LEWGOY, Bernardo. O Sincretismo Invisível: Um Olhar sobre as Relações entre Catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Op. Cit, e STOLL, Op. Cit.

<sup>224</sup> ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999, p. 102

<sup>225</sup> CAMARGO, Op.Cit., p. 36

<sup>226</sup> SANCHIS, Op. Cit.

<sup>227</sup> CAMARGO, Op.Cit., p. 36

<sup>228</sup> CHARTIER, Op. Cit.

isso, *invenção bíblica* do curso muito primário em que o povo se embebedou por esses contos, por essas histórias.<sup>229</sup>

Entretanto as influências Católicas muito acrescentaram à criação de Manoel. Essas foram usadas sempre de forma peculiar por ele e lhe originaram várias idéias. A deformação, por exemplo, que teria se iniciado com a indisciplina de alguns Racionais que teriam começado seu progresso por livre e espontânea vontade em uma parte proibida, ainda não pronta da planície, em muito lembra a expulsão de Adão e Eva do paraíso cristão, após por livre e espontânea vontade o casal ter comido a maçã proibida.

O nascimento de Manoel, como já observamos, é narrado como um espetáculo que em muito nos remete ao nascimento de Jesus. Estrelas cadentes, muitas pessoas, enfim, vários indícios ligam a narrativa de seu nascimento à narrativa do nascimento de Jesus. As revelações que Manoel teria tido, a partir de 1933, como já vimos, também nos indicam uma outra influência Católica na Cultura Racional. O caráter revelado da Cultura Racional a afasta, assim como a idéia de um Deus único e presente, das religiosidades mediúnicas. Nessas, ao contrário do Judaísmo, do Cristianismo e do Islamismo, a revelação histórica perde importância em frente a vivência da doutrina e a experiência religiosa<sup>230</sup>. Assim a revelação que Manoel teria tido do Racional Superior, os livros que Manoel teria escrito, estão muito mais próximos das revelações do Tora, da Bíblia ou do Alcorão, do que do diálogo de Kardec com os espíritos nas suas codificações.

A redenção na Cultura Racional, após a imunização, também é uma releitura de Manoel da idéia de salvação cristã, já que:

Uma vez todos sobre a ação racional, a ação, os atos e tudo enfim, é racional, naturalmente, e aí todos vivendo alegres, felizes e contentes para o resto da vida, por o mundo se tornar um verdadeiro *Paraíso Racional*.<sup>231</sup>

Observamos assim que em sua criação Manoel fez diversas releituras do Catolicismo. A expulsão do paraíso, seu nascimento, a revelação dos conhecimentos Racionais pelo Deus interventor, o Racional Superior, e a idéia de uma vida novamente em

---

<sup>229</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 277

<sup>230</sup> CAMARGO, Op.Cit.

<sup>231</sup> COELHO, Op. Cit. Vol. XX, p. 186

um paraíso, são algumas influências Católicas que afastaram um pouco a criação de Manoel das outras religiosidades do campo mediúnico. Como observamos, essas idéias católicas foram inteiramente resignificadas por ele.

Manoel usou várias idéias católicas, espíritas e umbandistas em sua criação. No entanto não reproduziu na íntegra os discursos espíritas, umbandistas e católicos, mas fez uma reinterpretação diferenciada de todos estes. Seguindo Chartier, compreendemos que Manoel se apropriou desses discursos. Nesse sentido, esses discursos conduziram-no a uma nova compreensão de si próprio e do mundo<sup>232</sup>, e o fizeram, através de sua criatividade, moldar a Cultura Racional.

---

<sup>232</sup> CHATIER, Op. Cit, p.24

## Considerações Finais

A criação de Manoel derivou de suas leituras do caldo cultural em que ele estava envolvido como médium de Umbanda na década de trinta. Nesse sentido compreendemos que ele foi influenciado pelas idéias espíritas e católicas que foram usadas pelos intelectuais da Umbanda no processo, ao menos teórico, de legitimação racional desta religião. Todavia os usos e interpretações que Manoel fez dessas idéias em muito divergem das suas fontes. Assim, se por um lado Manoel usou das idéias espíritas e católicas como fizeram os intelectuais da Umbanda, por outro ele as usou de seu jeito, deu a sua cara a elas, já que delas se apropriou. Dessa forma compreendemos que o ele, a partir das leituras de suas influências, deu asas a sua imaginação, reinterpretou as idéias a seu modo e criou a Cultura Racional.

O mundo que surgiu da cabeça de Manoel iniciou sua formação com as idéias que o rondavam enquanto médium de Umbanda na década de trinta. Todo o contexto da sua primeira religião, as lutas teóricas de seus intelectuais, mexiam com ele, já que, além de médium, ele era um provável intelectual da Umbanda. As idéias espíritas como evolução e racionalização, que foram discutidas pelos intelectuais da Umbanda, na cabeça de Manoel ganharam um significado muito distinto. Se na Umbanda a idéia de evolução seguiu os padrões espíritas, onde:

Todos os seres vivos (especialmente os humanos) estariam em um progresso evolutivo cujos momentos não são perceptíveis no percurso relativamente curto de uma encarnação, mas se estende por encarnações sucessivas, recuando até as formas rudes dos mundos inferiores e avançando a perder de vista, em estilos progressivos de perfeição que mal podemos vislumbrar.<sup>233</sup>

Para Manoel essa idéia o impulsionou a criar uma linha de raciocínio extremamente distinta. Em sua criação os seres humanos não estão evoluindo. Ao contrário, estariam

---

<sup>233</sup> CAMARGO, Candido P. F. de. **Kardecismo e Umbanda: Uma Interpretação Sociológica**. São Paulo, SP: Livraria Pioneira Editora, p 25

regredindo. Na Cultura Racional percebemos uma inversão da idéia espírita, somada a um uso partilhado<sup>234</sup> de algumas idéias católicas. Assim, para Manoel, viríamos de um lugar perfeito, um Éden, mas pelo desvio de alguns Racionais, como Adão e Eva que comeram a maçã, estamos regredindo, nos deformando, nos afastando da perfeição. Outro ponto que foge à idéia espírita é que, para Manoel, o progresso em busca da perfeição não viria paulatinamente, após muitas reencarnações. Primeiro porque para ele, como já vimos, não existe reencarnação, não existe um espírito a ser lapidado. E também pois, mesmo que os seres humanos estivessem mudando de fases, até se lapidando um pouco, a grande mudança, a volta a nossa origem e, portanto à perfeição, ao paraíso, após a Cultura Racional, seria imediata para quem estudasse os livros “Universo em Desencanto”, para quem se imunizasse.

A idéia de racionalização dos ritos da Umbanda, presente em seus intelectuais, também seguiu outros caminhos na criação de Manoel. Se os intelectuais da Umbanda buscaram, através de preceitos espíritas como a leitura e a codificação, desritualizar as práticas e afastá-la das religiosidades ágrafas, de ritual mais afro, como o Candomblé. Na Cultura Racional a idéia de racionalização estimulou Manoel de outras formas. O próprio nome do seu movimento é um indício da peculiar interpretação dele da idéia de racionalização. Nesse sentido percebemos que o “Racional” da Cultura Racional pretende passar uma idéia de que esta seria, como era para Manoel, o movimento mais “certo” de todos, que estaria acima da religião, da filosofia, que ele seria o mais “racional”. Esse jogo de palavras é um pequeno exemplo do quanto Manoel se distanciou do uso que os intelectuais da Umbanda fizeram da idéia de racionalização.

A Cultura Racional foi alicerçada por Manoel única e exclusivamente em sua codificação, a obra “Universo em Desencanto”. Assim, se o livro e a leitura tiveram a sua importância cogitada, ao menos teoricamente, pelos intelectuais da Umbanda, na criação de Manoel eles são tudo. Manoel, se afastando do caráter ritual das religiosidades afro, usou a idéia de leitura e letramento como nenhum outro intelectual da Umbanda a usou. Sua criação é toda baseada na obra “Universo em Desencanto”. E foi tão “racionalizada”, que somente a leitura dos livros de Manoel seria o caminho para a salvação. Essa levaria os

---

<sup>234</sup> CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990.

seus leitores a seu mundo de origem, a Planície Racional, juntamente com os nossos irmãos, os Racionais, e nosso guia supremo, o Racional Superior. Tantas idéias “racionais” foram criadas por Manoel a partir da idéia dos intelectuais umbandistas de racionalização da Umbanda. Dessa forma observamos o quanto essas idéias de Manoel se afastam das suas “origens”.

As invenções de Manoel a partir de recriações de idéias espíritas que influenciaram os intelectuais da Umbanda, se somaram a sua leitura das idéias católicas na criação da Cultura Racional. Como já observamos, a narrativa de seu nascimento, o modo como ele teria sido interpelado pelo Racional Superior, o modo como ele apresenta o próprio Racional Superior, a origem de nosso mundo e nosso destino, são alguns dos exemplos de idéias católicas que tocaram a percepção de mundo de Manoel e foram resignificadas por ele.

A narração do nascimento de Manoel é um exemplo de como as idéias cristãs estimularam as suas criações. Os fatos que sucedem o seu nascimento em muito nos lembram o nascimento de Jesus. A estrela guia, a simplicidade do lugar, a multidão que teria vindo observar, são todas idéias bíblicas recriadas por Manoel. A idéia cristã de um Deus, onipresente e interventor, abriu a Manoel uma janela que diferenciou e muito a sua criação da sua antiga filiação, a Umbanda. O Deus judaico-cristão incitou Manoel a criar o Racional Superior. Esse fez com que a criação deste se afastasse da resignificação do politeísmo das religiosidades afro.

A leitura de Manoel da criação do mundo cristã o fez criar uma narração similar, porém, com seu toque, peculiar. Se no cristianismo foi pelo livre arbítrio que Adão e Eva desrespeitaram as ordens de Deus e comeram a maçã, na Cultura Racional o mesmo motivo fez com que alguns Racionais, desrespeitando os avisos do Racional Superior, começassem a progredir por conta própria em uma parte inapropriada da Planície Racional. E se no Catolicismo só a conversão e a fé em Deus, Cristo e na Igreja levaria as pessoas ao paraíso, na leitura de Manoel dessa idéia, só a leitura de seu próprio livro passaria a todos os ensinamentos do Racional Superior e assim os levaria novamente ao paraíso, à Planície Racional. Assim compreendemos, seguindo Chartier<sup>235</sup>, que Manoel abriu todo um mundo em sua cabeça após a leitura das idéias católicas e espíritas. E que, a partir desse novo

---

<sup>235</sup> CHARTIER, Op. Cit.



universo que essas idéias formaram em sua mente, criou as suas próprias idéias, a Cultura Racional. Nesse sentido o uso que Manoel faz das idéias da criação, de espíritos, de evolução e de racionalização, vai muito além da intenção daqueles que as produziram<sup>236</sup>, é uma apropriação. Dessa forma mais do que reproduzir conceitos Manoel criou a partir desses.

As resignificações que ele fez das idéias de leitura e letramento, como já observamos, foram levadas ao extremo e muitas vezes nada tem a ver com as idéias espíritas sobre a codificação. Na Umbanda essa idéia foi utilizada na busca pela fuga do caráter ritual, já que na visão de muitos umbandistas galinhas pretas e velas não eram compatíveis com os novos e crescentes centros urbanos. Assim:

Após o Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda irão se multiplicar os livros dos intelectuais da nova religião que tentavam propor codificações rituais e doutrinárias, aparecendo catecismos, manuais de condução dos trabalhos, (,,).<sup>237</sup>

Na Cultura Racional esse esforço “desafricanizante e erudito” desses intelectuais da Umbanda iria ser apenas uma parte da idéia de Manoel sobre a codificação. Ele, como os intelectuais umbandistas, também pensava na codificação como uma fuga do estigma de “atraso e primitivismo”, alcunhado as religiosidades ágrafas, ou como uma forma de unificar os ritos, já que, como médium de Umbanda, conhecia e bem os problemas da atomização das doutrinas<sup>238</sup>. Todavia, como já afirmamos, a maior parte do significado que Manoel deu à idéia de codificação nada tem a ver com as idéias espíritas ou com o uso que os intelectuais umbandistas quiseram fazer dela. A originalidade, o toque pessoal de Manoel, é visível na sua criação. A partir da idéia de codificação, ele deu a leitura um caráter “mágico” em seu movimento, já que, segundo ele:

Uma vez a pessoa em contato diariamente com o conhecimento da Imunização Racional, a pessoa vai se imunizando, a imunização vai entrando dentro da pessoa, como outro pensamento qualquer elétrico e magnético, mas com superioridade por ser da própria origem da pessoa, por ser de origem Racional. Daí então nasce o equilíbrio, e o bem estar da pessoa, por meio do fluído da Imunização Racional dentro da pessoa. Mesmo com qualquer pensamento ou

---

<sup>236</sup> CHATIER, Op. Cit.

<sup>237</sup> ISAIÁ, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos Noventa*. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999, p. 114

<sup>238</sup> COELHO, Op. Cit., Vol. XX, p. 147

outro fluído, com a imunização dentro da pessoa, ela vai imunizando a pessoa de fluídos bons, e fica a pessoa tomada pelo fluído bom da Imunização Racional e o fluído mau não podendo, nunca mais penetrar, para prejudicar a pessoa, com está ou com aquela enfermidade. Daí então surgem as *curas* por meio do fluído bom, que é o fluído e a origem, o causador de todos os seres. (Grifo nosso).<sup>239</sup>

A leitura ganhou, para Manoel, em seu movimento, o poder de curar. Na mesma passagem da obra, como já vimos, observamos que para ele a leitura da obra aumentaria os anos de vida<sup>240</sup>. Assim, para além da salvação na eternidade, os conteúdos de seus livros trariam a salvação nessa vida. Todavia Manoel vai além. A leitura na Cultura Racional tem um caráter tão “mágico”, que o livro de Manoel teria, segundo ele, poderes tão fortes, como já vimos, que a cura para os analfabetos e para os cegos viria através da audição das histórias e do contato com o livro. Na transformação que Manoel faz da idéia de codificação, seu livro, as próprias folhas de papel com as palavras que o Racional Superior teria passado a ele conteriam poder.

Para Manoel a leitura contínua de seus livros permitiria aos adeptos da Cultura Racional ter contato com o Racional Superior e os Racionais. Nesse sentido, quem estivesse imunizado, quem lesse o livro, estaria ligado à Planície Racional, já que segundo Manoel:

(...) Com a vidência racional, vendo o Mundo Racional, vendo seus habitantes que são seus irmãos, dialogando com eles, fazendo conferências com eles e conversando com eles dia e noite, noite e dia e daí o progresso racional na vida da matéria, por se tratar de uma deformação racional, daí tudo dando certo na vida de todos, tudo de bom, tudo de belo (...).<sup>241</sup>

O Espiritismo é baseado na codificação de Allan Kardec, que deu início a ele. A Umbanda, na busca por capital simbólico, buscou “racionalizar” seus ritos através de codificações. Mas em nenhuma dessas religiosidades a leitura por si só traz a cura de doenças, o aumento dos anos de vida, ou o contato com seres de outro mundo. Nesse sentido compreendemos que as idéias de codificação na cabeça de Manoel lhe deram algumas “ferramentas” simbólicas, que somadas a sua mirabolante criatividade, originaram a “Imunização Racional”.

---

<sup>239</sup> COELHO, Op. Cit., Vol. I, p. 309

<sup>240</sup> Idem, Ibidem.

<sup>241</sup> COELHO, Op. Cit., Vol. XIII, p. 180

Manoel se apropriou das idéias de “racionalização” que estavam em voga no campo mediúnico na década de trinta. Ele criou seu mundo, a Cultura Racional, a partir dessas idéias. Muito de sua leitura dessas idéias foi direcionada por suas vivências, seus filtros, e muito dessa sua interpretação da idéia de racionalização foi extremamente pessoal. Nesse sentido concluímos que o processo pelo qual Manoel passou na década de trinta como médium de Umbanda o levou a fazer apropriações, a criar o seu mundo, a partir de idéias correntes no campo mediúnico. Entretanto seu toque pessoal, suas próprias idéias, além de redimensionaram incrivelmente as idéias já existentes, são em grande parte o que realmente tornou o seu movimento algo tão peculiar. Assim o valor que ele deu à leitura, o caráter “mágico” desta, de seus livros, apesar das apropriações, são interpretações muito pessoais, muito particulares de Manoel. Nesse sentido compreendemos que nem todos os médiuns que se apropriaram das idéias espíritas e católicas deram o passo que Manoel deu. As ressignificações de Manoel são dotadas de uma força imagética muito grande, ou alguém já viu em algum lugar que:

Vejam a vida da lama, da matéria, porque a matéria é lama. Nasceram da lama, surgiram da lama, e todo dia botam lama para fora. Tem o amassador de lama que é o intestino. São lamas em pé e fábricas de lama. Por isso, todo o dia botam lama para fora, e que lama! Que odor bem desagradável.<sup>242</sup>

Enfim, a criação de Manoel nos faz compreender que todas as intervenções, as vivências, por que passamos, que sofremos em nossa vida, assim como as leituras que fazemos, são apropriadas por nós, nos fazem criar em nossas mentes e reproduzir em nossas vidas vários mundos. As narrativas dos livros, suas idéias, nossas experiências, nos incitam a pensar muitas coisas, nos dão muitas idéias. Contudo talvez às vezes algumas idéias de Manoel são tão peculiares, por se ancorarem em representações a um só tempo familiares e originais, que parecem pessoais. Nesse sentido, o exemplo de Manoel, as particularidades de algumas de suas idéias, nos mostram o quão longe a imaginação humana pode chegar.

Nesse trabalho observamos três volumes dos vinte e um volumes básicos (vol. I, XIII, XX), os vinte e um primeiros livros. Durante essa leitura percebemos que Manoel se prendeu totalmente à idéia de que só seu livro levaria a salvação à humanidade. Nesse sentido, apesar de tratar de sua cosmogonia, de falar mal de outras religiosidades, Manoel

---

<sup>242</sup> COELHO, Op. Cit., Vol. XIII, p.233

se prende na idéia de que é necessário ler o seu livro para se salvar. Os livros, apesar de alguns outros assuntos, são um tributo a eles mesmos. Assim vemos que a idéia de leitura que Manoel fez a partir de suas apropriações é realmente muito peculiar. Muitos intelectuais da Umbanda beberam das influências espíritas e católicas. Entretanto, ao menos em parte, seguiram essas idéias. Manoel, ao contrário desses, ao invés de adaptar e seguir essas idéias criou todo um outro mundo a partir delas. Portanto, o livro e a leitura ganharam com Manoel um significado que nenhum espírita ou umbandista pretendeu dar ou deu a eles.

## Fontes

ELIAS, Jorge. **O cavaleiro da Concórdia, O homem de outro mundo**. 1º ed, Racional Gráfica e Editora LTDA, 1988, Belford Roxo , RJ.

MASSON, Celso. **A viagem esotérica de Tim Maia**. São Paulo, SP, Revista Trip, ano 15 (94): p.84-92/116, outubro de 2001. Devemos questionar essa fonte devido a sua natureza, mas sem dúvidas os relatos de amigos e conhecidos de Tim Maia que a mesma trás é de muito valor para nossa pesquisa.

COELHO, Manoel J. **Universo em Desencanto**. Belford Roxo: Gráfica e Editora Racional, Volumes I, XIII e XX.

## Bibliografia

ALBUQUERQUE, Eduardo Bastos de. Distinções no campo de estudos da religião e da História. In: GUERREIRO, Silas. **O estudo das religiões. Desafios contemporâneos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica a Religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. Estrutura e gênese do campo religioso In: **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**; prefácio Sérgio Miceli. – São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 1996.

CAMARGO, Candido P. Ferreira de. **Kardecismo e Umbanda**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1961.

CARVALHO, José Jorge de. O encontro de velhas e novas religiões. In: MOREIRA, Alberto; ZICMAN, Renée. **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S/A, 1990.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição** / tradução: Maria Betania Amoroso, - São Paulo: Companhia das letras, 1987.

GUASEELLI, César Augusto Barcellos *et al.* (orgs.). **Questão de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

ISAIA, Artur C. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de Umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. **Anos Noventa**. Porto Alegre: UFRGS, (11): 97-120, 1999.

ISAIA, Artur Cesar. João do Rio: O Flâneur e o Preconceito. Um olhar sobre o transe mediúnico na capital federal de inícios do século XX. In: MARIN, Jérri Roberto. **Religiões, religiosidades e diferenças culturais**. Campo Grande: UCDB, 2005.

ISAIA, Artur Cesar. Espiritismo, Conservadorismo e Utopia. In: PINTO, Elisabete Aparecida e ALMEIDA, Ivan Antônio de (orgs). **Religiões: tolerância e igualdade no espaço da diversidade: (inclusão social, étnica e de gênero)**. São Paulo, SP: Fala Preta! Organização de Mulheres Negras, 2004.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: **História e Memória**. Campinas, SP: Editora Unicamp.

LEWGOY, Bernardo. O Sincretismo Invisível: Um Olhar sobre as Relações entre Catolicismo e Espiritismo no Brasil. In: ISAIA, Artur Cesar, (org). **Orixás e Espíritos: o debate interdisciplinar na pesquisa contemporânea**. Uberlândia: EDUFU, 2006.

MARILENA, Chauí. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

MEDINA, Ceres de Carvalho. O pensamento Kardecista. In: CONSORTE, Josildeth Gomes e COSTA, Márcia Regina da (orgs). **Religião, política, identidade**. São Paulo, SP: EDUC, 1988.

MICELI, Sergio. Prefácio. In: Bourdieu, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2001

NEUMANN, Ricardo. **A Cultura Racional e o campo religioso brasileiro contemporâneo**, 2006.

ORLANDI, Eni P. O discurso pedagógico: a circularidade e O discurso religioso. In: **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**. Campinas: Pontes, 1987.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil – O declínio das religiões tradicionais no censo 2000. *Estudos Avançados*. 18(52), 2004.

SANCHIS, Pierre. O Campo religioso será ainda o campo das religiões? In: HOORNAERT, Eduardo. **História da Igreja na América Latina e no Caribe (1945-1995). O debate metodológico**. Petrópolis: Vozes, 1995.

STOLL, Sandra Jaqueline. **Espiritismo à brasileira**. São Paulo, SP: EDUSP, 2003.

WARREN, Donald. A Terapia espírita no Rio de Janeiro por volta de 1900. **Religião e Sociedade**, 1984.

## **Web grafia**

[www.culturaracional.com.br](http://www.culturaracional.com.br)

[www.mundoracional.com.br](http://www.mundoracional.com.br)

[www.petcanabrava.ig.com.br](http://www.petcanabrava.ig.com.br)